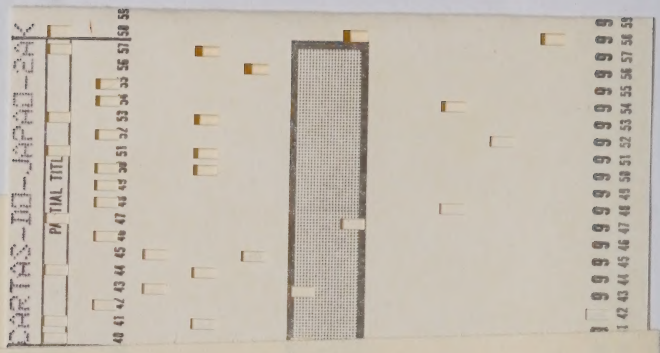


THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

DS837
.M68
1927
v. 2

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.
Form No. 513			

WENCESLAU DE MORAES

ARTES DO JAPÃO

S E PORTUGAL BRASIL
LISBOA

CARTAS DO JAPÃO

D'esta edição foram impressos 200 exemplares em papel couchê, *numerados.*

Casa de residencia de Wenceslau de Moraes
em Tokushima

DA 837
1927
V. 2

WENCESLAU DE MORAES

CARTAS DO JAPÃO

II

2.ª SERIE — 1909-1910

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL
SOCIEDADE EDITORA
ARTHUR BRANDÃO & C.ª
RUA DA CONDESSA, 80

Reservados todos os direitos de reprodução: em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Código Civil Português;* no estrangeiro (países da União) em harmonia com a Convenção de Berne, a que Portugal aderiu por decreto de 18 de Março de 1911, e a que o Brasil aderiu tambem pela lei n.º 4:541, de 6 de Fevereiro de 1922, e decreto n.º 15:530, de 21 de Junho do mesmo ano.

Imprensa da PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 100 — LISBOA

I

5 de janeiro de 1909

Referencia á propaganda pacifista e á febre dos armamentos; considerações sobre o assumpto — A pintura japoneza; suas feições caracteristicas; as outras artes e, em especial, a poesia; o «haikai»; divagação sobre este — Relatorio de um addido commercial inglez, em que se falla de Macau; decadencia do trafico d'essa nossa possessão — Ponto final; o anno velho e o anno novo.

"A Paz do mundo» suggeriu, ha alguns dias, a um jornal inglez publicado no Japão — *The Japan Chronicle* — assumpto para um longo artigo de fundo, abundante em considerações sobre a materia; e, após a leitura do artigo referido, vem igualmente suggerir-me assumpto para umas ligeiras referencias.

N'estes ultimos annos, em que a propaganda pacifista se vem mostrando tão activa, é licito perguntar se os seus esforços alguma coisa hão conseguido, no sentido de pôr côbro aos grandes armamentos e aos preparativos bellicosos. A resposta é negativa.

Os armamentos, maritimos e terrestres, augmentam immensamente, de anno para anno. Todos os governos e todos os soberanos entoam deliciosissimos discursos na glorificação da paz, mas todos se preparam para a guerra.

Vejamos a Inglaterra: o governo annuncia que a garantia da sua integridade consiste em manter uma força naval superior em 10 % ás duas esquadras reunidas de quaesquer duas nações.

A Allemanha porfia tenazmente em augmentar as suas forças de combate.

Na França demissiona um ministro, accusado de incuria no desenvolvimento da marinha; e vem outro, que promette remediar o mal com toda a urgencia.

Na Italia reina agora o maior enthusiasmo pelo sacrificio financeiro, reclamado pelo augmento da esquadra e do exercito, etc.

Voltando agora as vistas para a America, é o presidente Roosevelt que veste as azas brancas de anjo pacificador e condoído, para apressar a paz entre a Russia e o Japão; mas é elle, ao mesmo tempo, quem cuida de exaltar o espirito nacional, planeando uma frota colossal.

A Asia offerece-nos o espectaculo de um imperio glorioso e de espirito aguerrido, buscando engrandecer-se por terra e pelo mar; tolhido apenas em seus programmas arrojados por um grande travão — a difficuldade financeira. Quanto á China, a immensa China, ha muito que votára odio e desprezo á guerra, á lucta pelas armas; mas tanto a Europa a beliscou, tanto lhe fez sentir — na pelle — a efficacia dos canhões, que, acordando, tambem agora quer exercitos, tambem agora quer navios . . .

No entretanto, se a febre pelo desenvolvimento dos armamentos se accusa em toda a parte, devemos comtudo admittir que a espontaneidade em erguer o braço armado e em decidir as disputas pelo ataque se mostra agora menos arrogante. Não queiramos tirar do facto — apresso-me em dizer — conclusão alguma que respeite

melhoria no caracter dos homens, tornados mais bons, mais piedosos. Não. Antigamente, dominava no sentir um romantismo patriota; escaldavam-nos o sangue restos de brios medievaes, irreflectidos, impulsivos, intemeratos. Hoje domina o egoismo, tornando os homens mais prudentes, calculistas, discutindo as probabilidades de uma empreza antes de tal empreza ter inicio.

Quando uma ideia aggressiva se apresenta sem risco digno de menção, quando a victoria é certa, não se hesita, faz-se a guerra. A guerra dos americanos contra os hespanhoes, a guerra dos inglezes contra os boers, a guerra dos *boxers,* as guerras coloniaes, a actual guerra com Marrocos, são exemplo da asserção; se a Austria e a Bulgaria esquecem os seus compromissos — como agora succede, — e lançam a luva á Turquia, a braços com a obra da sua renascença, ainda se dá o mesmo phenomeno. Mas — tenhamos por provavel — uma grande potencia não se baterá com outra grande potencia . . . por prudencia.

Digamos de passagem que, em harmonia com os principios apontados, véem-se manifestando tendencias mundiaes para um derivativo, que consiste em substituir a guerra pelas armas pela guerra commercial. A' guerra commercial cabem as honras de haver descoberto a verdadeira polvora sem fumo . . . e sem polvora; lançando meio do bloqueio pacifico, do *boycott,* das represalias aduaneiras e ainda de outros muitos meios; damnificando o inimigo sem risco para o aggressor, matando sem ferir, subjugando pela miseria e pela fome. A guerra commercial não é menos barbara do que a outra; mas é mais segura, mais proficua, quando é um poderoso Estado que a inicía. Mas a guerra pelas armas, cruel como ella era, tinha suas vantagens, como a de sublimar

os brios de patriotismo e a de manter a solidariedade nacional; emquanto que a guerra commercial offerece os seus inconvenientes, como o do rebaixamento do civismo e o de favorecer instinctos egoistas.

Seja como fôr, o problema está longe de offerecer uma facil solução. O enorme augmento de armamentos faz prevêr, de facto, uma crise fatal, de effeitos espantosos.

Mas, qual seja a indole de tal crise, ignora-se por completo.

Será a bancarrota universal? Será um monstruoso cataclysmo, que envolva em lucta o mundo inteiro? Será o progresso das machinas aéreas, que torne inuteis os exercitos e as esquadras? . . . Ninguem o adivinha.

No emtanto, talvez que o extraordinario poder aggressivo das nações, tal como o conhecemos presentemente, não constitua uma causa, mas antes um effeito; effeito, entre muitos, da prolongada evolução em um sentido, effeito da caducidade das nações, effeito da degenerescencia dos individuos. E então surge ao pensamento a necessidade fatal, imposta pelos destinos, de uma grande convulsão que alcance toda a humanidade; da qual resultem uma purificação e uma nova linha de conducta, uma nova consciencia; encetando os povos um outro trilho, na senda das aspirações e dos progressos. E acode então ao espirito a profunda phrase aqui citada n'uma anterior correspondencia, phrase que ha pouco proferiu um russo, versado em sciencia philosophica: — os escriptores futuros dividirão a historia universal em dois capitulos: antes da guerra russo-japoneza, depois da guerra russo-japoneza . . .

— Palestrando á proposito da pintura japoneza, já se disse n'estas cartas que uma das suas feições mais cara-

cteristicas é a simplicidade internacional dos traços, uma sobriedade de contornos que visa a traduzir a intenção do assumpto pelo menor numero possivel de detalhes. E traduz.

Por este modo, um trecho qualquer de pintura japoneza mal consegue representar uma determinada scena, um canto de paizagem conhecida, por exemplo. Mas, por um dom sentimental do executante, dom que é o assombroso privilegio da raça de artistas que é o povo japonez, os traços, os esboços, encerram um extraordinario poder evocativo, suggestivo; rasgando, no espirito do observador, um mundo immenso de recordações, de divagações.

E n'isto está principalmente o seu encanto.

Isto, que se diz para a pintura japoneza, diz-se para a inteira Arte japoneza; e diz-se, conseguintemente, para a Arte litteraria, para as bellas lettras.

Na poesia, por exemplo, encontra-se a mesma caracteristica: — a sobriedade da palavra, a vaga exposição da ideia, recordando ao leitor, no entretanto, um vastissimo horisonte de impressões.

Na nossa lingua, por exemplo, a fórma mais resumida do poema é o soneto; e é bem sabido quanto as suas diminutas proporções tornaram a composição complicada. Poderiamos affirmar que, ainda mais resumida do que o soneto, existe a quadra, com quatro versos e vinte e oito syllabas; mas a quadra portugueza, embora muitas vezes deliciosa, é propriamente a fórma rythmica da emotividade popular, espontanea, sem pretenções a peça litteraria.

A quadra portugueza é para o povo, o que o gorgeio matinal é para o rouxinol e para a toutinegra.

Ora, a poesia japoneza, julgada pelas suas dimensões

e pela sua ingenuidade, não passou ainda além do periodo de gorgeio. As extensas peças poeticas são quasi por completo desconhecidas, sendo a forma mais usual do poema representada pelo *tankâ,* composto de cinco versos, respectivamente de cinco, de sete, de cinco, de sete e de sete syllabas, contendo ao todo trinta e uma syllabas. O *tankâ* entrou em moda desde remotos tempos; mas bem mais tarde, pelo seculo XVI, ainda se cuidou de dar mais concisão á arte poetica, creando-se o *haikai,* que tem apenas tres versos, de cinco, de sete e de cinco syllabas, ao todo dezesete syllabas.

N'estas composições minusculas, os *haikai,* distinguiram-se muitos poetas japonezes, e ainda se distinguem; mas foi Baso (1643-1649) o seu maior cultor.

O *haikai,* escripto apenas com dezesete caracteres, faz bem lembrar um desenho japonez: — concisão nas phrases, como concisão nas linhas; e um largo estimulo de evocação, com que o leitor, como o observador, se apraz, divaga e se deleita.

Antes de terminar, desejo offerecer, a quem fôr seguindo esta palestra, a traducção portugueza de um *haikai.* Poderia, rigorosamente traduzindo, apresentar apenas os tres versos; mas o nosso ouvido poetico acceita mal tal concisão. Por isto prefiro a quadra, posto que um pouco mais prolixa do que o *haikai,* mas perfeitamente apropriada ao nosso ouvido; e, effectivamente, se algum dia um escriptor portuguez cuidasse de traduzir uma collecção de poesias japonezas, seria a gentilissima quadra nacional, tão completa, tão sonora, que lhe fôra o mais primoroso intreprete da dôce poesia do Nippon.

Agora, segue a traducção de um *haikai,* escolhido de entre muitos:

Ai, folhas mortas, cahidas! . . .
Vejo-vos mais numerosas
Agora, do que vos via
Quando nos troncos, viçosas . . .

Dêmos de barato a imperfeição da traducção. Cuidemos só da ideia. Effectivamente, resalta d'esta poesia um grande enlêvo. Em primeiro logar, o simples primeiro verso rasga-nos um vasto horizonte de paisagem outomnal; leva-nos a percorrer, de memoria, sitios queridos outr'ora percorridos, quando enlevados nos scenarios, avançando pelas longas azinhagas ou embrenhando-nos nos bosques, sentindo estalar a nossos pés a folhagem morta e resequida, que vai atapetando o sólo. Em segundo logar, o poeta convida-nos a admittir uma noção: — que a gente vê em maior numero as folhas sêccas e cahidas, do que quando nas arvores, cheias de vida e de frescor. — Esta noção, mathematicamente fallando, é falsa; pois é evidente que cada folha sêcca corresponde exactamente a cada folha verde; nem mais, nem menos. Mas reconhecemos que é verdadeira, no respeitante á nossa emotividade sensitiva; e é isto que mais importa. Com effeito . . . especifiquemos um local, para tornar o caso mais frisante: — o nosso jardim, por exemplo; — com effeito, o outomno dá-nos a impressão de que as folhas mortas, cahidas sobre o sólo, são em maior numero do que as folhas verdes, que vestiam as nossas arvores na primavera e no estio.

Poderiamos apontar varias razões d'este phenomeno: — a disposição, em differentes planos, das folhas vicejantes, em contraste com a agglomeração, n'um só plano, das folhas que cahiram; o maior grau de attenção que a vista dá ao sólo e aos seus aspectos, do que ás coisas aéreas, projectadas no azul, sobre as nossas cabeças; etc.

Em todo o caso, admittimos com o poeta, que uma folha verde se multiplica em muitas folhas mortas. Agora, transitando para divagações sentimentaes, descriminamos e admittimos igualmente o pensamento incofessado que transparece no poema, isto é, que cada esperança se desdobra em mil desillusões, que a cada aspecto de vida e de alegria corresponde um enxame de sequencias de morte e de miseria.

O auctor do *haikai* que traduzi inspira-se, indubitavelmente, de concepções buddhistas; vê os aspectos sorridentes d'este mundo como manifestações ephemeras, que n'um momento se transformam, para se irem multiplicar em scenarios de desolação e decadencia; para elle, a vida é a contingencia infima, fortuita; a morte é a suprema lei universal, para que tudo tende ...

O meu intuito era simplesmente apontar como n'uma pequena phrase tantas suggestões se encerram! ... Creio tel-o realisado.

— Um jornal inglez de Kobe transcrevia, ha poucos dias, algumas considerações interessantes do ultimo relatorio do addido commercial inglez, junto á legação britannica em Pekin. O alludido documento — ajuntarei — deve merecer-nos todo o credito por ser bem conhecida a competencia profissional dos funccionarios inglezes na materia.

Fallando do commercio da China com os paizes orientaes, começa assim o relatorio: — «Com excepção de Macau, cujo trafico com a China declina simultaneamente em importação e exportação, todos os outros paizes orientaes accusam notaveis accrescimos na totalidade do commercio ... » — E prosegue, apresentando profusos dados estatisticos, que julgo não dever reproduzir, por enfadonhos.

Mas o primeiro commentario bem merece algum reparo. Porque será que Macau faz excepção em tal assumpto? Por certo, as exiguas dimensões da nossa colonia extremo-oriental, o seu porto — mau e mal cuidado, — a ausencia de communicação maritima com a metropole e a terrivel concorrencia que lhe fazem os visinhos portos estrangeiros (para citar apenas estas causas), não dão logar a que se espere que a velha colonia portugueza se illustre por brilhantes arrojos mercantis. Mas devia-se nutrir a esperança de que ao menos o commercio de cabotagem de Macau viesse offerecendo melhoria; o desengano é cruel, e será realmente facto lamentavel se não soubermos evitar que, de mal para peor, Macau se reduza um dia a um rochedo inutil, improficuo.

— Lembro-me agora, quando é já tempo de pôr ponto final n'esta correspondencia, de que um anno velho se foi, o de 1908, e de que um anno novo appareceu, o de 1909. Pois, por me vir tarde esta lembrança, passará sem commentario o anno novo. Antes assim. Felicitações não são precisas: — se o leitor é feliz, dispensa-as; se não é, pesam-lhe. Para mais, o terrivel terramoto da Italia, de que nos chegam, n'este momento, noticias telegraphicas, como que estende um véu de luto por sobre a Europa inteira, por sobre o mundo inteiro; deixando-nos no espirito, mesmo aqui, n'este Japão, uma vaga impressão de mágua por todas as miragens fagueiras com que a crosta do mundo se engrinalda . . .

Perante tamanha catastrophe, a piedade chistã chora, desespera-se; apenas, talvez, a placidez de um Buddha poderá manter-se serena, imperturbavel . . .

II

30 de janeiro de 1909

O problema da China; considerações sobre esta questão — A proposito da China e dos estrangeiros; o consul inglez em Yokohama; transcripção de um paragrapho que convém tornar publico — O que se passa na California; furor anti-japonez — Considerações suggestionadas pela historia de um par de ratos; conta-se essa historia.

AINDA ha bem poucos annos, o problema da China resumia-se, para o mundo occidental, em retalhar o immenso imperio em diversas espheras de influencia, onde podessem exercer-se, sem grave risco, nas suas mutuas relações, as cobiças europeias.

Esse tempo já passou. O rebanho amarello começa a impôr-se por si proprio. Entre outras causas, a recente guerra russo-japoneza — mas principalmente esta — fez sentir por toda a parte, embora vagamente, a enorme importancia da familia asiatica nos destinos mundiaes. Encara-se hoje com respeito, com temor, a evolução chineza, no mysterio do seu desenvolvimento; não sobrando appetites, ainda aos Estados occidentaes mais poderosos, para insistirem na politica iniciada, das *espheras de influencia*.

Os Estados que possuem colonias sobre a orla da immensa China cuidam naturalmente de guardal-as;

mas convencidos de que passou a opportunidade de alargal-as.

Em Portugal, o interesse pelas coisas do Extremo-Oriente, n'estes ultimos seculos, tem sido negativo, embora a simples posse de Macau devesse dar, por si só, motivo para o contrario. Mas, se entre nós não desperta curiosidade o que se passa na China ou no Japão, ou o que poderá vir a passar-se, acontece o contrario na Inglaterra, na Allemanha, na França e n'outros centros, onde a attenção publica já vivamente se impressiona a tal respeito, consagrando longas columnas ao assumpto os jornaes mais conceituados e mais lidos. E, naturalmente, vultos de indiscutivel competencia acodem a expôr as suas ideias, com uma largueza de vistas que nos faria rir ha alguns annos, mas que hoje nos faz apenas meditar.

Um d'esses vultos é sir Robert Hart, que viveu 54 annos na China, como commissario geral das Alfandegas imperiaes, e que hoje se encontra de volta á sua patria, em Inglaterra. O venerando funccionario, discursando em comicios e em banquetes, e sendo a sua palavra reproduzida pela imprensa, tem sido, n'estes ultimos mezes, um dos mais brilhantes divulgadores do que sejam a China e o seu povo, concluindo, por sábias deducções, o que poderão vir ainda a ser.

Não me sobra agora espaço — mas, n'outra occasião me sobrará — para citar minuciosamente um seu discurso, ainda ha poucas semanas proferido n'um banquete que, em Londres, a Camara de Commercio lhe offereceu. Vou fazer apenas referencia ao que elle disse com respeito a uma China armada e poderosa, de futuro.

O chinez tem sido sempre, na opinião de sir Robert, uma pessoa de notavel sensatez, cuidando de resolver as

questões pela palavra, não pelas armas; tratando de appellar para a razão, de preferencia á força; detestando a vida militar e os feitos dos guerreiros. Mas o chinez acaba de descobrir que a competição da existencia occidental se alastra tão visinha de si proprio, que se lhe torna necessario, no interesse de si mesmo, possuir um exercito e uma marinha, e terá, cedo ou tarde, um exercito e uma marinha. Mas muitos annos decorrerão antes que os chinezes se tornem soldados a valer, pois por tanto tempo votaram á execração o uso da força, que a hereditariedade actuou, cristallysando tal execração n'uma parte, n'uma parcella inherente do temperamento; e, embora os chinezes possam ser bellos atiradores e talvez melhores para a marcha do que os soldados europeus, falta-lhes a paixão pela lucta, que só em successivas gerações alcançarão. Virá porém; o exercito augmentará; e em 100, ou 200, ou 300 annos, os chinezes terão os seus soldados munidos de uma educação militar bem differente da actual.

A organisação de um exercito territorial de voluntarios, continua sir Robert, apresenta-se como o systema preferivel, mas não offerecerá o grande numero de homens requeridos. Por outro lado, o recrutamento vem prejudicar muito o lar do povo, mas eleva o povo ao mesmo tempo. A China recorrerá provavelmente aos dois processos. Não manterá em armas, parece, forças exorbitantes; mas uma grande maioria dos varões terá recebido uma educação militar conveniente. E então, dentro de dois seculos, dentro de tres seculos, quando o imperio chinez possa dispor de 40 ou de 60 milhões de homens promptos para o serviço, talvez as ideias de Confucius, em opposição á lucta pelas armas, ganhem prestigio, encontrando-se o imperio habilitado a poder bradar ao

mundo inteiro: — «Agora, meus senhores, tratem de resolver suas disputas por outra fórma; a China não quer mais guerras!...» — Eis um dos effeitos que sir Robert julga possiveis, tendo em vista o caracter chinez e a influencia futura da China na balança mundial.

— A proposito da China e dos estrangeiros estudiosos que d'ella se occupam actualmente com brilhante proficiencia, deve aqui ser mencionado, embora de passagem, o consul geral de Inglaterra em Yokohama, snr. Hall, que publicou ha pouco, na *Positivist Review*, um interessante artigo, escripto com notabilissima independencia de vistas, a respeito da chamada revolta dos *Boxers*.

Não me sobejando espaço para reproduzir n'este logar o mencionado artigo, nem mesmo parte d'elle, limito-me a transcrever um soberbo paragrapho sobre as causas da referida revolta, paragrapho a que convém dar toda a possivel publicidade, para geral ensinamento.

Diz o snr. consul geral Hall:

«Duas causas principalmente contribuiram para fazer rebentar aquella effervescencia politica, que tanto aterrou o mundo inteiro. Foram ellas primeiramente a tentativa, por parte dos governos occidentaes, de impôrem a religião christã ao povo chinez; em segundo logar, a aggressão e a rapacidade das grandes potencias europeias. A primeira d'estas causas tem sido exercida durante cincoenta annos; a segunda, na sua fórma aguda, durante cinco annos; quando então as suas influencias conjugadas produziam a explosão de 1900.»

Palavras cheias de verdade, que véem espalhar vivida luz sobre as paginas da historia, nem sempre escripta com o criterio desejavel. E justamente, pelo que respeita

á China, muitas das suas convulsões contra a raça branca, as quaes teem sido por nós attribuidas á civilisação retrograda e aos instinctos barbaros dos chinezes, encontram unica explicação no despotismo religioso das missões europeias e na cobiça sem freio dos Estados do Occidente.

— No Estado da California estão-se passando coisas extraordinarias.

No furor anti-japonez dos californianos, iniciado, como está na memoria de nós todos, com a exclusão das escolas publicas das creanças japonezas, medra agora a ideia, que requer approvação official, de prohibir aos japonezes o direito de adquirirem terrenos e de serem directores de Companhias. De sorte que para nada valeu ao Japão a prudencia com que encarou o grave assumpto das escolas, e ainda o assumpto, mais grave, do restringimento da emigração para o sólo americano; nada valeu o fidalgo acolhimento que os nipponicos déram, ha tres mezes, á armada americana; nada valeram as festivas boas-vindas, prodigalisadas a um bando de mercadores de S. Francisco, que ha dois mezes visitaram o imperio.

Na California, decididamente, propaga-se ameaçadoramente, como uma flôr do mal, o odio de raças. Cuidado. N'este momento, o Japão está pobre, está exhausto; soffre as affrontas, fingindo que as ignora. Mas que tremendas catastrophes se prevêem no futuro, se os *yankees* não souberem reprimir os seus insolitos rancores! ...

— Imagino que o leitor é, por exemplo, um modesto negociante de vinhos nacionaes, ou amanuense em uma secretaria do governo, ou capitão de cavallaria do exer-

cito. Imagino mais que tem uma filha, casadeira; e apostaria as minhas barbas em como a sua maior aspiração, de pae extremoso — diga-se em seu abono, — é casar a filha com algum potentado do negocio e da finança, ou com um ministro do Estado, ou com um general. Pois pensa erradamente. Se eu me permitisse a liberdade de dar-lhe de cá um conselho em assumpto tão cheio de melindres, dir-lhe-hia, se é modesto negociante, que case a filha com um modesto negociante; se é amanuense, que case a filha com um amanuense; se é capitão de cavallaria, que case a filha com um alferes do seu regimento. As uniões disparatadas, no respeitante a hierarchia social, são, em regra, impossiveis; e, quando por excepção realisaveis, provam mal.

Foram-me suggeridas estas considerações pela leitura, feita ha pouco, de uma velha historia do Nippon, a qual passo a contar, julgando-a proveitosa.

Era uma vez, ha muitos seculos, um par de ratos, que passavam a vida muito contentes, dentro de uma parede de certa casa japoneza, farta e tranquilla.

O casal tinha uma filha unica, contrariamente ao que succede com a grande maioria dos individuos d'esta especie, cuja prol é numerosa; e esta rara circumstancia, junta á de ser Ó-Chu San (a menina D. Chu) um mimo de graça e de belleza, explica o grande affecto que seus paes lhe consagravam.

Ó-Chu San fôra educada em todas as prendas do seu sexo: — tocava harpa, sabia servir o chá e organisar ramos de flores, dava-se á litteratura e á escripta, sendo eximia no estilo epistolar. Vestia-se com primôr inexcedivel, abundando-lhe, nos amplos cofres de charão, os kimonos, uns de sedà, outros de crepe, de varias côres e varias formas, com os quaes a familia a regalava.

Todos os ratos celibatarios da visinhança requestávam — comprehende-se — a gentilissima Ó-Chu San; para ella retorciam os bigodes, alisavam o pello, davam-se ares garridos; alguns, os mais afoitos, vinham pedir a sua mão. Sahiam, porém, desenganados. Os paes da jovem não encontravam em todo o reino roedor — ratos brancos, ratos pardos, ratazanas, arganazes e todas as outras variedades — um só sujeito que fosse digno de possuir aquella joia.

Depois de muito meditar, Chubei, que era o pae, concluio, com plena approvação de sua esposa, que apenas sua excellencia o Sol, ou sua excellencia o Luar, ou algum outro excelso vulto do universo poderia ser seu genro e esposo de Ó-Chu San.

Mãos á obra. O Sol, envolto sempre em chammas rutilantes, mostrava-se pouco propenso a entrevistas. Vai então, Chubei foi ter com o Luar, mais accessivel, e offereceu-lhe a mão da filha. O Luar, a principio, deu signaes de alta surpreza, não estando acostumado a pedidos de tal ordem; mas apóz, cavalheiroso, agradeceu, pediu desculpa e recusou-se, allegando que o Nevoeiro o separava das coisas terrenas e constituia um obstaculo ao consorcio.

Chubei dirigiu-se então ao Nevoeiro e fez-lhe proposta semelhante. O Nevoeiro tambem se recusou, dizendo, por seu turno, que o Vento o separava das coisas d'este mundo.

Chubei, não desesperando, dirigiu-se então ao Vento e fez-lhe igual offerta. Mas o Vento negou-se, ponderando que o Muro se antepunha entre si e a bella Ó-Chu, tornando o casamento impraticavel. Chubei procurou então o Muro, no seu proposito insistente, mas este servindo-se de longos commentarios philoso-

phicos, disse, em resumo, julgar-se dotado de grandes energias contra o Vento, cujos embates dominava; porêm, contra os ratos, que o trespassavam de buracos, que o minavam por dentro e por fim o desfaziam, é que elle nada era. O Muro encontra nos ratos os seus inimigos naturaes e cedo ou tarde, vencedores. A união proposta seria, além de ridicula, perigosa.

Chubei teve que conformar-se com todas as razões que foi escutando, concluindo que o que melhor se lhe offerecia era voltar ao esconderijo familial. Alli, á bocca de um buraco, esperava-o a esposa, ardendo em curiosidade — curiosidade de femea, desculpavel pelo assumpto, que tão de perto lhe tocava ... — Choveram as perguntas. O rato, lambendo o suor da bigodeira, contou tudo. Frisou a circumstancia de ter supposto o Luar um ente a todos superior; mas enganara-se, porque o Nevoeiro o dominava. Este tambem não era independente, porque ao Vento obedecia. O Vento obedecia ao Muro. O Muro obedecia aos ratos. De sorte que, em boa logica, os ratos eram a todos os entes superiores; consequentemente, o marido para a filha devia ser dentro da especie procurado.

Assim se combinou. Agora era cuidar de descobrir um rato digno de Ó-Chu San. Alguns nomes appareciam elegiveis. Chumaru, que vivia no fôrro do telhado? Com effeito, Chumaru era formoso bicho; mas o sitio era muito frequentado pelos gatos dos visinhos, circumstancia que poucas garantias de felicidade offerecia a Ó-Chu San.

E Chukuro? Um bello noivo, astuto e industrioso; mas vivia no armário, não longe do logar onde o cão da casa ia por habito aprazer-se ...

O problema complicava-se. Esposo e esposa haviam

cessado de fallar, olhavam-se perplexos. N'aquella occasião, casualmente, Chusuké, um ratinho ao serviço já desde longo tempo, passava cêrca occupado não sei em que mister. A boa rata mãe teve uma inspiração:— «E Chusuké? . . .» Com effeito, aquelle moço, ha muito habituado com a familia, dedicado e sollicito, seria o melhor noivo para Ó-Chu San. E foi-o; e casaram, reunidos em festa e rodeados dos parentes. E sobre o casal choveram mil venturas.

O pae da noiva, o qual foi um dos que mais folgou com o caso, tomou por habito contar, em tom de aviso aos seus amigos, as inuteis peripecias que passara a viajar pelos espaços, á cata de um noivo para a filha; tendo de regressar ao proprio lar, onde então encontrou o marido appetecido. E concluia, sentenciando, que cada qual deve casar com individuos da sua qualidade.

III

16 de fevereiro de 1909

A questão anti-japoneza na America; alguns commentarios ácerca do assumpto — Conferencia sobre o opio; informações varias; falla-se a proposito de Macau — Um artigo interessante sobre os jardins das cidades; divagações suggeridas por esse artigo — Curiosas manifestações da existencia de um centro populoso.

Os ultimos telegrammas que nos chegam da America e da Europa dão-nos a interessante informação de que a assembleia do Estado da California rejeitou a proposta que prohibia ás creanças japonezas a entrada nas escolas publicas, bem como outros projectos anti-japonezes, incluindo o de confinar os emigrantes nipponicos em determinadas áreas do paiz. Outros projectos de identico caracter, que se pensava transformar em leis nos Estados de Nevada e de Oregon, foram tambem postos de parte.

Está, pois, serenada, por algum tempo, a questão anti-japoneza na America, graças aos esforços de varios politicos influentes, principalmente do proprio presidente da republica. E ainda bem, pois a questão ia tendendo a irritar profundamente as susceptibilidades do espirito nipponico, embora até agora tenha dado provas de uma serenidade admiravel, e a difficultar de futuro as rela-

ções, commerciaes e outras, entre a grande republica americana e este imperio.

No entretanto, o problema está longe, muito longe, de ter encontrado solução; antes devemos contar, como provaveis, futuras complicações, que se expandam, que se alastrem, encontrando ecco em outros paizes. O odio de raças, que começa a manifestar-se n'alguns Estados americanos contra os japonezas e contra os asiaticos em geral, e tambem na Columbia ingleza e já na Australia, constitue um dos phenomenos mais interessantes, e tambem de mais séria importancia, dos que hoje se vão passando na existencia mundial.

Ha uma parte jocosa em tudo isto, que faz crispar de riso amargo a face do observador: quando pensamos que foi da America que partiu o movimento anti-japonez, da livre America, que ha 50 annos obrigava o Japão a entrar com ella em relações, invocando o principio da universal communhão dos povos nos progressos humanos. A America abriu as portas do Japão, e fecha-lhe agora as suas... O processo, com poucas variantes, é-lhe peculiar. Installados os occidentaes no novo mundo, cuidam de exterminar o povo indigena. Após, por falta de braços robustos, promove-se em grande escala a escravatura negra; mas, quando o negro é dispensavel, persegue-se por todos os modos, lyncha-se... O trabalho asiatico foi muito apreciado e muito protegido; mas agora, quando o asiatico já faz concorrencia á energia americana, prohibe-se-lhe a entrada...

A expressão comica, porém, é a parte menos importante do problema. O que mais deve impressionar-nos é o principio que se adivinha, do qual a America se encarrega de offerecer, em inicio, o primeiro exemplo prático: — a incompatibilidade das duas raças, branca e ama-

rella, para o desenvolvimento, em collaboração, das suas energias. Ora, até agora, quando o occidental encontra estorvos, para a sua expansão, em homens de outra raça, em homens de outra côr, occorre-lhe um expediente facil — esmaga-os; mas a raça amarella está accusando um subito renascimento, que parece vir de molde a fornecer-lhe meios de poder resistir a tal processo.

Fica assim esboçada a situação; iremos assistindo a repetidos choques d'estes dois elementos que se repellem, que se estorvam; mas o desenvolvimento completo da tragedia fica reservado para gerações vindoiras, ainda mui distantes, não nos cabendo mesmo presagiar-lhe os resultados.

— Está funccionando ha alguns dias, em Shangae, a conferencia do opio, na qual Portugal, como outras nações interessadas, tem os seus representantes.

O fim da conferencia é conhecido. O governo chinez e uma grande parte culta da população do grande imperio pensam, sem estimulos de estranhos, sem conselhos de missionarios, mas de sua propria iniciativa, de sua propria consciencia, acabar com o uso do opio; — vicio do opio — melhor lhe chamaremos, o qual tanto se alastra entre os chinezes, prejudicando-os immensamente na sua existencia economica e, muito peor ainda, prejudicando a raça, que lentamente com a droga se envenena. Vem a proposito dizer que no Japão o uso de fumar opio é expressamente prohibido, sendo punidos os delinquentes com rigorosas penas.

Como o assumpto é de ordem internacional, pois carece de medidas prohibitivas por parte de varias nações onde o opio se fabríca, onde se importa, onde se exporta e, sobretudo, onde a papoila se cultiva, como na India,

constituindo tal cultura uma enorme fonte de riqueza para os plantadores inglezes, torna-se, pois, absolutamente necessario o concurso dos delegados das varias potencias interessadas, os quaes chegaram a um accordo sobre os meios de acabar com o vicio chinez de fumar opio.

Não se pode ainda prevêr qual seja o resultado da conferencia, o qual provavelmente não imporá desde logo cortar o mal pela raiz (ha tantos interesses em jogo...). Já a grande republica americana, sem mesmo esperar pela decisão da conferencia, prohibiu a importação do opio em seus Estados (sobretudo para incommodar os chinezes residentes...). Outras nações seguir-lhe-hão o exemplo.

E' occasião de recordar que o fabríco do opio constitue em Macau um importantissimo monopolio, que dá grandes proventos ao cofre da provincia. Eis, pois, um córte certo, e de peso, nas receitas da colonia. Macau, que nunca soube, até hoje, enriquecer-se pelos processos seguros das suas riquezas naturaes (pesca, industria terrestre, commercio com os portos do interior, navegação costeira e fluvial, etc.), tem visto fugir-lhe pouco a pouco todos os mananciaes fortuitos que o animavam: — emigração chineza para a America, loterias, etc. Segue-se agora o opio. E pouco mais lhe fica, que possa ainda fugir-lhe...

— Maurice Maeterlinck, o distinctissimo escriptor belga, escreveu ha pouco para um jornal de Londres um interessante artigo intitulado "Os jardins da cidade„, ou coisa parecida.

No referido artigo, Maeterlinck condemna o arranjo dos jardins publicos, como elle se observa geralmente

nas cidades; isto é, a disposição symetrica das arvores, os renques de verdura, os massiços de relva, os canteiros de flôres; esquecendo-se por este modo que no mysterio do coração humano acolhem-se instinctos, mal definidos mas intensos, de amor pela relva primitiva.

Maeterlinck desejaria que se plantassem nos jardins grupos de arvores, densos, divididos por especies, permittindo-se aos colossos vegetaes o desenvolvimento proprio, livre, caracteristico; e multiplicando-se assim os aspectos como que de bosques naturaes. Em taes bosques, o passeante escolheria o canto de repouso que fosse mais do seu agrado, pois a paz das florestas varia com as especies do arvoredo. Enumera as arvores mais proprias para o effeito; e nota que uma, que injustamente tem sido banida dos jardins, é o pinheiro, o pinheiro vulgar das mattas europeias.

E' curioso citar agora a coincidencia das vistas de Maeterlinck sobre o assumpto com o sentimento esthetico japonez. E' sabido que no Japão não ha jardins, jardins de flôres, no sentido rigoroso do vocabulo. O chrisanthemo, por exemplo, tão famoso no Japão, cultiva-se em viveiros, em hortas; sendo transplantado, quando em começo de florescencia, para logares apropriados, onde então se offerece em exposição.

No Japão, cada casa tem um jardim, isto é, um terreno aberto ao ar e á luz. Em tal jardim, grande, ou pequeno, ou infimo, não se cultivam flôres, mas sim arvores, arbustos, e em disposições que simulem uma nesga de paizagem natural. Elevam-se collinas, cavam-se lagos, filetes de aguas em ziguezague; mas tudo copiado da natureza; vindo completar a'illusão um ornamento que é desconhecido na Europa, isto é, a pedra, a pedra bruta, em lascas de rochedos, em pedregulhos tortuosos, que o

tempo veste de musgos, taes como se vêem nos aspectos naturaes.

Isto para o jardim. Os parques publicos são jardins em ponto grande, assombrados de bosques, cortados de ribeiras, com lagos, com collinas, com recortes de rochedos. E' assim que Tôkyô tem o seu Ueno, Kobe o seu Suwayama, Osaka o seu Sumiyoshi; a lista seria interminavel.

E' bem certo que os japonezes tambem apreciam muito as flôres. Citemos, entre muitas, a azalea, a glycinia, os lyrios, a flôr da ameixoeira, a flôr do pecegueiro, a flôr da cerejeira. Mas taes flôres pullulam pelos campos, e vai-se aos campos vêl-as; ou então transportam-se as plantas para os parques, para os jardins, mas disfarçadamente, com a intenção de conservar-lhes ares da espontaneidade primitiva.

Maeterlinck lamenta, como disse, que nos jardins das nossas terras sejam esquecidos os pinheiros. Pois, no Japão abundam, superabundam os *matsu,* os pinheiros. Assim como o Japão é chamado o paiz do Sol Nascente, poderia ser chamado o paiz dos pinheiros. Espigam os pinheiros por toda a parte; não ha retalho de paizagem onde a sua rama, sempre verde, não se ostente. E, querido, adorado quasi como emblema de constancia, de longevidade, não ha jardim onde não medre; quasi não haverá portal de entrada, de lar humilde ou luxuoso, por sobre o qual não se estenda uma braçada de pinheiro, symbolo de bom agoiro, de bençãos e de fortuna.

A paizagem impressiva do Japão, tão devassada em seus detalhes pelo indigena, já nos campos, já nas reproducções comesinhas que lhe rodeiam os aposentos, deve ter influido intensamente na alma japoneza, imprimindo-lhe caracteristicas boas, especiaes. No mundo occidental, não ha por certo humana creatura que, em dias es-

tivaes, não tenha gozado a sombra de um chapéu de sol, de uma sombrinha. Uma parede, um toldo de loja, um pilar tambem téem proporcionado a todos sombra amiga. Mas não será talvez exaggerar, suppondo que muita gente das cidades raramente ou nunca haja passado algumas horas na paz de uma floresta, á sombra do arvoredo. Pois essa paz tem attractivos. Tem attractivos e tambem suas virtudes. Se o mysterio dos bosques nos faz palpitar a principio estranhamente, como que n'um anceio ancestral de continuarmos a existencia de remotissimos avós — macacos ou coisa parecida — nem por isso o seu effeito é deprimente. A paz das florestas, a serenidade das sombras, o silencio magestoso, apenas cortado de quando em quando por um pio de ave invisivel, ou pelo zumbido de um insecto, ou pelo restolhar de um reptil, ou pelo murmurio das gottas de agua chorando dos penedos, todas essas coisas subtilisam-nos o sentir, emancipam-nos a consciencia, levando-nos a meditar com sã justiça.

Na impressão que recebemos da floresta, quando nos avisinhamos do seu mysterio, dá-se uma mistura de humildade e de orgulho, difficil de traduzir pela palavra. E' certo, por exemplo, que contemplamos com amor, com respeito, como nossas irmãs, porém mais diligentes do que nós e mais disciplinadas a um principio do que nós, as formigas, que vão labutando a nossos pés, em longas filas de membros laboriosos de grandes nucleos sociaes. Mas, ao mesmo tempo, as exhalações resinosas da silva dilatam-nos os pulmões, como que nos robustecem; e as braçadas altaneiras do arvoredo imprimem-nos aspirações grandiosas, de trabalho e de progresso. Na alma japoneza, impregnada de aspectos naturaes da creação, deve passar-se um tal phenomeno.

E agora, voltando a fallar dos jardins das cidades, la-

mentamos que o bom senso esthetico das massas não se resolva, em apoio da opinião de Maeterlinck, a cultivar attentamente a arte dos jardins, elevando-a á categoria de uma das bellas-artes, como é a pintura, como é a musica. Similhante cultura, se um dia se iniciar, terá de vir inspirar-se na arte de jardinagem japoneza. Quando, na Europa, se possa comparar e apreciar a differença que vai de um jardim europeu a um jardim japonez, a preferencia por este ultimo não offerece a menor duvida. Convençamo-nos de que os nossos jardins, traçados a compasso e a tira-linhas, obedecendo a regras puramente geometricas, são verdadeiros abortos da natureza, que desconhece por completo a geometria. As arvores que plantamos e que podamos nos nossos Jardins em nada se parecem com as arvores que crescem pelos campos, dos quaes andamos arredados; quando muito, lembrarão arvores de natal, *Christmas trees,* das quaes devemos quasi esperar, em assumpto de florescencias e de fructos, simples frasquinhos de agua de cheiro e bocetas recheadas de confeitos. Quanto aos tufos de arvores, ás florestas em miniatura, que tanto nos minguam nas cidades, nem sequer nos apercebemos que ha espectaculos da natureza, como as rubras tonalidades de um crepusculo, como um nascer de lua, como um espelho do mar, que requerem ser admirados através da rêde da folhagem e dos troncos . . .

– Em todas as grandes cidades, em todos os grandes centros populosos, na Europa, como na Asia, como em toda a parte, as diversas manifestações da sua existencia palpitante poderiam dividir-se e estudar-se em dois capitulos distinctos: – a existencia diurna, a existencia nocturna. Cansada da labuta, quando a noite estende o seu

manto de trevas e de estrellas, uma parte da população prostra-se e adormece; uma outra parte ergue-se então, para começar a moirejar.

De noite, a existencia da população que se diverte ou que trabalha manifesta-se especialmente pelos sons, impressiona-nos particularmente o ouvido.

Aqui, no cantinho japonez onde me acoito, se succede que pela noite velha acorde e escute attento, dou conta de multiplices ondulações sonoras alli e além originadas, que se alastram, que se encontram, que se chocam. Mas, por estas noites frigidas de inverno, aos apitos longinquos dos vapores que chegam ou que largam, ao rodar distante dos carrinhos puxados pelos homens, ao silvo melancolico das flautas dos cegos dados ao officio da massagem, ao matraquear das horas pelo guarda nocturno em exercicio, ao ruido occasional dos passos noctivagos, ao chôro de um menino, á tosse de um invalido, a tudo isto sobresae o som da campainha, estridente, interminavel, do vendedor de *udon*.

Udon é uma especie de aletria, feita de massa de feijão, a qual se tempera em agua quente, com cebola, um pouco de pimentão e outros condimentos; constituindo uma sôpa, fumegante, perfumada, appetitosa. Cada tigela d'esta sôpa custa dez reis, servida em domicilio. O vendilhão puxa um carro, estranho, que mais parece uma casinha japoneza em miniatura; e no carro se encontram o brazeiro, a cosinha, a agua, as iguarias, vasilhas e tigelas e ainda por cima uma lanterna.

O homem pára na rua e põe-se a tocar uma enorme campainha. Cahe a neve talvez, ou urra o vento desabrido; a rua está deserta, todos dormem. Pouco importa. Batem as onze horas, bate a meia noite, bate a uma hora; e o homem sempre a tocar a campainha . . . Dá-se então

qualquer coisa que póde talvez classificar-se entre os phenomenos de magnetismo, de suggestão.

A *musumé* acorda estremunhada, conchega-se com a colcha, busca conciliar de novo o somno. Mas de novo abre os olhos, irrequieta, irritada pelo incessante tocar da campainha. Cuida ainda em dormir.

Por fim, porém, o tilintar interminavel do chocalho chama-a á realidade das coisas; começa imaginando o perfume da sôpa, fumegante, appetecivel; e vai então, tendo-se voltado dez vezes para um lado, tendo-se voltado dez vezes para outro, tenta-se e não resiste á tentação! ... Descolla do brazeiro as sólas dos pésitos friorentos, allivia-se da colcha, ergue-se, compõe á pressa o *kimono* amarrotado; e descalça, desgrenhada, cambaleando, avança até á porta, entreabre-a e murmura: — "O' senhor homem do *udon,* um! ...„

Pouco a pouco, os visinhos, as visinhas, vão por seu turno despertando; portas rangem e corrediças chiam nas ranhuras; e vozes mal firmes vão bradando: — "O' senhor homem do *udon*, dois! O' senhor homem do *udon,* tres! ...

E' então um chocalhar inaudito de tigelas e de cobres, junto a ruidos de hervas que se migam, de liquidos que se vasam, de lumes que crepitam, sobresahindo a voz do vendilhão, que grita pressuroso: — "Já lá vou! Espere um pouco! Aqui tem um! Aqui tem dois! Aqui tem tres! ...„

E o desejo de reconfortar o estomago com aquella sôpa de dez réis é tão communicativo, que ainda ha poucas noites, erguendo-me tambem das colchas e assomando á porta, gritei ao vendilhão: "O' senhor homem do *udon,* quatro! ...„ — (um para mim e tres para a trindade lambareira de creaditas que téem por mister cuidar, ou descuidar, do albergue onde me abrigo) ...

IV

2 de março de 1909

Um artigo de Sven Hedin; phenomeno psychologico interessante; divagação sobre o mesmo; trechos captivantes do alludido artigo — Incendio sobre as aguas do rio de Cantão; revelações curiosas a proposito d'essa catastrophe; mil victimas pela brutalidade da policia — A conferencia do opio.

SVEN Hedin, o illustre viajante sueco, tão conhecido no mundo scientifico pelos seus valiosos estudos na ainda muito mysteriosa Asia Central, visitou recentemente o Japão, de regresso da sua ultima excursão ao Thibet; e, de volta á Europa, acaba de publicar no *Times* um formoso artigo de impressões, palpitantes de enthusiasmo pela terra japoneza e pelo povo japonez, que por algumas semanas festivamente o acolheram.

O artigo faz-me sorrir involuntariamente, e quasi me faz chorar tambem, involuntariamente; fixando mais no meu espirito a verdade incontestavel de um interessante phenomeno psychologico, que é o amoroso sentimento que deixam em todas as almas sensiveis, n'uma rapida viagem ou nas primeiras impressões, o paiz do Sol Nascente e o seu povo. Mas, em regra, só nos dois casos apontados; succedendo-se, com o correr dos annos, a amargura á sympathia.

Como Sven Hedin, tambem se enthusiasmou Lafcadio

Hearn, o delicadissimo impressionista, que escrevia a uma confidente, poucos dias depois de chegar a este sólo japonez e a proposito dos japonezes, estas palavras memoraveis: — «E eu amo os seus deuses, os seus costumes, os seus trajos, os seus cantares, que lembram trinados de avesinhas, as suas casas, as suas superstições, os seus defeitos...» — E quantos, como Hedin e como Hearn, téem enaltecido este Japão, ao haverem-no relanceado de passagem!...

Mas Lafcadio Hearn, após alguns annos de permanencia no imperio, queixa-se acerbamente da terra e do seu povo; attingindo por vezes os queixumes, nos ultimos mezes da sua existencia attribulada, impetos de uma quasi maldição... Leiam-se as suas cartas intimas. E, como Hearn, muitos dos velhos residentes do paiz, em seguida aos extases e applausos que véem das primeiras impressões que receberam, descambam em rancores contra a terra onde se encontram e contra o povo que os rodeia.

O phenomeno explica-se por um sentimento de egoismo, de egotismo, inquestionavelmente natural e desculpavel, muito humano e sobretudo muito occidental. O viajante, ao chegar ao Japão — como ao chegar a qualquer parte, — prescinde de si proprio, elimina-se da scena, para só vêr, para só sentir e para só porventura commentar e descrever os scenarios em roda, os aspectos do povo e os seus costumes. Ora, os scenarios do Japão, os aspectos do seu povo e os seus costumes são deliciosos, sorridentes; justificando plenamente o enthusiasmo espontaneo de um espirito vibratil e prompto a commover-se.

Após, porém, annos correndo, vivendo-se entre encantos, o comparsa do acaso, o forasteiro fortuito, mas

que as circumstancias da existencia detéem no exilio, não se contenta apenas com as delicias do que vê; quer participar n'ellas, quer tambem ser feliz. Ausente do torrão patrio e dos parentes e amigos, reclama compensações; quer tambem para si um torrão hospitaleiro e generoso; quer encontrar nos japonezes amigos devotados, que o consolem, que o ajudem, que o divirtam; quer em uma palavra, que a natureza e os homens se ponham de accordo em amimal-o. Similhante sentimento, como eu dizia, é muito occidental:—a raça branca distingue-se na historia por um conjuncto de aspirações que até hoje tem constituido a sua grande força, que é a ancia da expansão, que é a ancia da conquista, na ordem material como na ordem moral, conquistando terras e conquistando corações, cuidando de escravisar o mundo inteiro ao seu serviço e aos seus designios.

Para o caso que particularmente aqui me interessa, é n'isto que está a illusão, que está o erro.

Quando o forasteiro se lembra de querer um Japão para seu uso, é então que se ergue em frente d'elle uma barreira indestructivel—a distincção de raças;—é então que mil circumstancias da vida quotidiana lhe trazem, pouco a pouco, a noção nitida da incompatibilidade, em communhão de bens, do Japão, com o seu povo e o homem branco.

Comparado com o japonez, o homem branco tem um temperamento, uma constituição moral e physica, uma educação muito differentes d'elle; não falla a sua lingua ou falla-a mal; não professa a mesma religião; não sente como elle; não pensa como elle; não goza como elle; não soffre como elle; não come como elle; não bebe como elle; não vive como elle; não morre como elle...

Considerando a circumstancia de que não se trata de

um paiz e de um povo na infancia, ou de um paiz e de um povo na decadencia, domaveis ao jugo estranho, mas sim de um sólo pujante e de uma nação viril, que não se domam, como, pois, o homem branco imaginou um quinhão seu, no exotico conforto da terra japoneza?...

Da desillusão nasce o azedume. Do azedume, a aversão ao povo e á terra. Dos espiritos mais cordatos, ainda carinhosamente impressionados pelas gentilezas da paizagem, solta-se então a phrase estulta, bem conhecida, que eu muitas vezes tenho ouvido:—«Como o Japão seria bello, se não tivesse japonezes!...»—Sim, poderemos conceber por um só momento—um só apenas—que a raça branca houvesse expulsado do sólo japonez os japonezes. Seria então a substituição profunda, radical, do homem que bebe chá pelo homem que bebe whisky. Mas não imaginaes acaso o horror que seria este Japão, quando devastado pela mão rude do obreiro usurpador, arrasadas as suas florestas e transformado o sólo em campos de *tennis* e de *golf*, demolidas as casinhas de papel e substituidas por casarões de vinte andares, as casas de chá desapparecendo para surgirem as tabernas, desapparecendo a *musumé* para apparecer a *miss?*... Oh! por piedade!... Deixai que—e ainda mal—o Nippon vá perdendo pouco a pouco as suas maravilhosas caracteristicas; mas salvai-vos de commetter o sacrilegio, embora só em pensamento, de eliminar de um golpe a familia mais interessante da humanidade inteira!...

Agora, voltando a Sven Hedin, felicitamos o famoso viajante sueco por ter passado de relance por todo este Japão, faltando-lhe tempo para tambem pedir gozos para si; podendo assim voltar á sua patria com uma impressão dulcissima, desinteressada, livre de invejas, dos encantos avistados. E, na impossibilidade, por escassez de

espaço, de aqui traduzir na integra o seu artigo, que o *Times* publicou, limito-me a reproduzir alguns trechos captivantes.

Escreve Hedin:

«Desembarquei em Yokohama a 12 de novembro. Quantas recordações de maravilhas guardo eu d'aquelle unico mez!... Parece-me que tudo que vi seja um conto de fadas, ou um sonho; difficilmente admittindo que os episodios tenham sido uma longa cadeia de coisas bem reaes, e ainda menos que fosse eu, com ou contra o meu desejo, o objecto d'aquellas festas brilhantissimas, d'aquelles discursos e saudações, d'aquellas ovações e — *Banzai!* — atroadores...

Surprehendente paiz. Expansivo, amoravel e jubiloso povo! Como caduca, exhausta, encanecida, é a vida nas outras nações da Asia, comparada com a do paiz do Sol Nascente, onde cada homem vai para o trabalho silenciosamente, submissamente, e onde cada mulher sempre sorri, ainda mesmo quando a chuva se despenha em torrentes do turvo céu acinzentado!... Os louvores do Japão téem sido cantados por poetas populares e por poetas academicos; e, naturalmente, por sobre o paiz do Sol Nascente, por sobre o Nippon, o paiz das *gheishas* e das flôres, paira uma aureola scintilante.

O Japão não é, porém, apenas um poema, que surgiu das profundezas do Pacifico, ao som dos canticos das aguas salinas do oceano. Para dentro do pittoresco das aguas e das costas rendilhadas, vive um povo que acredita em si mesmo, na sua propria grandeza e nos seus proprios destinos; um povo embebido, até á medulla dos seus ossos, de lealdade, de sentimento do dever, de perseverança e patriotismo; um povo industrioso e progressivo, vigilante, intelligente e bem ao facto de todas

as vias da existencia; um povo que, com admiravel paciencia, se queda por annos a cinzelar figurinhas de marfim, ou a polir bocetas de charão, mas que tambem, quando a necessidade se impõe, resolve de um gesto construir uma esquadra couraçada, que é hoje uma das mais poderosas do mundo; um povo que guia a charrua com cuidados incansaveis, ou que com mãos amorosas protege os seus arrozaes e as suas hortas, mas que tambem, quando a mãe patria o exige, se prepara sem murmurio para ir regar do seu sangue os campos da Manchuria e alli deixar os ossos, expostos a um sol estranho que os branqueia . . .»

E Hedin termina assim, com chave de oiro:

«Hoje, o Japão pertence á categoria das minhas recordações: e conta entre as mais preciosas de todos os meus annos de existencia errante, pela Asia, grande e prenhe de vaticinios.»

— Deu-se, ha poucas semanas, um terrivel incendio sobre as aguas do rio de Cantão — não parece ironia? — junto da populosa cidade chineza; ardendo o inteiro cardume de barcos de prazer, chamados por nós *tankás-flôres,* pelos inglezes *flower-boats,* e perecendo no sinistro muitas centenas de individuos.

A noticia da horrorosa catastrophe e a recordação que guardo, ainda intensa, d'aquelles barcos de prazer, levam-me hoje o pensamento e as reminiscencias ao curiosissimo espectaculo da vida fluvial, como ella se passa nos longinquos paizes exoticos, na Asia sobretudo.

A animação dos nossos rios occidentaes, embora quando manifestada por mil barcos de varios systemas e feitios, pela faina das cargas e descargas, pela labuta piscatoria, pelos barquinhos de regalo, pelos grupos dos

banhistas, nunca poderá dar ideia, nem de longe, do que seja um canal ou um rio asiaticos, na existencia palpitante dos seus habitantes habituaes.

Nos grandes centros d'estas remotas civilisações de gente amarella, é, certamente, quando não por natural defeza, por um curioso atavismo de vida archaica, de existencia lacustre, a agglomeração das cidades como que trasborda insensivelmente, sem transições, do sólo para as aguas; passando as populações a viverem sobre barcos como vivendo em suas casas, barcos de mil fórmas indescriptiveis, alinhados, unidos por pontes, amarrados uns aos outros; os rios constituem então as ruas, onde fluctuam tambem templos, theatros, restaurantes, cruzando-se em varias direcções os botes de vendilhões ambulantes, de medicos, de padres, de mendigos, de vagabundos, de ladrões; e tudo isto ao som dos gritos da turba, dos pregões, dos choros, das risadas, a que vem misturar-se o pio dos corvos, pairando sobre o azul.

Alguns canaes de Singapura, os portos malaios, os portos javanezes, os portos siamezes e, principalmente, certos portos chinezes — Cantão por excellencia — dão-nos exemplos frisantes d'esta existencia quasi amphibia em que uma grande parte da familia humana vai medrando.

Ainda não ha muitos annos, em Macau, no terreno alagadiço que fazia continuação a uma pequena enseada, jaziam em cardume, sustidos por varia estacaria, bastantes barcos velhos, cem ou duzentos, cobertos de toldos, de esteiras, e onde vivia em permanencia uma população miseravel e apathica. Alli se viam plantas florindo em vasos, gallinhas debicando nos monturos, porcos, mulheres e creanças em farrapos, tudo de mis-

tura; e o espectaculo, relanceado a distancia, dos andrajos ignobeis suspensos a enxugarem — verdes, vermelhos, amarellos, de todas as côres, — simulando um embadeiramento em arco, era devéras deslumbrante, a immundicie em glorificação plena! . . .

No Japão, amplamente avançado em civilisação moderna e onde, parece, os indigenas se mostraram sempre, mais do que os outros asiaticos, amorosos da casinha garrida, assente em terra firme e rodeada de campos em cultura, a vida fluvial está longe de offerecer o mesmo cahos disparatado, pittoresco, todavia, que a China nos offerece. No entretanto, em certos sitios, em Osaka, por exemplo, em Osaka sobretudo, sulcada por uma intrincada rêde de canaes, os scenarios das aguas, em communhão com a vida urbana, apresentam-se sobremaneira surprehendentes aos olhos do viajante que por primeira vez os relanceia. Estes canaes sombrios, de aguas dormentes, marginados por alta casaria, dão-nos impressões nunca sentidas. As casas são de madeira, apenas aplainada, de uma tonalidade uniforme de sepia, que os annos e a humidade lhes transmittem. D'aquellas estranhas construcções, na confusão dos accessorios, julgamos distinguir, em desdobramentos de kaleidoscopio, a estacaria que as sustenta, escadas, passadiços, mirantes, balaustradas de varandas, pedaços de papel fazendo officio de vidraças, estores pendentes, roupas a arejarem e grandes aberturas escancaradas, permittindo estas devassar trechos da vida intima — ora uma mulher que se penteia, ora uma creança que se rebola sobre a esteira, ora um homem comendo ou trabalhando . . .

Os canaes de Osaka, como aquelles de Veneza, são activas arterias de labuta, por onde circulam esguias canôas, abarrotadas de fardos variados; por vezes, são

simples molhos de bambús ou de pranchas de madeira, que vão boiando e deslisando, indo um homem sobre elles, empunhando uma vara e dirigindo a mercadoria ao seu destino. Encontram-se alguns barcos-restaurantes, de um ou dois andares, amarrados aos caes.

Em assumpto de barcos de prazer, não os ha fixos, á moda de Cantão; é de noite, no estio, que os rios e os canaes se enchem de barquinhos festivamente ornados, com gentis sanefas tremulantes, com filas de balões illuminados; e dentro vão grupos galhofeiros, abundando as *gheishas,* tocando-se, cantando-se, bebendo-se, petiscando-se . . .

Mas, voltando á China, não percamos de vista os *tankás-flôres* da cidade de Cantão. O conjuncto d'aquelles barcos, enormes, bojudos e disformes, amarrados uns aos outros, deixa, visto de noite, uma impressão de sonho, ou é antes uma visão de pezadêlo. Transita-se de uns para os outros por estreitos passadiços, por pontesinhas que galgam sobre o rio, sentindo-se a agua restolhar em baixo, em impetuosidades de corrente, em turbilhões vertiginosos.

É um trajecto immenso, estamos n'uma segunda cidade, embora não constituida em sólo firme; e vamos proseguindo por um labyrintho indescriptivel de caminhos, divididos por madeiramentos sordidos, cahoticos, e povoados por uma multidão de gente que segue a divertir-se e por uma cáfila de mendigos e ladrões.

De quando em quando, um *tankâ-flôres,* que funcciona, deslumbra-nos pela sua illuminação resplandecente, pelos seus finos adornos, pelas suas flôres, pelo grupo de chinezes que se estão banqueteando e pelas suas companheiras—figurinhas ultra-exoticas não sem belleza, envoltas em sêdas e de joias recamadas, gesti-

culando mansamente com as suas mãos muito brancas, cujos longos dedos em fuso, cheios de anneis, terminam em unhas opalinas, de uma ou duas polegadas de comprido.

Pois foi n'um d'aquelles *tankás-flôres,* amarrados junto da cidade de Cantão e por assim dizer continuando-a, que n'uma noite do ultimo fevereiro se manifestou incendio, motivado pela explosão, parece, de uma lampada de petroleo.

Soprava vento rijo, que activou o fogo, envolvendo tudo aquillo em crepitantes labaredas. Havia então festa geral, coincidindo a quadra com o começo do anno novo. Os hospedes, de ambos os sexos, eram innumeros; contando-se mesmo varios mandarins, altos funccionarios da cidade, os quaes, illudindo as rigorosas prescripções do luto imperial, vinham, incognitos, fumar opio, libar licôres preciosos, saborear manjares e cortejar as bellas . . .

Ai, as pobres bellas! . . . Não se occuparam d'ellas as chronicas, coitaditas; provavelmente, atordoadas de surpreza, hypnotisadas pelo horror da scena, deixaram-se fritar, tisnar, como pombinhas, sem mesmo soltarem um murmurio . . . Os homens luctaram terrivelmente, correndo, saltando, gritando, clamando por soccorro; e, faltando-lhe este (a policia do porto impedia que os barcos do rio cuidassem de salvar as victimas, temendo uma invasão possivel de piratas), e quando as chammas já lhes queimavam as cabaias, lançavam-se á agua, onde morriam afogados. Viram-se e ouviram-se alguns ricos negociantes, vestidos de cabaias de sêdas côr de ervilha, de sêdas côr de salsa, de sêdas amarellas, erguerem os braços em angustia, berrarem, offerecendo grandes sommas de dinheiro a quem as vidas lhes sal-

vasse; mas ninguem vinha ao appêlo, porque a policia — tola e brutal como todas as policias d'este mundo — o prohibia. E lá se atiravam para o abysmo, preferindo á morte pelo fogo a morte pela agua ...

Ha quem eleve a mil o numero das victimas; mas não se sabe ao certo quantas foram.

— Annunciam os jornaes japonezes que a conferencia do opio, que funccionava em Shanghai, acaba de concluir os seus trabalhos.

Não foram de grande importancia taes trabalhos, confessemos. Os delegados limitaram-se a alguns louvores platonicos com referencia á China, que tão expontaneamente e tão activamente pensou em debellar um terrivel flagello que ia e vai arruinando e envenenando lentamente tantos milhares dos seus subditos, e a algumas medidas coercivas de pouco alcance prático.

A mais importante questão, que seria a prohibição do commercio do opio e da cultura da papoila, ficou por decidir, mercê da exposição do delegado inglez, que fez vêr as condições precarias, de ordem economica, em que a India cahiria, se fossem adoptadas taes medidas.

Quer-me parecer que o governo chinez terá concluido que a philantropia e o altruismo occidentaes são ainda méras flôres de rhethorica, méras flôres de estufa, incapazes de virem espalhar o seu benefico perfume nos vastos campos longinquos que o reclamam ...

V

21 de abril de 1909

Visitas régias que se annunciam ao Japão; o alcance d'estas visitas — O «shinjû»; ultimos casos que se déram — Vantagens de ser velho; falsificações da arte antiga; varias considerações sobre o assumpto — Uma noticia a proposito das colonias portuguezas.

"PLACE aux rois".

Annunciam-se para este anno varias visitas régias ao paiz do Sol Nascente, o que constituirá um caso virgem.

Parece assente que a rainha Margarida, mãe do soberano actual da Italia, visitará o Japão, no outomno proximo. Tambem correm boatos de que o rei dos belgas aqui virá, em breve. E esperam-se igualmente a princeza Helena de Schleswig-Holstein-Sonderburg-Glucksburg, parente proxima da imperatriz da Allemanha, e o seu futuro esposo, o principe Harold da Dinamarca.

Não se trata claramente de simples viagens de *touristes,* que frequentam muito este paiz, no intuito de distrahirem os seus ocios e de ganharem impressões novas em viagem; o psychologo deve attribuir maior alcance a estas curiosidades reaes e principescas. Não se póde acaso representar o Japão — depois da creação da phrase *o perigo amarello* — como o dragão coruscante das re-

giões exoticas do Extremo-Oriente e terror das velhas instituições occidentaes?... Pois quer-me parecer que esta nova orientação, nas excursões de regalo das altas personagens das côrtes europeias, póde bem comparar-se á obsessão, quasi morbida, que muita gente experimenta, no intimo desejo de approximar-se do perigo, de espreitar a féra no seu meio natural, em plena liberdade de gestos e de habitos...

Ou estarei eu devaneando?...

— Talvez porque, n'este paiz do Sol Nascente, a primavera irrompe agora, nas suas habituaes nervosidades turbulentas, em inconstancia de aspectos e de tempo, em incomprehendidos anhelos das coisas, em estridulos pios de passaros, em vagos perfumes do ambiente; talvez por isto mesmo, varios casos de *shinjû*, mais repetidos do que de ordinario, se téem dado ultimamente, descriptos nos jornaes que tenho lido.

Já n'estas cartas se fallou ligeiramente a respeito do *shinjû*. E' elle o que podemos definir como — um duplo suicidio. Os heroes do drama, do triste drama intimo, são, em geral, dois entes que se amam e que desejariam consagrar pelo casamento o seu affecto. Mas uma causa qualquer — opposição da familia, falta de recursos, etc. — torna o casamento irrealisavel, impõe a separação immediata, e então resolvem os dois pôr termo á existencia, a qual, não em commum, lhes pesa demais para as suas forças. Umas vezes é elle, o apaixonado, que fere mortalmente a mulher querida, voltando em seguida a arma contra si; outras vezes, abraçados, precipitam-se no abismo, ou lançam-se ao oceano, ou aguardam a passagem do comboio, que os esmaga n'um momento.

N'um dos recentes casos de *shinjû*, figura um moço

de vinte e dois annos, empregado n'uma firma commercial de Yokohama, e uma rapariga de vinte annos, de Tokyo, *gheisha* cantora de profissão. O rapaz, pertencendo a uma familia abastada e respeitavel, enamorara-se da *gheisha,* sentindo por ella uma attracção irresistivel, e decidiu casar com ella; mas encontrou, por parte de seus paes, tenaz opposição... Sabe-se que as *gheishas,* nas quaes se presuppõe uma educação pouco cuidada, uma moral ligeira, uma arte de falsos encantos e feitiços, são o terror das familias commedidas...

Vai então, o moço obteve algum dinheiro extorquido á familia, e com a *gheisha* abalou para longe, n'uma excursão sentimental, a que de *lua de mel* não cabe o nome, mas de *lua de morte*... Pernoitaram em Arima, pittoresco sitio montanhoso, cerca de Kobe; pela manhã, subindo os dois a uma collina, alli elle prostrou mortalmente, a golpes de sabre japonez, a companheira, ferindo-se em seguida, mas sendo encontrado ainda com vida por alguns camponezes que passaram.

Confiemos que a morte o não poupará tambem, pois que, quando se dá o caso de haver um sobrevivente no *shinjû,* a voz do povo, que é aqui a voz dos deuses, quer-lhe mal, não lhe perdôa o rompimento da promessa, persegue-o como uma maldição durante toda a sua vida...

Outro caso recente do *shinjû* foi ha poucos dias descoberto em Nistronomia, porto de mar e cidade industrial, a meia distancia entre Kobe e Osaka.

Algumas pessoas, que se entretinham a pescar mariscos junto á praia, deram fé de dois corpos, boiando á tona de agua.

Esmiuçado o caso, e embora não fossem reconhecidos os cadaveres, tornou-se evidente o duplo suicidio.

O corpo de um homem novo e o corpo de uma mulher nova, castamente vestidos de kimonos de bella sêda do paiz, achavam-se unidos um ao outro, rosto contra rosto, quasi abraçando-se, ligados por cordas de pescoço para pescoço, de cintura para cintura...

O *shinjû* offerece um interessantissimo exemplo da emotividade passional da alma japoneza.

Elle, o varão, é, em regra, a entidade delirante, executiva; ella, passivamente amorosa, sujeita-se apenas, submette-se apenas á vontade do homem que lhe quer.

No mysterio sentimental do homem branco, em casos identicos do drama familial, as coisas passam-se de ordinario por outra fórma, com mais abnegação masculina.

No *shinjû,* o japonez obra certamente por amor, mas tambem por orgulho, mas tambem por egoismo, dispondo da mulher como coisa sua.

No entretanto, a par d'isto, que nos parecerá rude e cruel, outra explicação se offerece, embebida de ternas concepções:—o buddhismo popular admitte que dois entes que se amam, unidos um ao outro e procurando a morte em commum para fugirem das desgraças presentes, renascerão, virão gozar uma outra vida sobre a terra, para de novo se amarem, sem mais obstaculos á sua mutua felicidade...

—Uma das vantagens de ser velho revela-se quando a gente possue uma bibliotheca, modesta embora, adquirida pouco a pouco, livro a livro, durante a juventude. Naturalmente, foram-se lendo os livros á medida que se foram obtendo; pozeram-se depois de parte; passaram a jazer durante trinta annos, durante quarenta annos, na estante poeirenta, abandonados.

Mas um bello dia—e agora se manifesta a vantagem

que apontei — abre a gente a estante por desfastio, começa folheando os volumes, a lêr, a relêr paginas avulsas, encontrando n'ellas o interesse — tanto os annos desmemoriam! — de uma primeira leitura emocionante. A nossa poeirenta livraria offerece-nos o impagavel encanto de uma fonte de multiplices impressões novas, inesperadas...

Ora, ha poucos dias, deu-se o caso commigo — que sou velho e possuo uma bibliotheca — de abrir, por incidente, um volume de Méry *As Noites Italianas* (edição de 1868), começando a lêr-lhe as paginas com captivante aprazimento. Curioso e delicadissimo, entre varios, aquelle capitulo "Antiguidades modernas„, onde o auctor descreve o encontro que teve, em campo romano, com tres sabios inglezes, acompanhados de dois aldeões d'aquelles sitios; occupando-se estes ultimos na escavação do sólo, do qual iam colhendo maravilhas, alli occultas havia vinte seculos. Eram duas amphoras, um deus penate de faiança, um tripé de ferro, um capacete, o antebraço de uma estatua de menino.

Os tres sabios iam pagando a peso de oiro taes achados, miravam-nos com alvoroçado amor, dissertavam entre si, com segura erudição, sobre aquellas reliquias preciosas das civilisações extinctas...

Méry soube em seguida que taes preciosidades datavam apenas de alguns mezes, ou de alguns dias; havendo em Roma varias fabricas clandestinas de antiguidades modernas, tirando da industria proventos admiraveis.

Fabricados os mostrengos, cuidava-se após de ir enterral-os pelos campos, com prévio conhecimento da cafila aldeã, interessada nos ganhos; a qual naturalmente procurava os *touristes*, offerecendo-se para guial-os pelos

caminhos e para lhes desencantar curiosidades remotissimas, das quaes a terra estava prenhe!...

Após a leitura do capitulo, não me pude conter, lançando uma estrepitosa gargalhada em homenagem a todos os colleccionadores — passados, presentes e futuros — d'este divertidissimo mundo onde me encontro!... E, seguidamente, tirando do caso a moralidade que se me offerece — a mim que vivo no Japão — fiquei sem perceber por que tanta gente se põe agora a maldizer dos japonezes, pela simples razão d'elles falsificarem os seus artigos de arte, vendendo-os aos *touristes* por alto preço... Méry encontra, ha algumas dezenas de annos, os falsificadores de curiosidades romanas. Mas falsificadores de curiosidades não se encontram só em Roma, encontram-se por todo este mundo fóra, para explorarem os incautos.

Os japonezes, como intelligentissimos imitadores que são, e descurando de ganharem o céu pelo premio que se offerece, segundo crenças occidentaes, aos pobres de espirito, trataram de fazer o mesmo que os romanos, que os inglezes, que os francezes, que os allemães e — se me dão licença... — que os portuguezes.

Quem poderá atirar a primeira pedra aos japonezes?...

Consta, com razão, que a pintura e a gravura constituem dois ramos de arte onde a fraude japoneza mais se exerce. Imita-se o papel velho, manchado pelos annos; imitam-se as côres desmerecidas; imitam-se as assignaturas dos mestres preferidos; imita-se tudo... E é assim que se vende em Tokyo, em Kyôto e n'outros centros, aos *touristes* amadores de arte, principalmente aos americanos endinheirados, pinturas e gravuras de Utamaro, de Hokusai, de Hiroshighe e de outros muitos, as

quaes não passam de imitações vis, feitas a pinceladas interesseiras.

No entretanto, é por méro snobismo que, em regra, os colleccionadores occidentaes buscam obter obras dos mestres japonezes, cujos meritos só avaliam pelas dezenas de libras que lhes sahem das algibeiras. A rigorosa intuição do artista, os minuciosos segredos do pincel, as subtilezas da esthetica nipponica, escapam á nossa observação inexperiente, á nossa sentimentalidade estranha, á cultura do nosso espirito, educado e desenvolvido n'outro meio. Eu aconselharia, se fosse chamado a aconselhar, intenções mais commedidas. As folhas de pintura e de gravura populares, valendo infimos cobres, encontrando-se á venda em innumeras lojinhas japonezas, constituem um artigo que se presta a volumosas collecções; e n'ellas o forasteiro encontra amplamente documentado aquillo que deve unicamente interessal-o, isto é, os traços geraes do exotismo do paiz, o kaleidoscopio hilariante da paizagem natural e dos costumes populares, a ingenuidade encantadora do artista, ainda quando sem nome consagrado. Limitem-se, pois, os *touristes* a comprar as folhas de pintura e de gravura populares, evitando por esta fórma a exploração dos traficantes.

— Termino com uma noticia que vem aqui mui mal cabida, pois em nada se relaciona com o Japão; mas, por ter ella apparecido em um jornal inglez, publicado n'este imperio, acaso merecerei desculpa em commental-a n'esta carta.

Trata-se de uma informação de Londres, inserta no *Japan Chronicle,* sob a emocionante epigraphe *Slavery in portuguese cocoa plantations* (Escravatura nas plantações portuguezas de cacau), onde é referido o regresso a

Inglaterra de dois viajantes inglezes, após demorada permanencia nas ilhas de S. Thomé e Principe e em Angola.

Diz-se, na citada informação, que as tres principaes firmas de cacau, de Inglaterra, e uma outra firma, da Allemanha, haviam apresentado em tempo, ao governo portuguez, uma reclamação collectiva contra os barbaros processos do trabalho forçado dos negros e seu recrutamento; recebendo por aquella occasião promessas do mesmo governo portuguez, no sentido de irem ser melhoradas as condições do povo indigena. Ora, a missão dos taes dois inglezes, agora de regresso á sua patria, era justamente a de verificarem, por seus olhos, se taes promessas se cumpriam, por parte do governo e dos roceiros; e, segundo a exposição que acabam de fazer, não se cumpriam.

As tres firmas inglezas de cacau, já referidas, resolveram, pois, em demonstração de resentimento, cessarem por completo as suas compras de cacau das procedencias indicadas, emquanto o remedio contra a crueldade dos contratos existir só no papel e não se manifestar por factos.

Até aqui, a noticia; agora, alguns ligeiros commentarios. Não quebremos muitas lanças em defeza da urbanidade dos roceiros portuguezes. Mas, em tal assumpto, recordemos que os inglezes — para só fallar dos inglezes — não se mostram mais urbanos do que nós no que respeita o tratamento dos indigenas, nas colonias. Recordem-se as recentes sentenças capitaes, impostas aos negros do Natal. Muitos outros exemplos abundam.

Em Hong-Kong, os chinezes são ainda punidos com açoites. Em Hong-Kong e em Shanghai, o murro é ainda o argumento mais em uso, empregado pelo europeu quando discute com o indigena.

Convençamo-nos bem de que o problema das relações occidentaes com os nativos das colonias está muito longe ainda de uma solução honrosa para o branco; isto em geral, não constituindo os portuguezes uma excepção odiosa.

Mas, voltando ao assumpto do cacau, ou eu me engano muito, ou nenhum sentimento humanitario impelle as Companhias inglezas a decidirem o *buycott* contra os productos das colonias portuguezas; o que ellas terão em vista, as Companhias, as patuscas, é a rebaixa no preço do artigo, para melhor prosperarem com a venda do chocolate, consumido por todos os lambareiros d'este mundo!...

VI

4 de maio de 1909

Os direitos da mulher japoneza, artigo publicado n'uma revista; alguns reparos a esse artigo sob a condição da japoneza; o casamento, o divorcio — Um tratado entre a Inglaterra e o Sião: a evolução da Asia emancipando-se pouco a pouco.

A excellente e mui conceituada revista portugueza *Serões*, no seu n.º 43, de janeiro passado, publicou um artigo, "Os direitos da mulher japoneza", o qual li com especial curiosidade. Cheguei até a imaginar, após uma primeira leitura pouco attenta, que o artigo fosse... *meu*, dadas as pretensões propagandistas a que o *japonezismo* me levou!... Mas não era.

O artigo referido appareceu não assignado; e assim devia ser, limitando-se quasi apenas á transcripção, na nossa lingua, de alguns commentarios sobre o assumpto da epigraphe, devidos a um tal snr. Naomi Tamura, que os *Serões* benevolamente apresentam ao leitor como um japonez illustre, educado no estrangeiro e convertido ao christianismo.

No entretanto, convém fazer alguns reparos aos commentarios a que alludo. O tal snr. Tamura pecca por inexacto. Quer-me parecer que elle nunca existiu — aqui não dou fé d'elle — e que a noticia é uma das muitas que vão

correndo mundo, transcriptas de revista para revista, de magazine para magazine, soffrendo alterações de cada penna que as esmiuça e havendo tido origem n'algum jornal americano... e os jornaes americanos são, como é sabido, fartos em exuberante phantasia. Mas, se me engano, e se effectivamente o tal snr. Tamura é bem de carne e osso e ainda por cima publicista, então o cavalheiro terá esquecido, mercê da longa permanencia no estrangeiro e da educação occidental – incluindo a religiosa – que recebeu, a historia e a evolução da sua patria; retendo apenas, pegadas com cuspo, impressões vagas e confusas. Até os nomes japonezes, citados no artigo, ou não se encontram no vocabulario japonez, ou são mal interpretados; do que concluo que o tal snr. Tamura conhece menos a lingua japoneza do que eu proprio... o que equivale ao mais cabal diploma da sua incompetencia.

Não vale a pena discutir phrase por phrase o artigo dos *Serões*. Da sua rapida leitura, fica-nos a impressão desagradavel de que a mulher japoneza vive uma existencia de oppressão, no seio da familia. E' isto que merece algumas observações, que aqui vão ser lançadas de fugida; ficando a liberdade, ao leitor interessado, de ir consultar profusos e valiosos livros sobre o assumpto, incluindo um recente livrinho, muito recommendavel, *Women and wisdom of Japan,* escripto pelo japonez Shingoro Takaishi e que o tal snr. Tamura nunca leu.

Não nos deve causar a mais leve sombra de surpreza o facto da mulher, no Japão, gozar de liberdades sociaes, bem mais restrictas do que as que a sua irmã occidental disfructa nos grandes centros da Europa e da America.

A civilisação inteira do Nippon – excepção feita da adquirida nos ultimos cincoenta annos – vem-lhe da

China, onde a mulher viveu sempre sujeita á tutela masculina. Mas a condição subalterna da mulher, nas relações de familia e sociaes, observa-se em toda a Asia, em todas as sociedades onde o regimen patriarchal predominou ou predomina; e, facto curioso, observa-se tambem nos tempos remotos da nossa civilisação occidental, sem exclusão da doutrina dos evangelhos biblicos; e, até hoje, revela-se nas prescripções legaes dos nossos codigos em vigor.

Cingindo-me, porém, ao que respeita o Dai-Nippon, é indiscutivel que a mulher, n'este paiz, sem ser escrava e sem viver na oppressão, é considerada, em geral, como um ente mais debil do que o homem, menos apto ás funcções deliberativas e á lucta pela vida; e como tal carecendo do apoio varonil, da assistencia do pae, do irmão ou do marido. Não é um tanto assim que se consideram as creanças, nas nossas sociedades occidentaes? Pois a japoneza é, para o japonez, de certo modo uma creança. Não entra em meu proposito discutir n'este logar os prós e os contras do regimen. O que convém desde já fazer sentir é que a japoneza ganha em seus dotes, parece, com similhante sujeição; sendo opinião corrente entre europeus, por conseguinte insuspeita, que é ella, não só o grande enlêvo do Japão, mas o exemplo mais captivante do sexo, em graça propria e em carinhos espontaneos.

Ficou já apontada, como causa da condição de dependencia em que se encontra a japoneza, a primitiva instituição patriarchal do imperio. Outra causa deve em seguida registrar-se, em parte consequencia da primeira.

A base da inteira moral, como ella tem sido comprehendida n'este imperio, é a abdicação dos interesses do individuo em favor dos interesses da familia, do chefe,

do soberano, da nação. A humildade em vez da arrogancia, a reserva em vez da ostentação, o sacrificio em vez do egoismo, a paciencia em vez da impetuosidade, eis as principaes caracteristicas do codigo de hombridade japoneza. D'ellas nasceu o sentimento chamado *Bushidô*, que tanta influencia teve nos destinos do paiz e que é, em resumo, o crédo de dedicação e obediencia do subdito pelo chefe, do soldado pelo seu superior em ordem hierarchica.

Sobre a mulher, escreveu Kaibara, o celebre moralista, ha cerca de duzentos annos: — "A mulher não tem chefe especial; deve guiar-se pelo marido." — Assim, emquanto que o japonez deve cega dedicação e obediencia ao seu patrão, ao seu chefe, ao seu senhor, a japoneza deve apenas cega dedicação e obediencia ao seu marido; devendo por isso concluir-se que a moral da esposa entra na lei commum, é um simples capitulo do *Bushidô*, feito particularmente para seu uso.

A condição de dependencia da mulher foi, desde remotos tempos, plenamente admittida no Japão; sendo a ideia ainda reforçada pela influencia posterior da philosophia de Confucius e da doutrina do buddhismo, uma e outra importadas do visinho continente.

Todavia, só ha cerca de duzentos annos se encorporou em livro o codigo de moral da filha do Nippon, sendo o já citado Kaibara o seu auctor.

O livro *Onna daigaku* (a educação completa da mulher) teve um exito formidavel no seu tempo, tornando-se como que o cathecismo imprescindivel da *musumé*. Hoje passou de moda; outros livros vieram substituindo-o e tambem outras ideias; e a japoneza entrou no gôzo de liberdades bem mais amplas.

Ora, o tal snr. Tamura dos *Serões* encara, errada-

mente, a condição da japoneza contemporanea pelos preceitos de Kaibara, pelas ideias que ha dois seculos tinham curso e por impressões suas, estas muito afastadas da justiça.

A japoneza de hoje, seja qual fôr a sua idade, não vive encarcerada no seu lar, escrava do macho, como o snr. Tamura a imagina. Passeia, diverte-se pelos campos, pelas ruas, frequenta os theatros, os mercados, os bazares e vai aos templos; desde creança até aos dezoito ou vinte annos, encontramol-a sósinha ou com outras raparigas, sobraçando os seus livrinhos, caminho da escola, onde adquire, em geral, uma educação scientifica muito superior á educação da europeia; praticando ao mesmo tempo as prendas do seu sexo, e a gymnastica, e a musica, e o canto coral, etc.

No que o snr. Tamura não vai muito longe da verdade, é quando affirma que os casamentos de amor não existem no Japão. Effectivamente, n'este paiz, o namoro não teve curso até agora; as liberdades entre jovens não se dão; não ha noivos; o casamento é, em regra, arranjado pelos paes.

O casamento, origem da familia, inspira-se, no Japão, no culto dos antepassados, na conservação do nome e na ambição da prole. Nas civilisações occidentaes, quer o snr. Tamura e querem muitos outros que a inspiração do casamento seja o amor. Amor! . . .

Reflectindo no que se passa commummente nos grandes centros da Europa e da America — a caça ao noivo, a caça ao dote, o capricho momentaneo, o annuncio para nupcias, o noivo em férias de vicio, a Traviata enfeitada com flôres de laranjeira e mil outras vicissitudes lamentaveis — sente a gente um arrepio de tédio e desconsolo, ao vêr assim arrastar pela lama fóra o dulcissimo nome

que traduz o attributo apenas das almas particularmente delicadas, sensitivas, raro no Japão, como raro na Europa, como raro na America, como raro na crosta inteira do planeta! . . .

O amor é a florescencia de uma planta exotica, exotica em qualquer latitude do globo. Mas, quando o snr. Tamura declara que, de entre dez japonezas, nove obedecem aos maridos, não por vontade, mas por medo; e quando diz, mais adiante, que ha, sem duvida, casos em que o marido e a mulher aprendem a amar-se (no sentido de estimar-se) depois do casamento, mas simplesmente por acaso; em taes allegações, o tal snr. Tamura calumnia grosseiramente os seus patricios (elles que lhe agradeçam) e pinta com falsas côres, para a observação dos europeus, o quadro gracioso e emocionante do lar intimo, nipponico.

Sobre o divorcio, diz o snr. Tamura: — «O divorcio é facil. Bastam como motivos a desobediencia ao sogro ou á sogra, ou até a locacidade ou o furto. Se um marido se aborrece da mulher, não precisa outra coisa nem tribunal algum para decidir a questão. O divorcio depende tão sómente da vontade do marido. Não tem mais nada a fazer senão pedir ao casamenteiro que informe os paes da consorte do seu desejo de se separar, e recambiar a mulher para casa do pae.»

A isto, respondo eu, sem dispendio de rhetorica, transcrevendo alguns artigos do Codigo Civil do imperio japonez, em traducção litteral, apenas adoçando em alguns termos — dois ou tres — a sua dureza primitiva:

«Art. 808.º — O marido e a mulher pódem efectuar divorcio por mutuo consentimento.

«Art. 809.º — A pessoa que não attingiu a idade de 25 annos, em ordem para poder effectuar divorcio por

mutuo consentimento, precisa obter o consentimento das pessoas cujo consentimento, segundo os artigos 772.º e 773.º, é necessario para contrahir o matrimonio.

«Art. 812.º — Se marido e mulher se divorciam por mutuo consentimento, sem declararem a quem pertence a guarda de seus filhos, esta pertence ao pae, Se o pae, em consequencia do divorcio, deixa a casa em que casou, a guarda dos filhos cabe á mãe.

«Art. 813.º — (Divorcio judicial). O marido ou mulher, segundo o caso, pódem requerer divorcio apenas nas seguintes circumstancias:

«1.ª — Se a outra parte contrahe um segundo casamento;

«2.ª — Se a mulher commette infidelidade;

«3.ª — Se o marido é sentenceado a uma pena por um crime envolvendo infidelidade;

«4.ª — Se a outra parte é sentenceada a uma pena por delicto maior do que o mau procedimento envolvendo falsidade, suborno, immoralidade sexual, furto, roubo, posse de propriedade por falsos pretextos, descaminho de objectos depositados, guarda de propriedade obtida criminosamente, ou alguns dos crimes especificados nos artigos 175.º ou 260.º do Codigo Criminal, ou é sentenceada a prisão maior, ou maior pena;

«5.ª — Se uma parte é tão maltratada ou grosseiramente insultada pela outra, que a vida em commum se torne impraticavel;

«6.ª — Se uma parte é abandonada pela outra;

«7.ª — Se uma parte é maltratada ou grosseiramente insultada por um ascendente da outra parte;

«8.ª — Se um ascendente de uma parte é maltratado ou grosseiramente insultado pela outra parte;

«9.ª — Se não ha certeza, durante tres annos ou mais, se a outra parte vive ou falleceu;

«10.ª – Em caso de adopção de um *mukoyôshi*, se a adopção é dissolvida ou em caso de casamento de um filho adoptivo com a filha da casa, se a adopção é dissolvida ou cancellada *(mukoyôshi* é a pessoa que é adoptada por outra, e ao mesmo tempo contrahe matrimonio com a filha da casa, que virá a ser herdeira da administração da mesma casa).

Fiquemos por aqui; não devendo prolongar, por enfadonha, a transcripção, pouco amena, das paginas de um Codigo Civil. O que eu pretendi, foi pôr os pontos nos *ii*, devidamente; sentindo que uma revista tão brilhante, como é a que citei, houvesse ingenuamente publicado um artigo sobre coisas japonezas, que eu classifico peor do que mau, isto é – modestia á parte – peor do que os meus artigos sobre o assumpto.

– N'um novo tratado de commercio e amisade, recentemente concluido entre a Inglaterra e o reino asiatico de Sião, estipula-se que a jurisdicção consular ingleza vá perdendo gradualmente as suas garantias, de modo que dentro de poucos annos todos os subditos britannicos, residentes em Sião, ficarão sujeitos aos tribunaes do paiz e aos Codigos siamezes.

Os outros Estados seguirão em breve, é bem de crêr, o exemplo da Inglaterra, a qual, no que respeita o Japão, offereceu um exemplo identico, reconhecendo plena soberania ao imperio do Sol Nascente, e submettendo os seus subditos á jurisdicção dos tribunaes do paiz, no que a imitaram as outras potencias.

Assim se vai pouco a pouco emancipando a Asia, facto que não se deve attribuir a simples sympathias platonicas do mundo occidental, mas sim á tremenda força dos destinos, mas sim á rapida evolução, n'estes

ultimos tempos, da propria Asia; para o que tem principalmente contribuido o prodigioso avanço do paiz nipponico, cuja luz civilisadora illumina, como um resplendor de esperança, os vastissimos horisontes da grande familia amarella.

VII

11 de junho de 1909

Palavras de Roland de Marés; cita-se a proposito um problema curioso — Vocabulo japonez que se aprende depressa e a sua significação — Por se fallar d'esta, respiga-se outra palavra do Nippon; uma observação de passagem — O homem de guerra japonez do feudalismo; uma narração a respeito do assumpto.

Com referencia aos ultimos acontecimentos politicos da Europa, com referencia sobretudo á estranha solução encontrada para o problema balkanico, apparecia ha pouco tempo, na *Indépendence Belge,* um interessante artigo, firmado pelo nome prestigioso de Roland de Marés. Destaco as seguintes linhas:

"A proposito da Macedonia, a proposito de Marrocos, póde-se dizer que já não ha Europa. Os acontecimentos actuaes confirmam isto plenamente. Ha apenas potencias obrando segundo as necessidades de momento, esquecendo os principios mais dignos de respeito, recorrendo aos mais inconfessaveis expedientes para manterem um equilibrio facticio, recuando em face de qualquer solução nitida dos mais graves problemas.

"Em similhantes circumstancias, devemos, pois, admirar-nos se escasseia a confiança na acção internacional dos senhores do mundo, se as consciencias se desencaminham e se os espiritos permanecem turvados, apesar

da garantia das allianças e dos accordos? Devemos, sobretudo, admirar-nos se os fortes continuam arruinando-se em armamentos e os fracos vão perdendo gradualmente os escrupulos da sua dignidade e da sua independencia, para procurarem a protecção dos grandes? Uns e outros sabem o que valem os tratados; uns e outros encontram-se promptos para todas as violencias e para todas as cobardias.

"A Europa official do começo do seculo XX vive sobre a mentira e prepara a anarchia internacional".

Assim esereve o distincto publicista. N'esta ordem de ideias, é interessante citar n'este logar um problema curioso, que respeita o Extremo-Oriente e que particularmente está impressionando a China culta. Refiro-me a Wei-hai-wei, territorio que fica distante, cerca de 115 milhas, de Porto Arthur. Wei-hai-wei fôra primitivamente uma importante estação naval chineza; cahindo, em 1895, em poder dos japonezes, que o guardaram até final pagamento da indemnisação da guerra, isto é, até 1898. No entretanto, a Inglaterra entrava em negociações com a China a proposito de Wei-hai-wei; passando esta malfadada região das mãos dos japonezes para as mãos dos inglezes, *emquanto* — segundo a lettra do tratado — *os russos estiverem de posse de Porto Arthur.*

Mas, no dia 1 de janeiro de 1905 e após uma lucta medonha, Porto Arthur passou para o dominio japonez... e não consta, até agora, que a Inglaterra se disponha a restituir á China o sólo que usurpou.

— Ora, eis aqui uma curiosidade sentimental, que resalta da comparação de duas differentes fórmas de linguagem.

Nós dizemos, e comnosco muitos outros: — as aves

cantam. — Os japonezes dizem: — *tori ga naku* (as aves choram).

Restaria agora averiguar, se possivel fosse, quem é que tem razão, se nós, se os japonezes; se effectivamente as aves cantam, ou se effectivamente as aves choram.

Para o caso das aves captivas — o rouxinol ou o pintasilgo na gaiola, por exemplo, — parece-me não restar duvida de que os japonezes se aproximam mais da verdade do que nós. Assim, diligenciando penetrar nos segredos psychologicos da bicharia alada, não julgaes que a ave captiva chore e não cante? Chore a sua liberdade perdida, chore as apotheoses das auroras, chore os campos floridos e perfumados, chore a ave companheira que vinha poisar no mesmo tronco, chore os cuidados do ninho, chore os chilros dos filhitos implumes? . . .

Mas talvez possamos ir mais longe, e dizer que a ave, em quaesquer condições em que se encontre, chora, não canta; e que nós, quando cantamos, choramos; e que a cigarra chora, e que as aguas choram, e que as brisas choram. Isto equivale a attribuir ao verbo *cantar* uma significação inconfessada, a de *chorar,* porventura mais justa do que aquella que os diccionarios lhe conferem; e então a inteira harmonia acustica no universo, das coisas, dos brutos e dos homens, não seria mais do que um immenso hymno de angustias, de saudades, angustias e saudades dos aspectos passados, de outras existencias vividas, de romotos amores extinctos . . . A hypothese suggere a possivel confirmação plena da denominação de *valle de lagrimas,* que o povo attribue algumas vezes a este mundo . . .

Tori ga naku, as aves choram . . .

Ha um vocabulo corriqueiro na linguagem japoneza, particularmente sonoro, carinhoso ao ouvido; vocabulo

que os estrangeiros logo aprendem, após algumas horas de permanencia no paiz. Este vocabulo é:—*Sayônara.* Usa-se na acepção de—adeus, passe muito bem, tenha saude,—empregado no fim da phrase, em ar de despedida, e tambem no fim das cartas. Ouvimol-o a cada instante, ruas fóra, quando duas pessoas conhecidas, que se encontram, se separam; nas estações de caminho de ferro, quando o comboio parte, e nos caes de embarque, quando o barco se afasta, sôa solemnemente, commovedor. Tambem nos gratificam com o termo, ao sahir da lojinha onde comprámos a boceta de charão, ou ao sahir da *chaya* onde bebemos uma chavena de chá. Murmurados por labios frescos de *musumé,* com acompanhamento da indispensavel reverencia, é delicioso . . .

Mas o termo *Sayônara,* composto de duas palavras, *sayô* (sim, assim), e o suffixo *nara,* que implica a ideia de uma acção condicional e desiderativa, quer dizer, rigorosamente fallando:—assim seja;—correspondendo por este modo ao termo hebraico *amen,* com absolutamente identica significação, o qual remata de ordinario as supplicas, as orações christãs, votadas ao Eterno.

Com este cabedalsinho de linguistica, o occidental encontra nas dôces despedidas japonezas, terminadas invariavelmente pela palavra *Sayônara,* um quê de mystico sabor a coisa santa, de prece feita aos deuses; a palestra transforma-se n'uma oração; e comprehendeis que o caso seja de molde-a vir embeber de lithurgicos encantos a rotina colloquial das nossas relações com esta gente.

Já que estamos com a mão na massa, como se costuma dizer, respiguemos uma outra palavra japoneza, que tambem offerece certo enlêvo. Esta palavra é—*Kinodoku.*

Antes de tudo, observemos, de passagem, que á circumstancia de ser a lingua japoneza essencialmente ag-

glutinante, isto é, de comprazer-se em formar novas palavras pela agglomeração de outras palavras, offerece-nos surprezas captivantes.

A lingua portugueza é, como em geral, as outras linguas occidentaes de flexão; constituindo-se a maioria das palavras pela juncção, a raizes invariaveis, de certas particulas insipidas, insignificativas, as quaes, por convenção, lhes graduam o sentido. Por exemplo: — conspirar, conspirador, conspiração.

Tambem na nossa lingua se encontram termos agglutinantes, constituidos por fórma identica aos termos japonezes; mas suggerindo, em regra, pouco encanto. Taes os vocabulos: — Saca-rolhas, quebra-mar, multicôr e muitos outros.

Volto agora ao termo *kinodoku,* ao qual me havia referido. Quer dizer: — tristeza, facto lamentavel, digno de compaixão; — e compõe-se de tres palavras bem distinctas, *ki, no* e *doku,* sendo a sua rigorosa traducção "veneno da alma„.

Não vos parece de uma gentilissima profundeza de conceito e ao mesmo tempo de uma emotividade bem humana, isto de chamar "veneno da alma„ á mágua, comparando, por exemplo, a angustia pela perda de um ente querido á dôr occasionada pelo arsenico ingerido? . . .

— O *samurai,* isto é, o homem de guerra japonez do feudalismo, tinha por primeiro dever servir o seu senhor; depois, ajudar e defender seu pae; depois, os seus irmãos; depois, os seus amigos; depois, a população inteira do districto onde vivia. Finalmente, o sentimento de solidariedade fraternal estendia-se de certo modo aos *samurai* de todo o imperio, incluindo criminosos e inimigos. O exemplo seguinte é concludente.

Conta Arai Hakuseki, litterato e historiador (1656-1725), que seu avô, que era *samurai,* fôra incumbido da guarda de tres outros *samurai,* accusados de homicidio. Elle então, entregando aos prisioneiros os seus sabres, envolveu n'um pedaço de fazenda o que lhe pertencia, atirando-o para longe. Após, observou: — "Agora, se pretendeis fugir, cortai-me a cabeça préviamente, o que vos será facil".

Os prisioneiros, porém, não pensaram em escapar-se; a vergonha de se acharem sob a guarda de um só homem, aconselhal-os-hia a fazel-o; mas, acima de tudo, a nobreza de alma de tal homem impunha-lhes respeito.

Eis um outro episodio que diz respeito aos *samurai,* os quaes, por principio, timbravam em professar a maior indifferença pela morte.

O philosopho Kiusô, (seculos XVII e XVIII) conta que o seu amigo Sughimoto, tinha um unico filho, Kujiró. Aos quatorze annos de idade, Kujiró, n'uma contenda com rapazes, matou com uma cutilada o seu adversario. Pelo crime, foi condemnado a suicidar-se (a fazer o *harakiri).*

Reunindo os seus amigos n'um banquete derradeiro, Kujiró bebe e folga com elles, até por alta noite. Diz-lhes então: — "Desculpem-me, faltando ás regras que a hospitalidade determina; mas devo retirar-me, repousar por algumas horas, a fim de não apparecer no acto do suicidio com os olhos somnolentos, o que seria de mau gôsto".

Com effeito, deixa-se adormecer por algum tempo; ergue-se pela manhã, toma o seu banho, veste-se com primor, procede aos preparativos de etiqueta, suicidando-se após, em presença dos numerosos espectadores, com perfeita coragem e fria compostura.

VIII

10 de Setembro de 1909

O grande incendio de Osaka; pormenores emocionantes — Outra catastrophe; o terramoto no Japão central; seus deploraveis effeitos; disposição do territorio nipponico para os flagellos sismicos — Trovoadas frequentes; pedido aos deuses do Japão e satisfação d'esse pedido — A «nevrose canicular» — Boa colheita de arroz; o que a proposito d'este diz um europeu que viaja.

OBRIGADO, por força maior, á interromper por algumas semanas a regular remessa d'estas cartas, as linhas que vão seguir-se representam, melhor do que impressões de novidades, simples recordações dos tristes acontecimentos que se foram succedendo e dando aqui celebridade historica ao mez passado, mez a que um jornal inglez do Extremo-Oriente chamou já, com sobras de razão, «o negro agosto do Japão» *(black august in Japan)*.

Deu inicio á série de catastrophes o pavoroso incendio de Osaka, o maior que se registra na historia moderna do imperio. Nas éras medievaes occorreram varios terriveis sinistros d'esta ordem; e tanto eram frequentes em Yedo, (hoje Tôkyô), que o povo, na sua linguagem pittoresca, chamou-lhes «as flôres de Yedo», *Yedo no hana*.

Mas, como disse, o incendio de Osaka, a que agora me refiro, foi o mais devastador de todo o Dai-Nippon, n'estes ultimos tempos.

O incendio começou na madrugada de 31 de julho, em uma modesta fabrica de camisolas de algodão, occasionado por uma lampada de petroleo deixada accêsa durante a noite, a qual, não se sabe como, communicou o fogo aos aposentos; e terminou na noite de 1 de agosto.

Soprava então um furioso vento de léste, um verdadeiro furacão, a cuja impetuosidade se devem, principalmente, as medonhas proporções da occorrencia.

As casas de madeira, como são em geral as casas japonezas, e a estreiteza das viellas da cidade, favoreceram tambem o alastramento.

Diz-se — e é um facto — que os meios de extincção de incendios em Osaka são ainda bastante deficientes; mas contra as enormes rajadas do vento, e no sitio que acabo de apontar, outros processos de defeza, mais perfeitos, pouco ou nada teriam conseguido.

Ardeu cerca de uma quinta parte da cidade, que é a segunda, em grandeza e em população, de todo o imperio. Ficaram completamente destruidas varias pontes de serventia publica (Osaka é a Veneza do Japão) e 11:365 casas de habitação. A mortalidade milagrosamente infima, foi de 11 individuos; mas as perdas materiaes foram immensas e a miseria attingiu muitas centenas de familias. No numero das ruinas, mencionam-se 11 edificios do governo, 8 escolas, 4 estabelecimentos bancarios, 10 Companhias, 4 templos shintoistas, 16 templos buddhistas e 9 estações policiaes. Tarde, só dentro de tres ou quatro annos, a cidade poderá retomar o seu antigo aspecto.

Eu visitei Osaka na tarde de domingo, 1 de agosto,

quando ainda a área affectada, transformada n'uma vastissima planicie, obstruida de despojos, ardia e abrazava como uma fornalha immensa. Era uma lastima. O aspecto unico, desolador. Toda a actividade de uma população particularmente industrial, de mais de um milhão de habitantes, paralysára. As portas das lojas conservavam-se cerradas. A illuminação publica e particular escasseava. E' que o povo, que não dormira durante a noite anterior, encontrava-se exhausto de forças, amodorrava. Nem os restaurantes funccionavam. Nem havia agua potavel nas casas. Eu quiz jantar; e, só passadas longas horas de pesquisas, obtive um pedaço de bife pobre, com que mitiguei a fome.

No entretanto, varios grupos de transeuntes percorriam as ruas, silenciosamente, embasbacando em frente da catastrophe. Carretas puxadas a braços, conduzindo differentes artigos salvos da furia das chammas, cruzavam os caminhos. Nas estações de policia, os agentes da auctoridade, esfalfados das longas horas de labuta, dormiam a somno solto, sobre esteiras, mascarrados, quasi nús, á vista dos curiosos.

E, comtudo, não se ouvia um unico lamento, um unico grito, uma unica blasphemia, nem se registrava um unico roubo, uma unica desordem, uma unica provocação; isto, contrariamente ao que houvera succedido em qualquer grande centro europeu — em Londres, em Paris, em Lisboa ou em outra parte — em circumstancias calamitosas, similhantes.

O procedimento commedido do povo japonez, perante o pavoroso incendio de Osaka, traz á memoria o procedimento commedido do povo japonez, perante os momentos mais criticos ou mais emocionantes da guerra russo-japoneza.

Estes dois factos bastam, por si sós, para darem uma intensa ideia, a olhos de estranhos, do particularissimo dom, d'esta gente, de disciplinar impetos naturaes, de reprimir desmandos, em uma palavra — de manter a dignifica compostura da serenidade civica, nas mais surprehendentes conjuncturas. Estamos em presença de uma virtude, de uma grande virtude social, capaz de heroismos imprevistos.

— Duas semanas depois do incendio de Osaka, isto é, no dia 14 de agosto, occorreu um violento terremoto no Japão central, repetindo-se os abalos de terra durante varios dias, com effeitos lastimosamente destructivos, abalos que foram sentidos em quasi todo o imperio.

Reconheceu-se que o centro do phenomeno se déra no monte Ibuki, proximo do formoso lago Biwa, affectando os districtos visinhos n'uma área bastante vasta.

Umas trinta e tantas pessoas pereceram no sinisiro, ficando 168 mais ou menos injuriadas. Foram totalmente destruidos 20 templos, 470 casas de habitação e 686 outros edificios; e parcialmente destruidos 59 templos, 1:367 casas de habitação e 992 outros edificios; o sólo apresentou algumas fendas.

O povo rural acampou, por longos dias e por longas noites, junto dos arrozaes; como os mosquitos são praga em tais paragens, a scena nocturna offerecia o quadro commovente dos amplos mosquiteiros domesticos espalhados pelos campos, abrigando os velhos, as mulheres e as creanças, emquanto que os homens válidos patrulhavam as aldeias devastadas, em cujos casebres arrombados existia todo o seu haver.

Se compararmos a mortalidade d'este terremoto com a do que ha pouco tempo consternou uma parte do povo

portuguez, poderemos imaginar que as duas catastrophes apresentaram-se com igual intensidade. Mas não foi este o caso. Quando levarmos em conta a construcção ligeira e especial das casas japonezas, as suas minusculas dimensões, circumstancias que muito diminuem os riscos de vida dos habitantes, e considerando tambem que o sinistro se estendeu principalmente sobre uma área campestre, onde as casas rarejavam, somos levados a concluir que o recente terremoto do Japão foi bem mais violento do que o que ha algumas semanas affligiu a nossa terra.

Aponta-se o facto curioso de que o grande terremoto do Japão, occorrido em 1891, teve proximamente a mesma origem e affectou os mesmos districtos. Mas então as proporções do mal foram medonhas, perecendo 10:000 pessoas e ficando cerca de 20:000 injuriadas.

Está hoje geralmente admittido que os phenomenos sismicos são devidos a duas causas bem diversas: — ou á acção explosiva dos vulcões, ou á desaggregação occasional de grandes massas de materia compacta, existente no interior da terra, e precipitando-se em enormes vasios que alli se encontram. No primeiro caso, pódem suppôr-se influencias chimicas, condensações de fluidos, explosões subterraneas. No segundo caso, dá-se apenas uma simples acção mechanica, um simples effeito de desmoronamento, sendo as vibrações da superficie motivadas pelo rolamento e quéda precipitada das grandes massas desaggregadas. No recente terremoto, deve entrar apenas em consideração este segundo caso.

O Japão, interessantissimo sobre tão variados aspectos, tambem herdou da natureza-mãe curiosas e especiaes disposições para ser flagellado por commoções de ordem sismica; e é assim que tem acontecido, succedendo-se, desde as mais remotas éras conhecidas, as catastrophes

ás catastrophes. Por um lado, eminentemente vulcanico, possuindo por signal mui notaveis vulcões, uns já extinctos, outros ainda em plena actividade; por outro lado, contornando-se em rendilhadas configurações de milhares de ilhas, junto ao fosso de Tuscarora, o mais profundo covão oceanico que se conhece; devemos, pois, conceber o Paiz do Sol Nascente duplamente ameaçado a todos os instantes pelo mysterio das suas ebulições internas e pelos grandes espaços vasios do sub-sólo, por onde as aguas se infiltram provavelmente e vão dilluindo as rochas. Este paiz é um prodigio de construcção e de equilibrio, um capricho da creação; existindo por milagre dos deuses, e por milagre dos deuses verdejando e florescendo á babugem das aguas revoltas do Pacifico. Se um dia mergulhasse e desapparecesse para sempre, como uma peça de fogo de artificio que brilha e se desfaz, em nada deveriam admirar-se os sábios do Occidente... e um grande capitulo do *perigo amarello* ficaria assim riscado das paginas da politica militante. Mas parece que não se desfará tão cedo...

— Continuando pela série de desastres, devo agora relatar, embora de passagem, a occorrencia de frequentes trovoadas, de effeitos desastrosos, durante o mez passado.

A quadra estival tem sido, durante este anno, excepcionalmente sêcca; porém, de quando em quando, rebenta uma trovoada, a chuva alaga momentaneamente os campos e os raios mortiferos prostram varia gente, em cidades e aldeias.

Ainda ha poucos dias, uma chusma de aldeões reunira-se n'um templo, no intuito de implorar dos deuses a chuva, que viesse beneficiar as culturas resequidas; os deuses fizeram-lhe a vontade, desencadeando-se imme-

diatamente uma forte borrasca, acompanhada de chuva e trovões, perecendo mesmo no templo alguns da chusma de devotos . . .

— A triste resenha de incidentes do «negro agosto do Japão» completa-se com uma longa lista, desudada, de loucuras, de crimes, de suicidios, acontecidos n'estes dias. E' isto o que poderiamos chamar a *nevrose canicular,* isto é, o excitamento desordenado das energias nervosas, tendo por causa a alta temperatura reinante e aproveitando como pretexto ora a miseria, ora a cobiça, ora o odio, ora o ciume, ora outra qualquer razão sentimental, para vir dar basta materia a todas as manifestações da tragedia social . . .

— Mas, para não ser tudo *negro,* annuncia-se uma magnifica colheita de arroz, que virá espalhar alegria por todo este Japão. O arroz é o pão do Japão. Nem sempre o é, porque a população mais modesta não come o seu arroz, por ser bom de mais, vendendo-o e comendo o arroz da China, inferior mas mais barato; ou nem mesmo come arroz, substituindo-o por cevada, ou por batata doce, ou por feijão. Em todo caso, uma boa colheita do arroz japonez é sempre uma grande fonte de riqueza e felicidade.

A proposito, é interessante mencionar o que escrevia ha poucos dias, no *Japan Chronicle,* um europeu, fallando de viagens de prazer a bordo de um *yacht,* ao longo da costa nipponica. «Nas aldeias maritimas encontram-se abundantemente, dizia elle, ovos, fructas, gêlo, etc.; mas é conveniente ter feito na cidade — elle partira de Kobe — uma boa provisão de arroz, visto que o arroz que come o pescador e a sua familia é intoleravel, por

inferior. Isto, na terra que produz, em abundancia, o melhor arroz do mundo, quasi nos faz chegar as lagrimas aos olhos, pensando na extrema sobriedade, na extrema economia domestica, em que vive, sorrindo á existencia, a grande maioria da população do Dai-Nippon.»

IX

1 de outubro de 1909

Referencia de um militarista chinez sobre o exercito do Japão; presumpções ácerca de Porto-Arthur; investigações historicas, em que se recordam antigos e sombrios successos — Uma noticia commovente colhida da vida intima do povo nipponico.

Um jornal de Kobe, o *Japan Chronicle,* informa que certo funccionario chinez, tido por haver-se dedicado por longos annos ao estudo dos problemas militares que preoccupam o Japão, referiu, segundo escreve o *Golos Moskvy (A Voz de Moscou),* que o governo de Tôkyô cuida de elevar o seu exercito a uma dupla força numerica, comparado com o exercito que se alastrou nos campos da Mandchuria, durante o ultimo conflicto. Treze annos serão necessarios para similhante realisação. Então, continúa o funccionario, o Nippon espera poder dispôr de 120 divisões, com um effectivo total de cerca de 1.200:000 homens.

Ha um anno que o systema de educação militar vem soffrendo alterações; as manobras do exercito effectuam-se agora exclusivamente em planicie, sendo sujeitos os recrutas japonezes a um especial e rigoroso tirocinio.

O alludido funccionario é de opinião que similhante tirocinio visa a preparar todo o exercito para operações

em campo raso, nas grandes planicies da Mandchuria. Segundo elle, as auctoridades militares no Japão e o governo mostram-se muito preoccupados com a attitude que assumirão a China e a Russia no anno de 1923, quando o arrendamento de Porto-Arthur chega ao seu termo. Imaginando que a China pede que Porto-Arthur lhe seja devolvido e que a Russia apoia esse pedido, o Extremo-Oriente tornará então a ser o theatro de um terrivel conflicto, que o Japão promoverá, no proposito de continuar na posse dos fructos das victorias alcançadas.

Ora, tal noticia póde muito bem ser uma simples invenção, méra intriga da folha moscovita, sem que mesmo o funccionario chinez tenha existido. O que lhe dá, porém, interesse é o vir lembrar a possibilidade do conflicto, certamente indesejavel. Devemos, em todo o caso, presumir que os japonezes, por motivos obvios, não entregarão Porto-Arthur, ao expirar o periodo de arrendamento, á China.

Resta vêr o que fará a China, aconselhada por ventura por alguma potencia occidental, interessada na materia.

Téem estas cartas feito já referencias ao que se foi passando em Porto-Arthur n'estes ultimos annos; mas os factos são por si sobejamente interessantes e de palpitante ensinamento, para que se me desculpe o voltar hoje a relembral-os, n'uma resenha a largos traços.

Em 1894 e 1895 passou-se o surprehendente drama que foi a guerra chino-japoneza, terminando com a completa victoria dos japonezes e a humilhação do colosso ao vencedor.

A guerra fôra provocada pela China, pelas suas insolencias contra o imperio dos mikados, pelas suas pretensões sobre a peninsula coreana; tornara-se uma necessi-

dade inadiavel para os japonezes, aos quaes se impunha o dever de mostrar, não só á China mas a toda a gente, que a nação se fortalecera nas suas instituições, que possuia forças materiaes para apoiarem os seus intuitos, que entrara emfim n'uma éra de actividades e de progressos, que lhe conferiam o direito de participar notavelmente nos grandes problemas mundiaes.

Os resultados de tal guerra maravilharam, com effeito, o mundo occidental; ensinando-lhe, por um lado, que o colosso chinez era um espantalho, amodorrado e impotente; por outro lado, que o Dai-Nippon, pelo seu avanço na civilisação moderna, merecia bem a alta consideração, se não a estima, da inteira familia das nações.

Os japonezes teriam chegado a Pekim, teriam deposto a dynastia reinante e collocado no throno vago o seu proprio soberano, se não houvessem sagazmente comprehendido que as ambições e as invejas europeias não lhes consentiriam tal arrojo. Contentaram-se com o reconhecimento, por parte do vencido, da independencia da Coréa, com uma indemnisação de guerra e com a posse dos Pescadores, da Formosa e com a peninsula de Liaotung, incluindo Talienwan e Porto-Arthur, este conquistado pelas armas, porto estrategico de primeira ordem, dominando a entrada do golfo de Pechihli e o caminho de Taku, que leva a Tientsin, que leva a Pekim, capital do immenso imperio, residencia da côrte e do soberano.

Em 17 de abril de 1895 era assignado o tratado de paz nas condições que ficaram apontadas. Mas a Russia, animada desde annos por inconfessados impetos de cobiça, visando Porto-Arthur como o mais favoravel *terminus* para a sua linha ferrea transiberiana, então em construcção, não podia resignar-se á derrocada das suas mais gratas ambições.

Não ousando erguer, sósinha, a voz dos seus protestos, soube alliar-se as sympathias e o apoio immediato da França e da Allemanha.

Em 25 de abril, os representantes diplomaticos d'estas tres grandes potencias europeias enviaram ao governo japonez notas simultaneas, cortezes, todavia, rogando-lhe que renunciasse á posse da peninsula de Liaotung, mediante uma compensação pecuniaria por parte do vencido; isto, em nome da paz do Extremo-Oriente e da paz do mundo inteiro. E constou depois que uma provocação naval se preparava, na qual deviam figurar as esquadras das tres nações que mencionei, as quaes iriam ao encontro da fatigada esquadra japoneza; o que não se realisou, graças ao prudente afastamento do almirante de Beaumont, que commandava então as forças navaes da França em taes paragens.

O governo japonez, desamparado de todos os apoios, mesmo do da Inglaterra, que ainda então permanecia no seu *soberbo isolamento,* cedeu á força, habilmente mascarada, (ou *mascarrada)* n'um rogo collectivo de ministros; e Porto-Arthur foi devolvido á China, mediante uns punhados de dinheiro. E agora, que melhor conhecemos os brios guerreiros do Japão, o seu orgulho de raça, o seu patriotismo, levado aos paroxysmos de uma paixão irrefreavel, é que podemos conceber com que dôr, com que angustia de alma, com que asco, o povo japonez se viu assim forçado a largar das mãos o fructo mais bello da victoria — Porto-Arthur! ... O Japão cedeu á força, sim; mas deve admittir-se que um inquebrantavel sentimento de desforra brotou logo, espontaneo, no animo de cada filho do Nippon! ...

A partir d'este desfecho de theatro, os factos interessantes multiplicam-se sem tréguas, perante o deslumbra-

mento mundial. A China estava exhausta de dinheiro; porém, para pagar a sua divida, é a Russia que lh'o empresta, ella, pobre tambem, mas ardilosamente influenciando os capitalistas da França, ingenua e rica, os quaes cobriram o emprestimo; por esta fórma, a Russia arvora-se protectora dos chinezes, exercendo em Pekim uma predominante influencia. Após, a França e a Allemanha, em troco do papel representado, como alliadas momentaneas da Russia na questão de Porto-Arthur, reclamam a recompensa dos seus feitos: A França exige logo da China um alargamento de fronteira da sua colonia da Indo-China e outros privilegios; a Allemanha, menos apressada, mas mais audaciosa, espera momento azado, que se lhe offerece pelo assassinato de dois missionarios allemães em sólo dos chinezes, lançando então a garra a Kiaochau, na peninsula de Shantung.

Surge agora a mais maravilhosa scena d'este drama. Livre Porto-Arthur do jugo japonez, a Russia continuava a pensar n'elle, a lamber os beiços de contente, hesitando, porém, se antes melhor lhe conviria um porto coreano para limite da sua linha ferrea e para satisfação plena das suas enormes ambições; estas podiam resumir-se em adquirir a posse de uma nesga da costa do continente extremo-oriental, recommendavel pela sua posição estrategica em face do Japão e safa dos gêlos importunos que tanto estorvam nos mezes invernosos a navegação de Vladivostock e das outras cidades costeiras da Siberia.

Essa nesga de terra, eriçada de fortificações e dando abrigo a uma esquadra poderosa, viria a ser o fóco irradiante das suas arrogancias, dominando o mar do Japão, esmagando a Coréa, ameaçando constantemente o imperio dos Mikados, estabelecendo lenta, mas seguramente, a sua hegemonia perante japonezes e chinezes.

Finalmente, decidindo-se por Porto-Arthur e convencida da opportunidade do momento, a Russia obtém da China, em 27 de março de 1898, o arrendamento durante 25 annos, susceptivel de continuação por novo accordo, de Porto-Arthur, Talienwan e aguas e territorios adjunctos.

A bofetada applicada pela Russia sobre a face do Japão, não poderia ser maior, mais estridente; a offensa excede tudo que a Historia no genero commemora. E vejamos:

Em abril de 1895, a Russia impõe ao Japão, em nome da paz do Extremo-Oriente e da paz universal, que restitua á China, Porto-Arthur, lealmente conquistado pelas armas; antes de tres anos decorridos, a Russia, então em nome dos seus interesses exclusivos, apodera-se de Porto-Arthur! . . . — Quanto ao *arrendamento,* é claro que se recorria a um termo de pura rhetorica diplomatica . . . porque a Russia, que tão avultadas sommas dispendeu na fortificação de Porto-Arthur e no estabelecimento de Dalny (hoje Tairen), a cidade commercial, jámais devolveria á China aquelle pedaço do seu sólo, tão ardentemente cobiçado! . . .

Este episodio, como exemplo profundamente significativo do que póde a intriga das nações, com menosprezo dos mais elementares principios da equidade, faria ainda hoje rir — de riso amargo — os observadores desinteressados, se elle não viesse ao mesmo tempo recordar a tremenda desforra, a qual, de modo algum, convida a rir; porque Porto-Arthur, passado cerca de sete annos — em 1 de janeiro de 1905 — cahia novamente em poder dos japonezes, os quaes, matando e sendo mortos, transformando a inexpugnavel fortaleza n'um monte de cadaveres e de ruinas, conseguiam, á força de perseverança e

de coragem inauditas, ir alli de novo implantar a bandeira branca e rubra do Nippon.

Não vem agora para o caso relembrar a série de mil e mil recentes peripécias, ainda bem presentes na memoria d'aquelles que por ellas se interessaram, da guerra russo-japoneza. Basta que se recordem ideias geraes com referencia a Porto-Arthur.

A primeira investida maritima contra o temivel porto naval fez-se em 8 de fevereiro de 1904, seguindo-se-lhe outras; o cêrco terrestre começou em maio do mesmo anno; no dia de Anno Novo de 1905, após innumeros lances sangrentos, pavorosos, rendia-se a praça aos japonezes. Os proprios japonezes, nas suas narrativas, nos seus livros, esquecem por vezes o natural enthusiasmo das victorias, para só se referirem com horror aos espectaculos que a longa tragedia offerecia; isto, por exemplo, fallando dos dois velhos fortes de Pan-lung-chan, em cujo sólo jazeram insepultos, fetidos, por mais de cinco mezes, os cadaveres dos innumeros combatentes, cujas tibias, soltas por fim e descarnadas, conservavam-se ainda no involucro dos butes; ou fallando de detalhes similhantes, observados na famosa collina dos 203 metros, cuja área não excedia 200 metros quadrados e onde pereceram, pelo menos, 4.000 soldados russos e 6.000 japonezes!...

O ataque e rendição de Porto-Arthur, que tantos milhares de vidas custaram a vencedores e vencidos — principalmente a vencedores, — foram decididos antecipadamente pelos japonezes, como uma medida de ordem pratica, indispensavel ao complemento da victoria; dando-se de barato todos os enormes sacrificios que já se imaginavam necessarios. Quando, porém, não avultasse esta razão, uma outra existia de ordem moral — o senti-

mento da desforra, — por si só sufficiente para induzir ao mesmo intuito. Os japonezes tinham, infortunadamente, de lavar em sangue — do inimigo e de si proprios — a affronta anteriormente arremessada e silenciosamente recebida.

Pelo que o assumpto interessa á China, os japonezes, rendida a praça e levada a termo a guerra, apossaram-se de Porto-Arthur e de toda a peninsula de Liaotung, que lhes vinham das mãos dos russos, por um acto de simples transferencia de locatarios, sujeitando-se ás clausulas anteriores do arrendamento.

Bem. Mas póde imaginar-se que, em 1923, ao terminar o arrendamento de Porto-Arthur, o Japão o devolva á China, talvez para que em breve uma qualquer potencia occidental o chame seu? ... Não. A China, ou de bom grado ou pela força, terá que acceitar os factos consummados e a imposição fatal da politica nipponica. Será isso um desaire, talvez; mas não o primeiro, e certamente não o ultimo. A alliança entre a China e o Japão impõe-se na Historia, como uma lei dos destinos mundiaes, tendente ao renascimento, á evolução das raças asiaticas, para que estas, face a face com as raças do Occidente, possam pugnar pelos seus interesses. Mas isso virá tarde, mercê da enorme extensão da China, da sua enorme população, das diversidades ethicas dos chinezes e do natural resentimento de um imperio que tem agora de receber dictames de um outro, que fôra seu pupillo. Entretanto, a China vêr-se-ha obrigada por vezes a curvar a cabeça, perante a vontade d'esta extraordinarissima familia humana, que é a familia japoneza.

— Busco agora, terminando, lavar da memoria dos leitores o enfado das divagações historicas, um tanto longas,

das linhas que precedem, offerecendo-lhes, como acepipe final d'esta correspondencia, uma noticia ligeira, ingenua e commovente, colhida da vida intima d'este povo japonez.

O meu amigo Saito Jutaro é cosinheiro de profissão, exercendo-a duramente a bordo de um vaporzito que faz viagens quotidianas entre Osaka e Tokushima.

Tokushima é uma cidadesinha provinciana, tranquilla e pittoresca, da ilha de Shikoku.

Jutaro tem casa em Tokushima, um bem humilde lar, com telhado de côlmo e apparencia desprezivel. Alli habitam a laboriosa esposa e uma numerosa prole. Prole feminina — umas seis ou sete raparigas; — porque os filhos machos, que téem sido muitos, morrem todos, em tenra idade, de varias macacôas, não sei porque teimosia dos deuses implacaveis. Mas — ia-me esquecendo de notar, — o seu ultimo filho, nascido o anno passado, é macho; e vive ainda, robusto e sorridente.

Ora, para uma familia japoneza, os filhos varões, que são os herdeiros do nome, dos haveres, e os perpetuadores das tradições, representam, entre ricos e pobres, a principal ventura. Está-se imaginando a mágua profundissima do pobre cosinheiro! . . .

No entretanto, áquelle ultimo filho deu Jutaro, por curiosa resolução, o nome de O Ichi; um nome de mulher, que quer dizer "Dona Feira». Pensa Jutaro illudir, por este modo, a perspicacia dos deuses, os quaes, julgando femea a creancita, a pouparão da morte; e o caso é que o pequerrucho se encontra nédio e rijo, apparentando as melhores disposições para não querer seguir, por muitos e longos annos, a sorte dos irmãos . . .

Ora, os nossos deuses, das nossas religiões occidentaes, são omnipotentes, omniscientes, e, para mais, tão

friamente justiceiros, que nunca nos perdoariam qualquer trapaça no proposito de enganal-os. Não são assim os deuses japonezes; revelam-se-nos de ordinario bonacheirões, amigos de galhofa e tambem por vezes dotados de pouca agudeza dos sentidos. Em todo o caso, enternece-me esse pae, por certo profundamente religioso, que, para salvar da morte o filho querido, o chrisma com um nome de mulher ... Se ha piedade no olympo japonez —e devemos crêr que a haja— O Ichi, o "Dona Feira", deve viver cem annos, pelo menos, para gloria da familia e aprazimento dos manes dos avós! ...

X

18 de outubro de 1909

Inauguração da ultima secção da linha ferro-viaria de Himeji a Kinosaki, passeio através do Japão; pontos principaes d'esse percurso; Kinosaki, os seus estabelecimentos thermaes, bellezas naturaes; Tsuyama, resto da excursão; o deslumbramento que essa aldeia offerece com o seu sólo, as suas casas primitivas, a sua população, as suas lulas.

IMPRESSÃO de uma excursão.

Não me parece um passeio banal o atravessar a gente o imperio do Japão, de lado a lado, em cerca de seis horas e meia de viagem; isto é, abalar, pela manhã, do porto de Kobe, banhado pelas aguas que lhe véem do Pacifico, e chegar ainda com sol á contra-costa, que as aguas do mar do Japão véem lamber.

Facilita-nos commodamente este passeio a recente abertura, ao serviço publico, da ultima secção da linha ferrea que vai de Himeji a Kinosaki.

Larga a gente de Kobe. O comboio vai passando ao longo da costa pittoresca. E' Suma, depois Sheya, depois Maiko; aldeias de pescadores e poisos de prazer, muito frequentados por japonezes e estrangeiros, no verão especialmente. Segue depois Akashi, pequena cidade industrial. Segue depois Himeji, cidade importante, séde de uma divisão do exercito. Então, o comboio muda de direcção, deixando de correr para oéste e passando a cor-

rer para norte, internando-se por terra dentro, furando pelos tunneis; succedendo-se as cidadesinhas e as aldeias, e os aspectos comesinhos da paizagem japoneza, agora loira das espigas maduras dos vastos arrozaes.

Se o estomago nos accusa assomos de appetite, é então occasião de comprar a gente, por infimos cobres, em qualquer estação do transito, um bule com chá e a sua chavena, e o *bento;* o *bento* é uma pequena caixa de madeira, contendo um guardanapo de papel, os dois paus apprehensores que no Japão fazem as vezes de talher, um palito e uma refeição completa: — arroz cosido, pedacitos de peixe, de ovos, de vegetaes e outros acepipes. — Asseguro-lhes que, com este frugal repasto, se almoça deliciosamente.

Alli pelas alturas de Ikuno (povoação notavel pela prata em abundancia que se extrahe das suas minas), notamos uma circumstancia interessante. Até então, as aguas dos rios, das ribeiras, dos arroios, iam deslisando e escumando de norte para sul; para lá de Ikuno, deslisam e escumam em direcção opposta. E' que em Ikuno attingimos a maior altura da vertente, um ponto em eminencia da lombada das montanhas que dão relêvo, de alto a baixo, á esguia figura do Nippon, comparado pelos proprios japonezes a um enorme tira-olhos, pairando sobre o mar; e, naturalmente, o curso das aguas muda assim de signal, muda assim de sentido.

Ganhos mais alguns kilometros de caminho, começam então a alvejar, em frente dos olhos, vélas de barcos, que navegam por um rio, vindos do mar do Japão ou indo para lá; o que a principio surprehende, havendo deixado atraz de nós vélas de barcos similhantes, que navegavam junto a Kobe e á costa proxima. Pouco após, pára o comboio em Kinosaki, o *terminus* da linha.

Ainda não ha estação em Kinosaki. Constrúe-se agora a toda a pressa; martellam os carpinteiros. O comboio é alli ainda coisa estranha; o engenho um monstro, que o povo da localidade encara embasbacado; a chusma dos visitantes, com os seus ares civilisados de Tôkyô, de Osaka ou de Kyôto, constitue ainda novidade. Com mais razão o europeu, com o seu feitio e com os seus costumes especiaes, é ainda um sêr exotico, merecendo curiosa e demorada pasmaceira, embora respeitosa. Que felicidade!... Estamos em pleno Japão antigo, o que é bem raro encontrar por estes tempos. Dentro de tres ou quatro annos o comboio será coisa trivial em Kinosaki; e o europeu, correlativamente, um bicho vulgar, desagradavel, a quem o rapazio dirá por mofa—*good morning, good morning!*—ou então mais aggressivo—*keto jin, keto jin!* (selvagem barbudo, selvagem barbudo!)

A povoação de Kinosaki fica a algumas centenas de metros do mar. Estende-se modestamente, mas garridamente ao longo das duas margens de um rio, que se chama Maruyama, e ao fundo de um valle vicejante, coroado por altas montanhas cobertas de arvoredo. De arvore para arvore, de telhado de casebre para telhado de casebre, cruzam-se em vôo os corvos, enormes, malhados de branco e negro, rouquejando contínuas grasnadas jubilosas.

O povo indigena labuta serenamente; ou deixa-se viver em placida attitude, em grupos familiaes, contemplando os horisontes, ou fumando, ou sorrindo, ou palestrando. As viellas serpenteiam, abrindo aos visitantes as suas lojinhas da exigua industria do logar—cestos de verga e bocetas de madeira,—as suas numerosas hospedarias e os seus estabelecimentos balneares.

Ai, os estabelecimentos balneares!... Ai, os ba-

nhos! . . . São elles que dão principal fama ao logarejo, que abunda em aguas thermaes, efficazes, parece, contra o rheumatismo e não sei que outras mazellas. O japonez adora os banhos; sobretudo, adora as thermas. Bandos de excursionistas alli chegam e invadem os hoteis, demorando-se uma semana, duas semanas, mesmo mais; véem para sorver o ar puro, coado das florestas, para viver a vida mais simples dos campos e da aldeia e para tomar banhos, muitos banhos, tres banhos pelo menos durante cada dia . . . As piscinas, fornecidas directamente pela agua fumegante que borbulha das nascentes, encontram-se, dia e noite, á disposição do publico. Alli, em Kinosaki, tambem eu tomei um banho, acercando-me da grande tina commum, d'onde subiam nuvens quentes de vapor e o cheiro acre dos saes, em natural dissolução . . . por signal que, encontrando a meu lado um banhista curioso, tive de declinar a rôgo seu, e na comica figura que todos pódem imaginar, o meu nome, a minha nacionalidade, os meus titulos honorificos, a minha actual profissão e os intuitos vagabundos que áquellas distantes paragens me levavam; não trocando bilhetes de visita, porque, naturalmente, não os tinhamos comnosco, achando-nos desprovidos de algibeiras. E vá de mergulhar na agua milagrosa, embora, por mui quente, nos escalde!

O mar está cerca, como disse. Partindo de Kinosaki, vai a gente até lá em alguns minutos, de passeio, sentado n'um *kuruma* — o carrinho puxado por um homem — servindo-nos o homem de força motora e de guia ao mesmo tempo.

A estrada é bella. Os campos em redor, muito cuidados e viçosos, abundam em arrozaes, em salgueiros, em trigo mourisco, em amoreiras. Ao fundo do hori-

sonte, amplos recortes de montanhas. Aqui e acolá, casinhas rusticas. O rio corre á direita, sulcado por alguns barcos. Outros barcos, inactivos, enxurram pelas varzeas; por estes sitios, o aldeão é cultivador e pescador ao mesmo tempo; hoje lavra, ámanhã pesca, segundo as circumstancias.

No fim da estrada, eleva-se de improviso um alto môrro, todo vestido de pinheiros, bifurcando o caminho, levando-nos a Seto ou a Tsuyama.

Sigo primeiro para Seto. Aldeia insignificante, mas digna de ser vista, subindo pittorescamente por uma serra arriba e terminando em rocha abrupta, debruçada sobre o mar, d'onde, de surpreza, uma immensa marinha se desdobra. A costa da China está defronte, mas muito longe; não se vê. Commove-me o scenario e mal explico os effeitos sentimentaes que experimento. No entretanto, affiguram-se-me bem differentes os dois mares, o de Kobe, isto é, o Pacifico, do qual me afastára de manhã, e este mar opposto, o mar do Japão, que agora alastra diante dos meus olhos. No mar de Kobe, ha azues que parecem inculcar intenções prescrutadoras do Occidente; os barcos, os vapores, carregados de mercancía, accusam intuitos universaes de cosmopolitismo e de ganancia; as bandeiras multicôres, de diversas nacionalidades, suggerem a noção da permutação de artigos, de ideias e de vicios. N'este mar do Japão, de aguas mais negras, não se vêem vapores; apenas alvejam, lá longe, algumas vélas pescadoras; recebo a sensação de pairar aqui mais intenso, mais solemne, o mysterio extremo-oriental, isento de contactos estranhos. Em baixo, sobre os rochedos dispersos que emergem da praia batida pelas ondas, escuma a vaga da enchente, elevando-se murmurios vagos, que me chegam aos ouvidos como balladas

intraduziveis do grande drama asiatico, cantando os triumphos de uma raça, e ainda mais os seus anhelos!...

Retrocedo de Seto, para seguir até á aldeia de Tsuyama.

Reservava-me este resto de excursão o maior deslumbramento, pois nunca vi nem espero vêr coisa igual áquella aldeia. Estende-se, sob um aspecto sem interesse, em uma linha de casebres pardacentos, á babugem da foz do Maruyama, alastrando-se e trepando pela serra. Mas é lá dentro que tudo nos espanta, recordando a vida e a labuta de uma aldeia palustre, tal como se poderá imaginar, florescendo em éras desapparecidas, em remotissimos tempos prehistoricos. Viellas de dois metros de largura quando muito, torcendo-se e ondulando á mercê dos accidentes do terreno, ou antes da rocha viva, que é o que constitue o sólo.

De quando em quando, um pedregulho abobadando o trilho, forçando-nos a curvarmo-nos para seguirmos para a frente. Casinhas primitivas, em patriarchal promiscuidade, feitas de velhos tábuas, de lodo e de papel, algumas entrando pela agua.

A população toda na rua, — creanças, velhos e mulheres, — porque os machos válidos encontram-se, provavelmente, sobre o mar. A população toda moireja, no amanho das lulas, que parecem constituir a unica riqueza do logar. Lulas, lulas, mais lulas, sempre lulas, espalhando no ambiente um cheiro acre, salino, suggestivamente appetitoso. Umas estão postas a seccar, amarradas sobre fios, suspensos de lado a lado dos caminhos, dando a ideia de fileiras de peugas a enxugarem. Outras, em grandes celhas, soffrem preparos de vinte ou trinta mãos experientes. Outras córam ao fogo, enfiadas por grupos em espetos de bambu. Outras jazem em ceiras, para seguirem para o mercado, que é, naturalmente, Kinosaki.

Não ha barulhos, nem vozearia; reina um quasi silencio, feito de tranquillas palestras soltas a meia voz, de risadinhas casuaes e do rumor eterno, compassado, da faina interminavel...

Perguntei então a mim mesmo se aquella gente era feliz, não conseguindo dar-me uma resposta. Se o perguntasse ao povo, talvez houvera succedido a mesma coisa. Felicidade! Mas o que é a felicidade? Se é ir ao theatro e vestir sêdas e saborear caros pitéus, aquella gente é infeliz... Vive sob uma unica suggestão: — o trabalho. — Se está fatigada, dorme; se tem fome, come. Claro está que as dôces quenturas primaveraes e o ar perfumado das montanhas lhe occasionam amenidades cutaneas e do olfacto, passageiras; sufficientes todavia para manterem em equilibrio o amor da vida e o da multiplicação da prole. Mais do que uma humana existencia, parece-me aquella existencia comparavel á de certas colonias de animaes, infimos em grandeza; á das abelhas, por exemplo, ou á das formigas, admiravelmente subordinadas ás leis do seu fadario...

Se eu viver até ao anno que vem, hei-de voltar á aldeia de Tsuyama, pelo outomno, para alli passar uns tres ou quatro dias, esquecido da minha vasta sciencia e dos meus finos habitos de homem culto, deitando-me á sombra dos penedos, amanhando lulas e comendo-as...

XI

29 de outubro de 1909

Uma nova catastrophe no Japão, talvez a maior: o assassinato do principe Ito; o seu proeminente papel no imperio nipponico; algumas palavras com respeito ao assassino — O velho Yamazaki; o primeiro anniversario da sua morte; a pompa da commemoração do mesmo; os cuidados que se prestam aos mortos no Japão — A plena florescencia dos chrysanthemos e a faina da sua colheita.

O presente anno de 1909 — o anno 42.º da éra de Meiji (segundo a contagem japoneza) — ia-se já tornando célebre, na historia da existencia intima do Nippon, pelas catastrophes succedidas, como foram o terrivel incendio de Osaka, o terremoto no Japão central, uma ou duas explosões em Osaka, passando em silencio outros incidentes, de menos calamitosos resultados.

N'este momento, uma nova catastrophe, talvez a maior de todas, vem augmentar a longa lista das desgraças.

O principe Ito foi assassinado na manhã de 26 de outubro, em Harbin, na Manchuria, por um exaltado coreano; isto, na occasião em que descia, acompanhado da sua comitiva, do comboio que alli o conduzira.

O facto constitue uma verdadeira perda nacional, irreparavel, que muito mais será sentida quando, perante algum grave assumpto de ordem politica ou administra-

tiva, a que o governo japonez tenha de dar resolução, faltar o conselho auctorisado do distinctissimo veterano, tido, com razão, por um dos primeiros vultos do imperio, como do mundo inteiro.

O grande homem de Estado que foi o principe Ito, quasi tão conhecido no mundo occidental como no seu proprio paiz, nasceu a 2 de setembro de 1841, na provincia de Chôshú, filho de um modesto samurai. Contava, pois, 68 invernos completos, supportando-lhes o peso com extraordinaria galhardia, pois sempre conservou uma energia de acção infatigavel e um discernimento brilhantissimo.

Ito, desde a sua tenra juventude até agora, representou um papel preeminente no imperio. Em todos os grandes acontecimentos do Japão moderno, figura o seu nome, ora como legislador, ora como organisador, ora como conselheiro.

No periodo que começa com a restauração imperial (1868) e vem até aos dias de hoje, o nome de Ito apparece, glorioso e benemerito, em cada pagina da historia. Visitou por varias vezes as côrtes da China e da Europa, em altas missões diplomaticas.

Ultimamente, desempenhou o cargo espinhosissimo de residente geral na peninsula coreana. Visitava n'este momento a Mandchuria, contando-se antecipadamente que de tal visita muito bem resultaria para as relações cordeaes do Japão com a China e com as potencias do Occidente.

Ito mereceu a especial estima do soberano, que o encheu de distincções e ha pouco lhe conferiu o titulo de principe. Como todos os grandes vultos de todos os paizes, teve, entre compatricios, muitos amigos, muitos admiradores, muitos devotados servidores; e tambem

muitos inimigos, achando-se por varias vezes a sua existencia em extremo risco. Ha alguns annos para cá, os politicos adversos ao seu programma de conducta, não podendo atacal-o na sua provada honestidade, nem no seu indiscutivel patriotismo, accusavam-no de caduco, de iniciativas acanhadas; recusando-se assim a prestar o devido culto ao que era meritoria prudencia e esclarecido tacto dos homens e das coisas, do seu paiz e do mundo inteiro. A critica malevola dos jornaes tambem se não cansava de mordel-o, atacando de preferencia o que ella julgava um ponto fraco — o aprazimento do nobre velho pelos festins á moda japoneza, em companhia de gheishas, deliciando-se com os seus sorrisos, com as suas tagarelices incessantes. — Estulta critica; o amor de um velho pela gentileza feminina é, em casos frequentissimos, um sentimento enternecedor, que deve commover e não provocar mofa; e que, muitas vezes, se apresenta como indicio inconfundivel de uma alma boa e sensitiva, que os annos e a experiencia não conseguiram azedar ou endurecer.

Agora, algumas palavras com respeito ao assassino, que prostrou o illustre principe com tres tiros de revolver e que declarou, quando foi preso, que vingava por aquelle acto muitos dos seus compatriotas, opprimidos ou assassinados por ordem do principe Ito, durante o periodo da sua permanencia na Coréa. No Extremo-Oriente, processos de vingança de tal ordem são vulgares, relativamente, e não inteiramente reprovados pela sentimentalidade patriotica dos povos. A China, o Japão, a propria Coréa, na sua historia, antiga e moderna, offerecem, no genero, muitos exemplos tocantes. No caso que commento, seria susceptivel de inspirar sympathia, mesmo a estranhos, o sacrificio da liberdade e da vida a

que espontaneamente se condemna o assassino, em holocausto da patria escravisada, se outras circumstancias não tendessem a desviar d'elle a mesma sympathia.

O povo coreano encontra-se, desde remotos tempos, cahido em absoluta insignificancia moral, sem energia, sem civismo, indifferente a tudo. Por outro lado, a situação geografica da Coréa, constituindo-a como que um prolongamento da China, vindo quasi a tocar a costa do Japão, torna-a fatalmente sujeita a todas as cobiças mundiaes. Hoje, pela força dos acontecimentos, encontra-se sujeita á vontade do Japão; mas, se não fosse o Japão o seu tutor, seria a China, ou seria a Russia, ou seria a Inglaterra, ou seria outra qualquer grande potencia. Em todo o caso e admittindo sem remedio a dureza dos factos historicos, consummados, a administração do principe Ito, na Coréa, foi, sem duvida alguma, mais benigna, mais humana, do que outra que houvesse sido confiada a outras mãos. Ito foi um protector da Coréa e continuaria a sel-o durante toda a sua vida. O assassino foi, pois, ingrato, o que é mau; e imbecil, o que é peor...

— Ora, por mais que me assegurem que o velho Yamazaki morreu o anno passado, pelo outomno, ao cahir da folha, e por mais que eu relembre, por mim proprio, os factos succedidos, não posso ainda acreditar que o velho esteja morto. Não morreu, não; ou, quando muito, se morreu, morreu parcialmente; mas, totalmente, não...

Eu vi-o, por varias vezes, estendido sobre colchas, pelle e osso, amarellecido, o rosto tragicamente caricatural, o olhar vago e embaciado, esse olhar commovedor de quem já se desinteressa das coisas d'este mundo... Rejeitava, de um gesto leve, o alimento e os remedios; de espaço a espaço, tossia ligeiramente; e aquella tossesinha e aquelle

gesto eram quasi os unicos signaes que dava de estar vivo.

Um dia, entrando em casa, dei fé de que o velho e as colchas haviam desapparecido; e mostraram-me então, dentro de um estojo de madeira, um punhado de cinzas pardacentas dos seus ossos, que era tudo que restava do velho Yamazaki.

Pois muito bem. Acontece que, de quando em quando, visito aquella gente. Venho de longe; segundo o costume japonez, trago e offereço algum presentinho ás creancitas, — uvas, ou maçãs, ou bolos, qualquer coisa. — Ora, sempre que assim succede, acode logo alguma pessoa da familia; e o melhor galho de uvas, ou a melhor maçã, ou o melhor bolo, o mais appetitoso acepipe, emfim, é colhido sem demora e levado ao altar familial; sendo então offerecido, com carinho respeitoso, ao velho Yamazaki.

Ainda ha poucos dias occorreu o seu primeiro anniversario mortuario, que foi commemorado em grande pompa, como entre nós, occidentaes, se commemora o anniversario natalicio dos individuos que prezamos. Vieram, de provincias distantes, parentes e amigos, reunindo-se em banquete, prestando testemunhos de respeito ao velho Yamazaki. E' claro que, todos os dias e precedendo as refeições ordinarias da familia, alguem leva ao altar citado o arroz cosido e a agua com que o velho, ou o seu espirito, se alimenta.

Dão-se então no lar japonez, com respeito aos mortos, aos desapparecidos, essa assiduidade de cuidados, essa perseverança quotidiana de caricias, que nós podemos comparar ás provas de affeição que tributamos a um avôsinho, que com sua presença nos assista. E digam-me agora se o velho Yamazaki morreu, ou não morreu?

Morreu, talvez, parcialmente, morreu para si, para o seu Eu. Mas não morreu para a existencia familial, para as suas relações com os parentes; pois que proseguem os encargos que antes requeria, e proseguem as attenções, e proseguem a estima e o respeito. Se uma das creanças chora e caramunha, a mãe encara-o por vezes com olhar reprehensivo, adivinhando-se que lhe murmura em pensamento: — "Olha que acordas o avô! . . . »

Do velho Yamazaki ficou dito tudo quanto eu poderia aqui dizer. No entretanto, e a proposito, uma ultima reflexão me acode agora. Conta Hearn, n'um dos seus adoraveis livros, que um moço japonez, que fôra seu discipulo, lhe disséra uma vez: — "Cada homem precisa ter alguem que o ame depois da sua morte„.— Hearn confessa não ter comprehendido o sentimento que a phrase quer exprimir. Tambem eu confesso a mesma coisa. No entretanto, esta phrase suggere-me um immenso mundo de affinidades psychicas, prolongadas para além da morte, entre aquelle que se foi e os amigos que cá ficam; e soffro uma intuição de extrema angustia, considerando que muitos mortos, mesmo n'este Japão, não deixam mãos amigas que lhes preparem as refeições quotidianas, nem corações affectuosos que commemorem os seus anniversarios mortuarios com banquetes e provas de respeito. Loucura, talvez, da minha parte . . . Mas não sereis vós todos, occidentaes, que vos atrevereis a rir de mim, vós, que ides piedosamente depôr corôas de flôres sobre as lapides que cobrem os restos dos vossos entes queridos e consagraes um dia em cada anno á peregrinação aos cemiterios . . .

— Encontram-se agora os chrysanthemos em plena florescencia.

Ora, já notaram os senhores que a flôr do chrysanthemo, quando isolada, não tem cheiro? Ou, quando o tenha, quando se prema entre os dedos uma pétala, exhala então de si um cheirinho quizilento, que lembra — com sua licença — o cheiro do persevejo sujeito a igual tortura, colhido por exemplo á meia noite, das dobras do cobertor que nos aquenta? . . .

Mas, o que por certo ignoram é que a flôr de chrysanthemo, quando nos campos de cultura, multiplicando-se por centenas, por milhares, espalha pelo ambiente um perfume delicioso, caracteristicamente captivante.

Estive hontem nos campos de chrysanthemos, que se estendem junto de Kobe, vastos, de modo a poderem abastecer os 377.208 habitantes da cidade. Que belleza! Que aroma! Que brilhantissimo tapete de matizes, destacando-se do fundo verde as corollas brancas, rôxas, roseas, amarellas e côr de oiro! . . .

A alegre faina da colheita é grande; moirejando os jardineiros, de ambos os sexos, de um para outro lado; arrancando, agrupando, dispondo para a venda na cidade. Em Kobe, estes jardineiros pertencem á casta *éta* — denominação por demais complicada para poder ser n'este momento explicada. — Os *éta* formam como que uma tribu á parte, sem relações com o resto do povo: tribu, em regra, sordida, miseravel, votada a trabalhos degradantes.

Diz-se que os *éta* de Kobe, durante muitos seculos, retiveram de memoria, elles só, o local onde um grande heroe, Nanko, fôra enterrado, e alli lhe prestavam culto. Por acaso um principe fez d'isto a descoberta, concedendo-lhes, em premio, o privilegio exclusivo da cultura e da venda das flôres. O privilegio mantém-se ainda hoje, por usança.

A gente que eu via labutando vestia andrajos, era medonhamente feia, tinha na face o estigma da sua origem desprezivel. No entretanto, homens, mulheres, appareciam-me alli como vultos gentilissimos . . . tal era o surprehendente effeito da maravilhosa florescencia, que dava enlêvo á inteira scena ! . . .

XII

22 de novembro de 1909

Ainda o assassinato do conde Ito; o seu funeral; considerações a proposito — O coreano assassino d'aquelle principe; a explicação do crime; divagação historica — Na côrte imperial do Japão; o seu gentil concurso do comêço de cada anno.

NA correspondencia anterior, referi-me ao assassinato do principe Ito, occorrido em Harbin, na manhã de 26 de outubro. O corpo do mallogrado e distinctissimo estadista foi immediatamente transportado, pelo caminho de ferro, de Harbin até Dairen, d'onde seguiu para o Japão, a bordo de um vaso de guerra japonez.

Em 8 de novembro, dia do anniversario natalicio do imperador, festejou-se o acontecimento, em todo o Japão, com as galas costumadas, vestindo-se tambem de gala a natureza, pois o tempo esteve esplendido.

Em contraste, o dia 4 apresentou-se chuvoso e pardacento, um verdadeiro dia de lucto; por vezes, a natureza parece querer partilhar dos nossos gozos ou tristezas. Foi no dia 4 que se deu, em Tôkyô, o funeral do principe Ito, cujo tragico fim tão profundamente impressionou, no Japão como lá fóra, nacionaes e estrangeiros.

Em Tôkyô, o funeral revestiu uma solemnissima apparencia. Em muitos outros pontos, celebraram-se officios

funebres, segundo os ritos shintôistas, em memoria do grande vulto que desapparecia, mas que deixava o seu nome vinculado, brilhantissimamente, a todos os grandes factos que marcam os progressos modernos do Japão. Estes varios officios, por modestos, não foram menos impressivos.

Eu achava-me em Kobe, onde assisti a uma commovente ceremonia. Os numerosos convidados, de ambos os sexos, japonezes e estrangeiros, reuniram-se n'um vastissimo salão, em estylo shintôista, pertencente ao club districtal de incitamento ao culto do antigo cavalheirismo japonez, *Butokukwai.* Ao centro do salão elevava-se um altar, onde fôra collocado um soberbo retrato do defunto, rodeando-o flôres — magnificos chrysanthemos — rodeando-o iguarias, como fructos, dôces, um formidavel peixe assado, vinho indigena, etc.

Começou a ceremonia pela entrada processional de alguns sacerdotes shintôistas, vestindo bellas tunicas de sêda, como em uso desde épocas remotas; flautas de bambú, de fórma archaica, entoavam estranhos himnos, para aprazimento dos deuses immortaes. O padre superior, um imponente ancião de longas barbas alvacentas, foi curvar-se em reverencia diante do retrato, ou antes do espirito do principe, implorando-lhe em mystica linguagem, segundo comprehendi, que condescendesse em descer áquelle sitio e em encontrar satisfação no modesto banquete que lhe era offerecido; dignando-se ao mesmo tempo prestar attenção áquelles que alli vinham depôr o seu tributo de admiração e de respeito.

Bem. Admittida alli a presença do espirito de Ito e havendo um sacerdote lançado sobre nós algumas gôtas de agua purificadora, alguns da assembleia proferiram discursos, exaltando as virtudes civicas do estadista e

verberando o acto traiçoeiro que o prostrou; após, cada convidado, por ordem hierarchica, foi saudar o retrato, depondo sobre o altar um ramo da planta sagrada, constantemente vicejante, conhecida pelo nome de *sakaki*. Assim terminou a ceremonia.

Bem commovedora foi. E' sabido que todos os modos de respeito que, nas nossas civilisações occidentaes, tributamos aos entes que se vão, desde a magestosa estatua, em marmore ou em bronze, conferida á memoria dos heroes ou dos grandes benemeritos, até ao modesto raminho de perpetuas, deposto por mãos piedosas na terra fôfa que cobre os ossos de um amigo, todas estas manifestações derivam de hereditariedades remotissimas, transmittidas de geração a geração, tendo origem n'um culto universal, precursor de todos os outros cultos, — o culto pelos mortos. — Todos os homens das velhas civilisações, extinctas hoje ou modificadas pela evolução, sentiram-se, em tempos primitivos, impressionados por duas categorias de sentimentos bem diversos, — o mêdo e a saudade. — Mêdo pelos phenomenos e pelos sêres destruidores, como os raios, os terremotos, as tempestades, as epidemias, as féras, etc. Saudade pelos companheiros que desappareciam, ceifados pela morte.

Mas a concepção d'aquella pobre gente não podia comprehender a separação para sempre, irremediavel; admittia a morte como uma simples mudança no modo de existencia; o defunto continuava entre nós, invisivel embora, mas vendo-nos, mas ouvindo-nos, mas protegendo-nos, mas grato aos nossos desvelos e até compartilhando das nossas refeições.

Assim, a saudade encontrou consolações, votando-se a uma dôce prática de cuidados e de carinhos pelos que deixavam de existir . . .

Os seculos, porém, passaram, modificando os costumes, desvanecendo illusões, endurecendo-nos a alma, chamando-nos mais insistentemente para o campo das lucubrações utilitarias, dando valor á machina, de preferencia ao sonho... e sabe-se como os nossos mortos hão perdido do seu prestigio inicial!... O que é de curiosissimo interesse, quando relanceamos a sociedade japoneza, é o duplo aspecto em que ella hoje se nos mostra: — por um lado, subindo vertiginosamente até aos píncaros da moderna evolução; por outro lado, agarrada ás suas velhas crenças, que quasi mantém inalteraveis. — Lembremos apenas de passagem, n'este logar, que Hirata, o grande philosopho nipponico, dizia, ha pouco mais de sessenta annos, que a comida offerecida aos espiritos dos mortos perde o seu sabor de uma maneira inexplicavel pelas coisas naturaes (alludindo á concepção corrente de que taes espiritos se alimentam, não propriamente dos manjares, mas das suas exhalações, mas do seu *gôsto*)...

O espirito do benemerito que foi o principe Ito, dignando-se acceitar o convite que respeitosamente lhe fizemos, acercando-se de nós, escutando as nossas fallas, provando das iguarias que lhe offerecemos... eis um quadro de um quasi barbarismo prehistorico, que lembra o sacrificio de viandas, offerecido pela tribu rustica aos manes do patriarcha desapparecido, na vastidão do acampamento casual; mas, e por isto mesmo, particularmente enternecedor e suggestivo...

— Com referencia ao coreano, assassino do principe Ito, já, na correspondencia anterior, alguma coisa disse.

O facto produziu, naturalmente, a mais profunda indignação entre os nipponicos; não se rouba assim, im-

punemente, a um grande imperio, uma das suas mais bellas cabeças pensadoras. O assassino foi logo entregue á justiça japoneza; o processo corre; e é de prevêr que o maior rigor da lei, isto é, a pena de morte, pese sobre elle, no intuito de punir um grande crime e de impressionar o povo coreano, que conta innumeros descontentes do actual protectorado, necessariamente humilhante, que o Japão exerce na Coréa.

No entretanto, n'este meio extremo-oriental onde o crime se deu, explica-se o crime facilmente, sem causar grande surpreza. O joven assassino, illustrado, conhecedor dos assumptos da politica local, vinga-se na pessoa de Ito, ainda ha pouco residente geral japonez na peninsula coreana, das affrontas que a sua patria tem soffrido, mercê da fatalidade dos destinos, das mãos dos japonezes.

O sentimento de desforra, de vingança, é peculiar nos coreanos, como nos chinezes, como nos japonezes, como nos malaios, como talvez na inteira familia asiatica. Pelo que respeita os malaios, conta-se, por exemplo, que as moças javanezas, quando os soldados hollandezes, seus queridos, regressam á Europa, promettendo voltar breve, ministram-lhes disfarçadamente uma certa qualidade de veneno, que só passados alguns mezes produz seu effeito; se os soldados voltam para Java e para os grilhões dos seus amores, bem vai... um contra veneno os curará; se não voltam, morrem, pagando assim bem caro o seu perjurio.

Os japonezes — fallando agora só d'elles — téem dado, em todos os tempos, intensissimos exemplos do sentimento de vingança. Estranha vingança, todavia; estudada, pacientemente premeditada, levando finalmente o individuo ao assassinio ou a outro grande crime, com

completo menosprezo das proprias conveniencias, da propria vida; isto, no méro intuito de tirar uma desforra da offensa feita á pátria, ou a uma crença, ou a um chefe, ou a uma pessoa de familia. E diga-se ainda que o povo considera mais como martyr, ou como heroe, do que como criminoso, aquelle que ergue o braço vingador e paga injuria com injuria; o seu tumulo será, muitas vezes, antes um piedoso altar, onde a multidão acudirá durante seculos seguidos, queimando incensos e offerecendo os seus respeitos.

O regimen feudal, que por longos tempos imperou n'este Japão, e o culto de *bushidô* — o codigo inédito do cavalheirismo militar — são causas primordiaes, alliadas a instinctos de raça, que explicam o espirito de *vendetta*, commum em japonezes. O confucionismo e o buddhismo, prégando o respeito pelo chefe, a piedade filial e o desprezo pela vida, mais vieram consolidar tal sentimento. E' curioso referir que, na quadra medieval, aos filhos se impunha o dever de vingarem seus paes das affrontas recebidas; é assim que, nas luctas internas, o vencedor cuidava sempre, por simples prudencia, de extinguir pelo assassinio as vidas a todos os filhos do vencido, mesmo aos meninos de collo, evitando por esta fórma as represalias esperadas; e por este modo muitas familias importantes, que figuraram na historia politica do imperio, desappareceram promptamente, sem deixarem de si mais do que a lembrança do seu nome.

A historia japoneza está cheia de exemplos de *vendetta*. Sem irmos muito longe nos tempos, recordemos, por exemplo, as tragicas aventuras, já narradas n'estas cartas, dos quarenta e sete vassallos, os quaes, para vingarem uma injuria que arrastou o seu chefe á perdição e á morte, passaram dois annos a procurar ensejo de vin-

gar-se, assassinando finalmente o aggressor e suicidando-se em seguida; isto por 1703.

Durante o periodo agitado que marca as primeiras relações entre o Japão e os paizes europeus, ha cerca de cincoenta annos, bastantes estrangeiros inoffensivos foram victimados pelo sabre ou pela espingarda dos soldados japonezes, que assim manifestavam o seu descontentamento pelas insistencias dos brancos, julgadas injuriosas.

Ha bem recentes annos, quando o actual imperador da Russia, então czarewitch, visitou o Japão, um soldado japonez da sua escolta atacou-o de sabre em punho, sem duvida por n'elle reconhecer o representante de um paiz rival do seu paiz; o que faz lembrar, com um sorriso amargo, o proverbio indigena — *Igo no korash — me ni sekkan suru* (punir as faltas futuras).

Ainda mais recentemente, quando o plenipotenciario chinez, Li-hungchang, se encontrava no Japão, onde vinha assignar, após a guerra, as condições de paz, um estudante feriu-o com um tiro de revólver.

A lista seria interminável. Cito apenas ainda um caso, por me parecer caracteristico. O grande estadista japonez, conde Okuma, ainda hoje em pleno vigor intellectual (apesar dos seus 71 invernos), encarregou-se da pasta de ministro dos negocios estrangeiros em 1888, um anno antes de promulgada a Constituição do imperio.

Estudava elle então uma revisão dos tratados existentes com as potencias estrangeiras; incluindo no seu programma a suppressão das prerogativas consulares, que conferiam aos consules no Japão o privilegio de julgarem os seus concidadãos, substituindo taes prerogativas por tribunaes mixtos, com juizes japonezes e europeus.

O povo japonez não via com bons olhos tal medida, que julgava attentatoria da dignidade do imperio; tinha vistas mais largas, pensava já na igualdade, perante a lei, de nacionaes e estrangeiros, o que só bem mais tarde, em 1899, pôde ser levado a effeito.

No entretanto, um patriota exaltado, Kuroshima Tsuneki, atira, um certo dia, uma bomba de dynamite á carruagem do conde Okuma, suicidando-se em seguida.

A bomba não mata o ministro, deixa-o apenas estropeado; leva-lhe uma perna, passando desde então o estadista a mover-se só com a ajuda de muletas e amparado a um secretario.

Vem agora a parte mais interessante do episodio. A memoria de Kuroshima Tsuneki começou a ser venerada pelo povo. Ainda ha poucos mezes, o auctor de um livro dedicado áquelles que téem sacrificado as suas vidas pela patria, solicitou permissão ao conde Okuma para incluir na obra o nome de Tsuneki, o que lhe foi galhardamente concedido.

Mas ha mais; ainda ha poucos dias, realisou-se, como em annos anteriores, uma reunião de amigos e de admiradores de Tsuneki, no intuito de prestarem homenagem á sua memoria e ao seu feito; o conde Okuma não compareceu na reunião, informando que um negocio urgente o retinha em sua casa, mas enviou representante seu...

— Sabe-se que existe, na côrte imperial do Japão, o gentilissimo costume de promover no começo de cada anno um concurso poetico, no qual póde participar, conjunctamente com o soberano, qualquer subdito do imperio. No ultimo concurso figurou como uma das

melhores classificadas a pequenina poesia da viuva de um soldado, morto na guerra.

Acaba de ser annunciado officialmente que, para o proximo concurso, o thema será — *Shinnen no yuki* (a nevada do anno novo), — devendo os concorrentes enviarem as suas producções até ao dia 10 de janeiro proximo.

XIII

1 de janeiro de 1910

O anno de 1909; divagações a proposito do mesmo—A industria dos bilhetes postaes; a sua influencia para o desenvolvimento do gosto artistico em todas as camadas sociaes; a mania dos postaes no Japão—O despertar da China; algumas considerações a esse respeito.

VAI-TE, anno de 1909! . . . Vai-te, e não deixes de ti, se fôr possivel, a minima lembrança . . .

Eu tinha ancia, realmente, de enterrar este diacho! . . .

Segundo antigos preconceitos da astrologia japoneza, o anno de 1909, isto é, o 42.º da era de Meiji, foi o anno da gallinha, como o anno de 1910 é o anno do cão. Ora, sabe-se, por uma longa experiencia das coisas e dos factos, que o anno da gallinha, repetido de doze em doze annos, não é, em regra, prodigo em venturas; antes se caracterisa por inconveniencias e catastrophes, pesando sobre os pobres japonezes. Pelo que respeita o Japão, não terá sido esquecido que foi no anno passado, por agosto, que um incendio, medonhamente devastador, devorou cerca de uma quinta parte da cidade de Osaka, causando perdas formidaveis. Seguiu-se um violento terremoto. Occorreram outros incidentes lamentaveis. Finalmente — tristissimo remate! — cahiu, prostrado pela

mão traiçoeira de um exaltado coreano, o principe Ito, o notabilissimo veterano a quem o Japão moderno tanto deve, pelas suas preclaras qualidades de pensador e de estadista. Já basta, para se ter em aversão o anno findo.

Pelo Occidente, o anno de 1909 foi ainda mais cruel em incidentes. E' facto que nos mimoseou com algumas peripécias de jocosa transcendencia, como, por exemplo, as descobertas, quasi simultaneas e simultaneamente duvidosas, do pólo norte, por dois americanos, arvorando ambos no dito pólo, segundo contam, a bandeira das estrellas e das listas, conquistando-o assim para o seu paiz, com o que muito prosperará — devemos crêr — em épocas vindouras, a interessante industria americana dos sorvetes. Deu-nos, mais, divertidos episodios de lucta das *suffragettes* . . . no que a coisa tem de comico, porque ha tambem o lado tragico do assumpto, levando-nos a prevêr a fatal e rapida desintegração da familia occidental, já hoje tão frouxa nos laços que a mantéem. Mas, com excepção d'estas duas hilaridades, no campo das descobertas, das conquistas e dos progressos sociaes, e porventura de mais alguma rara diversão que não recordo, o anno de 1909 distinguiu-se principalmente, na Europa, por uma longa série de catastrophes, de villanias, estas em grave desabono da dignidade humana; e algumas tão tremendas, tão tristemente caracteristicas do cynismo dos que se julgam fortes, no empenho de irem esmagando os indefezos, que ainda hoje, ao relembral-as, o sangue palpita revoltoso nas arterias do observador imparcial! . . . Não vale a pena enumerar taes villanias; todas as guardam, por certo, de memoria . . .

Prova isto, no entretanto, que o anno da gallinha tambem alastra as suas sinistras influencias pela Europa. Vai-te, anno de 1909! . . . Vai-te e não deixes de ti, se é

possivel, a minima lembrança, como não deixas a minima saudade . . .

Entra em scena o anno de 1910. Bem vindo seja. Possivelmente (ia escrever — provavelmente) será tão mau como o anterior. Se assim succeder, porém, alguma coisa teremos a ganhar. — a persistencia no soffrimento — isso que engendra a immensa tristeza em que todos nós nos vamos embebendo, tristeza pelas coisas, tristeza pelos individuos, tristeza por nós mesmos; e que parece constituir o unico grande sentimento que ainda sômos capazes de guardar nos arcanos das nossas consciencias . . . Viva o anno de 1910! . . .

— Disse eu, no começo d'esta correspondencia, que o anno de 1909 foi o anno da gallinha e que este de 1910 é o do cão. Vem a proposito lembrar que a industria local dos bilhetes postaes se aproveita habilmente d'este ensejo, no tocante aos bilhetes illustrados com destino ás felicitações proprias da quadra, no começo do anno.

Pelo que me respeita, justamente, n'este momento, devem ter chegado a Portugal algumas duzias de bilhetes postaes, que expedi em tempo proprio, via Siberia; todos gentilmente illustrados com cães de varias côres e de varias fórmas, os quaes levam o meu latido de saudade e de parabens áquelles que julgo ainda contar no numero dos amigos.

Os bilhetes postaes illustrados! . . . Já pensaram os senhores, alguma vez, como elles vão entrando, mercê da sua larga popularidade e expansão, na ordem das grandes instituições, nacionaes e sociaes? . . . Umas ligeiras considerações não serão aqui de mais.

Ponhamos de parte — embora o assumpto se apresente digno de attenção — o merecimento financeiro do artigo,

que se traduz n'um acrescimo importante no rendimento dos Estados. Limitemo-nos a encaral-o pelo seu lado artistico e litterario, e moral, conseguintemente.

Ha alguns mezes, um critico de arte, inglez, por signal —mas é o seu nome que me esquece,—avançou, n'uma publicação de sua lavra, que a popularidade recente dos bilhetes postaes, illustrados, trouxera em resultado um notavel desenvolvimento de gôsto artistico, em todas as camadas sociaes, incluindo as menos cultas.

Assim deve acontecer, seguramente. O pequenino rectangulo de papel, passando de mão em mão, leva aos olhos de todos nós, educados ou não, e das nossas mulheres, e das nossas creanças, a reproducção dos monumentos célebres, das paizagens gentis, dos costumes dos povos, dos retratos dos grandes vultos, devassando sem ceremonia o paiz natal e a terra alheia. O pequenino rectangulo de papel obriga assim o nosso espirito, repetidamente e pela fórma mais amena, a fixar-se nas linhas, nos contornos, e a distinguir, e a comparar, e a preferir, enchendo o cerebro de noções e de opiniões. Estamos em presença de um verdadeiro systema educativo, principalmente apreciavel no meio modesto onde poucos livros se consultem, onde poucos museus de arte se percorram e onde poucas excursões se realisem.

Podemos ir mais longe, sem comtudo nos determos na acção propagandista, religiosa, possivelmente meritoria, dos bilhetes illustrados; porque ha-os com imagens de Santos, com orações escriptas e promessas de indulgencias, excesso de zêlo, que não consegue enternecer-me... Enviar, mediante a competente estampilha de vintem, uma pagina de catecismo, de Mattosinhos a Pekim, não vos parece demasiado ardor em querer salvar almas perdidas?... Continuando, todavia, a enumerar

os merecimentos d'esta ultima novidade na circulação postal, observemos que a carta, depois de lida, rasga-se, de ordinario; ha, porém, reluctancia em rasgar o bilhete illustrado que um amigo nos envia; guarda-se. E assim nasce a ideia de collecionar bilhetes postaes; util, principalmente nas creanças, por vir-lhes incutir um sentimento de ordem, de arranjo, de amor das coisas; e com a vantagem de preservar do barril do lixo as dôces phrases das pessoas que nos querem ... Um album de bilhetes postaes será sempre um repositorio de arte e de conhecimentos uteis; e, melhor ainda, de expressões meigas dos ausentes ... e dos mortos.

Registre-se ainda o merito, para aquelle que escreve, dos bilhetes illustrados, reduzindo a proporções infimas a rhetorica epistolar, com grande economia de tempo e tambem de erros de grammatica. — "Estou bem, cumprimentos ás tias"; — isto, por exemplo, convenientemente combinado com a photographia de um grupo de selvagens da Zambezia em classica nudez, substitue a carta de quatro folhas de papel, recheada de indicações geographicas, de surprezas de exotismo, de estudos de costumes e de lamurias de saude...

E mencione-se ainda a delicia das correspondencias imprevistas, quando um desconhecido — uma dama, geralmente — nos escreve, exaltando os nossos meritos, elogiando o nosso espirito, offerecendo-nos a sua estima (quasi uma carta de amores)... e pedindo-nos para permutar com ella alguns bilhetes illustrados...

Fallando agora do Japão, convém dizer que o bilhete postal, illustrado, alcança aqui as honras de mania. Todos os motivos se aproveitam: — a paizagem, os costumes, a lenda, a historia, os factos salientes; — de sorte que, com pouca somma de exaggêro, seria licito affirmar

que o estudo completo do imperio japonez e do seu povo póde hoje fazer-se pelos unicos documentos que os bilhetes postaes nos proporcionam...

Cada cidade, cada aldeia, cada logarejo, expõe á venda os seus bilhetes especiaes. Das diversas estações do anno, das variadas quadras de florescencia, de uma festa, de um theatro, de uma exposição, de uma revista militar, de um incendio, de um terremoto, de um incidente qualquer, o artista tira assumpto. Contam-se por milhões, e carregar-se-hiam por toneladas, os bilhetes illustrados que, do norte ao sul do imperio, a industria offerece á venda, em lojas e bazares.

Durante a guerra russo-japoneza, o bilhete postal, patriotico, hoje cortezmente desapparecido da circulação, desempenhou um papel proeminente, como meio de expansão popular do sentimento nacional. Arrojos de amor ao sólo patrio, applausos aos heroes, gargalhada ironica e critica mordente, tudo o pincel ou a photographia realisou em traços.

E agora, para terminar, uma curiosa informação, que vai causar surpreza a quem me lêr:

Durante o cêrco de Porto-Arthur, quando as mais sérias difficuldades se apresentavam para destruir as ultimas obras de defeza da temivel fortaleza, os japonezes empregaram varios meios para induzir os soldados do inimigo á deserção. Um d'estes meios consistiu em enviar ao campo russo, por meio de um pequeno canhão de madeira, basta *metralha* de bilhetes postaes, illustrados, figurando os prisioneiros russos no Japão, junto de vastas casernas, bem tratados e vivendo a seu prazer.

Assim conta o professor Ariga Nagaó, no seu excellente livro *La Guerre Russo-Japonaise, au point de vue continental et le droit internationale.*

— Dizia-se ha pouco, e dizia-se muito bem, que a China acordára. A phrase, porém, tornou-se já impropria; a China acordou, mas agora, desperta, entra em acção, em actividade. E' ainda uma actividade de estremunhado, sem programma definido; mas já bastante eloquente para nos fazer adivinhar que este seculo em que vivemos nos reserva as maiores surprezas, com respeito á evolução da moderna China.

A China *começou* a acordar ao estrondo da artilheria japoneza, quando esta, na guerra de ha quinze annos, lhe demolia as inuteis fortalezas, lhe dizimava a soldadesca ignara. Dez annos depois, o conflicto russo-japonez despertou-a, por completo.

Agora, é uma simples questão de tempo — algumas dezenas de annos ou alguns seculos — para que a China possa disciplinar em um programma as suas aspirações, entrando resolutamente em lucta pelos seus interesses. No entretanto, já nos embasbacam de admiração alguns prenuncios do futuro desenvolvimento. Os estudantes chinezes, educados no Japão ou no Occidente, offerecem-nos, sobre este ponto, um dos capitulos mais assombrosos. Transcrevo em seguida alguns periodos de um longo artigo publicado recentemente no jornal *London and China Express,* escripto por um estudante chinez que se encontra agora na Inglaterra:

"Quando nós estudamos as relações da China, durante o seculo XIX com as potencias modernas, descobrimos que taes relações não se pódem chamar afortunadas. Porções do seu territorio e alguns dos seus mais valiosos portos foram perdidos. Importantes regiões, como Shangai, Nankin, Tientsin, Kiaochau, Macau e Manchuria, encontram-se, mais ou menos, sob a administração estrangeira. Além d'isto, a China tem de pagar enormes

indemnidades a certos paizes da Europa, fóra de qualquer razoavel ou justa proporção com as allegadas injurias praticadas. Da sua passada e triste experiencia em relações internacionaes, a China chegou á unica conclusão possivel deduzida dos escandalosos aggravos dirigidos contra ella, que as grandes potencias tratam de espolial-a de tudo quanto possam; e ella tambem comprehende agora perfeitamente que o facto de taes nações se dizerem civilisadas e christãs de modo algum assegura o seu recto e seguro procedimento...»

Quem imaginaria, ha 20 annos, que um moço chinez escreveria similhantes opiniões, no começo do seculo XX?

XIV

24 de janeiro de 1910

A proposta para neutralisação ferro-viaria da Manchuria; recordação de factos; a moralidade do facto — Impressões do anno novo no Japão; preparativos e festas para a sua recepção; os symbolos da longevidade; varios usos dos nipponicos.

E' já um pouco tarde — mas mais vale tarde do que nunca — para aqui se dar menção da noticia sensacional que ha alguns dias sobresaltou o mundo inteiro, isto é, da proposta feita ás grandes potencias pelo governo americano, para a neutralisação dos caminhos de ferro da Manchuria.

Recordemos ligeiramente os factos.

O governo russo, construindo o seu monumental caminho de ferro transiberiano, teve de leval-o, para attingir a costa, por terras da provincia da Manchuria, que é sólo chinez. Obteve-se isto por accordo com o governo de Pekim; mas foi necessario tornar a secção manchuriana independente, constituil-a em Companhia particular, que passou a ser chamada "Caminho de ferro chinez de Léste». Salvadas assim as apparencias, o governo russo soube exercer a sua influencia em toda a linha; e é sabido como este facto favoreceu a enorme importancia que a Russia alcançou na Manchuria e em toda a China.

Com a victoria japoneza, realisada nos campos da Manchuria, os russos tiveram de ceder aos vencedores uma parte do "Caminho de ferro chinez de Léste„, no ramal que vai de Harbin a Porto-Arthur como os russos, ou ainda melhor do que elles, os japonezes téem sabido tirar grande partido d'esta porção de linha ferrea que ficou ao seu cuidado. A sua influencia politica e commercial, em uma parte da Manchuria e consequentemente junto do governo de Pekim, cresce a olhos vistos; podendo mesmo assegurar-se que a posse de tal porção de linha ferrea constitue uma das principaes compensações materiaes, das raras obtidas, que os nipponicos colheram do seu estupendo feito de armas, alcançado á custa de enormissimos sacrificios de vidas e de dinheiro!...

Pois vem agora a America, com os seus inexhauriveis capitaes, intrometter-se em assumpto que parece lhe deveria ser vedado; propondo ao mundo inteiro que os capitalistas das nações mais empenhadas em emprezas manchurianas (ella propria, a Inglaterra, a Allemanha, a França, a Russia e o Japão) comprem aos governos russo e japonez a propriedade do "Caminho de ferro chinez de Léste„, administrando-o em syndicato sob a inspecção dos seis governos apontados e tornando-se a região neutral, embora debaixo da soberania chineza.

Esta complicada pretensão, que visa a querer resolver um dos aspectos do problema extremo-oriental, não deve causar grande surpreza. Adapta-se perfeitamente ao espirito politico da época, abrazada em supinas ambições, em supinas invejas, salientando-se uma grande aversão dos povos occidentaes pelo desenvolvimento da raça amarella. A proposta, quando levada a effeito, traduzir-se-ha por um golpe profundo na politica nippo-

nica e nas suas vistas de engrandecimento, isto é, no engrandecimento do Extremo-Oriente e da familia extremo-oriental, que apenas pódem contar, por emquanto, com o braço dirigente do Nippon.

Este é o facto. Como moralidade, emerge tão sómente uma manifestação a mais das ambições do mundo, á qual poderemos chamar um interessante exemplo de estrategia da guerra pacifica, da guerra do dinheiro, que tende a ir substituindo a guerra pelas armas, embora tão cruenta como esta, — porque se mata com *dollars* como se mata com canhões. Apressemo-nos em registrar que, por agora, a sensacional proposta americana parece não dever alcançar realisação; o Japão e a Russia oppozeram-se naturalmente aos seus intuitos; as grandes potencias europeias, pelo que já transpira, não julgam tambem opportuna essa doutrina. Veremos mais tarde.

— Algumas ligeiras impressões do anno novo n'esta terra:

A entrada do anno novo constitue a mais festiva solemnidade do Japão. E' certo que o dia 3 de novembro, anniversario natalicio do imperador, é commemorado em toda a parte, em cidades e aldeias, com regozijo e acatamento. Mas o dia 1.º do anno é a festa do povo inteiro, o dia por excellencia auspicioso; ninguem trabalha; havendo, por certo, muita gente, votada á incessante labuta da lucta pela existencia, que só uma vez em cada anno, em tal dia, se permitte o luxo do descanso.

Adoptado no Japão, desde remotos tempos, o calendario chinez, que é contado por periodos lunares, o dia 1.º do anno coincidia geralmente com um dos dias da primeira quinzena de fevereiro. Mui recentemente, porém, em 1873, o governo japonez começou a adoptar o

nosso calendario; se, em algumas aldeias, ainda se observa o antigo estylo, a commemoração, entre familias, do dia 1.º de janeiro, vem-se generalisando de anno para anno.

Os preparativos começam por meados de dezembro. Procede-se cuidadosamente á limpeza das casas, á substituição do papel velho por papel novo. E' então costume trocar presentes entre amigos, em testemunho dos favores recebidos durante todo o anno; uma cesta de ovos ou de fructos, uma porção de assucar, um salmão salgado, são artigos, entre outros, muito apropriados em tal caso.

Cuida-se antecipadamente da ornamentação do lar. Junto da porta principal, collocam-se pequeninos pinheiros; ou então, nas casas mais ricas, dispõem-se grandes ramos de bambú e de pinheiro, cujas folhas persistentes são, por este mesmo facto, symbolos de constancia na fortuna e de longa vida; cordas de palha completam o adorno: são ellas tambem emblemas de bom agoiro, pela razão que vou expôr.

Diz a lenda que Amaterasu, a deusa da luz, se recolheu a uma gruta em um dia de mau humor, deixando o Japão em trévas; todos os outros deuses se reuniram então junto da gruta, dando começo a um festim; a deusa, por curiosidade, avançou para fóra a cabecita; e vai então, em tal momento, trouxeram-na á força para fóra e a luz illuminou de novo o imperio, vedando os deuses com uma corda de palha, á cautella, a entrada da gruta referida.

Dentro do lar figura, como ornamento principal, um grande prato de madeira, contendo dois grandes bôlos de farinha de arroz, uma lagosta, uma laranja azêda, algumas folhas de fetos e outras coisas. Tudo representa

symbolos de longevidade, de prosperidade, de prole numerosa, de paz conjugal. A lagosta, por exemplo, exprime o voto de uma existencia tão longa, que as costas do velhinho se dobrem ao peso dos invernos, como se dobra o dorso do crustaceo...

As refeições cosinham-se de vespera. No dia do anno novo não se trabalha, nem se varre a casa, nem as casas de banhos funccionam, sendo o unico dia do anno em que o japonez dispensa o banho. As horas passam-se alegremente em cortezias, dirigidas primeiramente ao dono da casa, á dona da casa, depois aos amigos, aos conhecidos, em cujos domicilios se visitam, vestindo-se roupas domingueiras. O aspecto das ruas das cidades, por onde transita o povo em galas, é deslumbrante.

Visitam-se tambem os templos shintoistas, agradecendo aos deuses os beneficios recebidos durante o anno findo e implorando beneficios para o anno que começa.

A commemoração do anno novo é essencialmente religiosa. Inspira-se na curiosa sentimentalidade d'este povo, que se julga nascido em torrão sagrado, privilegiado pelos deuses, elle mesmo especialmente protegido pelas diversas divindades.

Os japonezes correm aos templos jubilosamente, com plena confiança nos seus destinos, como filhos que fossem visitar seus paes. Aqui, os deuses são os paes do povo.

Feliz povo!...

XV

4 de fevereiro de 1910

O general Noghi; perito na guerra e distincto na arte da poesia —Divagações sobre a poesia japoneza.

O general Noghi, que foi o venceder de Stoessel, em Porto-Arthur, ou, por outras palavras, o primeiro heroe de uma das mais estupendas façanhas militares que a historia moderna registra em suas paginas, o general Noghi — ia eu dizendo — cultiva com igual pericia, parece, a sciencia da guerra e a arte da poesia. O caso não deve surprehender, posto que, no nosso Occidente, estejamos pouco habituados a encontrar generaes-poetas ou poetas-generaes. Mas estamos no Japão, onde as coisas andam ao revés; todos os japonezes são poetas por indole, mais ou menos; a *uta,* a pequenina estrophe nipponica, sahe espontanea, com graça e com mestria, dos labios d'esta gente, dotada de uma sensibilidade estranha, unica, por todos os encantos naturaes, por todos os espectaculos commoventes.

A proposito da guerra, Noghi escreveu esta poesia:

No ni yama ni
Uchi jini naseshi,
Masurao no
Ato natsukashiki,
Nadeshiko no hana!

A traducção é difficillima. No entretanto, ahi vai uma, imperfeita a todos os respeitos, mas que dará, talvez, alguma ideia do sentido:

Manchas de sangue de heroes,
Pelos campos e collinas.
Sobre os vestigios da morte,
Florindo vão as cravinas . . .

A primeira impressão que nos fica da leitura vem já cheia de enlêvo. Em tão resumidas linhas, não se poderiam melhor fazer sentir a universal indifferença da creação pelas miserias d'este mundo, o imperturbavel proseguimento dos phenomenos naturaes, serenamente alheios a todos e a tudo. Chacinam-se os homens como féras; tinge-se o sólo de sangue; e, sobre as nodoas ennegrecidas d'este sangue das victimas, desabrocha a pequenina flôr agreste dos prados da Manchuria, a cravina de pétalas rosadas . . .

Seguidamente, com algum conhecimento da lingua japoneza, outros encantos se revelam na poesia que citei; estes, mais humanos, impregnados de dôr cruciante e suggestiva. A palavra *nadeshiko* (cravina), quando decomposta em dois termos, *nadeskiko,* traduz-se por «filhos estremecidos»; *ato na* (as primeiras syllabas do terceiro verso) exprimem a phrase «nada resta após». Evola-se então da pequenina *uta* de Noghi uma como que exhalação de immensa magua, de immenso luto, do pai que perdeu dois filhos no campo da batalha, um no combate de Nanshan, outro mesmo em Porto-Arthur. E a impressiva figura, mirrada, curvada, severa, do velho general — general-poeta — em cujo olhar paira uma vaga sombra de intima concentração, fica assim melhor comprehendida . . .

O enternecedor poema de trinta e uma syllabas (medida obrigada no *tanka*, genero de *uta*) que acabo de citar e que, um bello dia, me veio ter casualmente ás mãos, suggeriu-me a noção de quanto seria interessante estudar a recente guerra russo-japoneza pelos versos japonezes que n'ella se inspiraram — estrophes avulsas, hymnos heroicos, cantigas de caserna, das escolas e das ruas. Na vida psychica d'este povo, o individuo, como é sabido, não conta para nada; e a associação de individuos, ajuntemos, tambem, de certo modo, pouco vale. Para a emotividade nipponica, a creação e todas os phenomenos visiveis, são tudo, impõem-se imperiosamente por si sós, dominam soberanamente o espirito, cortando o vôo a todas as locubrações idealistas. O japonez — tanto quanto é licito imaginal-o e tanto quanto a palavra nos ajuda para exprimirmos um conceito — vê as coisas e commenta-as; não medita, não devaneia. É no mundo, principalmente, um espectador dos factos, quasi desinteressado d'elles, impressionavel, todavia, apreciando-os com dois maravilhosos dotes que a natureza pôz fartamente ao seu alcance — a arte e a poesia. Por este modo, a poesia japoneza — para só d'ella fallarmos — embora não exceda os moldes de uma manifestação essencialmente popular, ou ainda por isto mesmo, attinge uma deliciosa sinceridade inegualavel, particularmente objectiva; comparavel apenas ao canto da ave, quando glorifica os tons de uma alvorada ou quando exalta a paz de uma floresta.

Torna-se, pois, evidente, como seria curioso transportar para uma linguagem europeia as mil e mil pequeninas trovas a que o conflicto deu origem; as quaes, melhor talvez do que todos os outros documentos, nos dariam uma ideia, vaga embora, de como o Japão

sentiu a guerra. Varios estudiosos se téem dado parcialmente a esta tarefa, com pouco exito, attenta a difficuldade extrema em traduzir, com graça e com rigor, a poesia japoneza. Por minha parte, confesso-me inteiramente incompetente para a empreza. As linhas que vão seguir-se não passam de um méro ensaio de traducção — com a consciencia da sua incorrecção — de algumas d'estas trovas nipponicas, as que me pareceram mais suggestivas, de entre varias que pude consultar; nutrindo a esperança de que este ensaio de algum modo nos mostrará o japonez menos féra, mais humano do que muitos o imaginam; votado de alma e coração ao serviço da sua patria, do seu imperador, mas — homem tambem — sensivel á propria dôr e á dos seus e compadecido perante as desgraças do inimigo.

No Japão, toda a gente — soberano, nobres e plebeus — cultiva a *uta,* o pequenino poema nacional. Cantar é aqui uma fórma comesinha de exprimir a ideia, que é geralmente, como ideia de um povo pantheista, a glorificação das coisas. Falla-se muitas vezes em verso, escreve-se muitas vezes em verso; morre-se mesmo em verso algumas vezes, sendo a *uta* a ultima phrase solta dos labios do moribundo . . .

A proposito da guerra, o imperador compôz este poema:

Kora wa mina
Ikusa no niwa ni
Ide-hatete,
Okina ya hitori
Yama-da moruran.

Atrevo-me a traduzil-o por esta fórma:

Para o jardim das batalhas,
Vós todos ides marchando.
Ficam sósinhos os velhos,
Os campos vendo e guardando...

Sim, *jardim das batalhas;* porque, para a concepção patriotica do nipponico, o campo de peleja, onde vai entrar em jôgo a honra da nação, é um jardim de encantos. No entretanto, estas curtas linhas pintam, com intensa graciosidade, o verdadeiro aspecto do paiz, em tão grave crise: — despovoada a terra de homens válidos, as varzeas de cultura inactivas, entregues á unica vigilancia dos velhos, dos inuteis... Tomando a phrase em sentido figurado, póde tambem transparecer uma outra ideia: a mágua do soberano em ficar, em não poder acompanhar os seus soldados.

As princezinhas imperiaes tambem concorrem com o seu gracioso tributo de poesia. Uma faz votos pela felicidade dos que partem. Outra vai mais longe, confessando que, quando lhe annunciam mais uma victoria, o seu primeiro cuidado é pela sorte d'esses bravos...

Os soldados partem contentes para a guerra; teem todos o seu programma antecipado de conducta. Escreve um:

Masurao no
Michi wa hito sujii
Kimi no tane
Mi wo sutite koso
Na wo zo todomen.

Traduz-se:

Eis em resumo a divisa
Do soldado: pressuroso,
Dar a vid'ao soberano,
Legando um nome glorioso!...

— Morrer, morrer pela patria e pelo imperador, — parece ser a ancia dominante. No entretanto, como bons japonezes que são, interessam-se por todos os phenomenos naturaes, ainda os mais infimos; os pequeninos nadas da paizagem estranha captivam-nos. Diz um:

Kotokuni mo,
Iro ka kawaranu
Sumire kana!...

Que quer dizer:

Sobre esta terra estrangeira,
O' violeta dos vallados,
A tua côr e o teu perfume
Não os encontro alterados.

Activa-se o conflicto. No ardor da peleja, os ferimentos pouco importam, pelo menos não amedrontam. Os feridos só pensam em poder de novo voltar a combater. Sabe-se que os brios militares são comparados no Japão, poeticamente, á florescencia das cerejeiras; estas arvores florescem em abril; mas algumas, pejadas de seiva exuberante, florescem tambem no outomno. Um estropiado, conduzido ao hospital, exclama aos companheiros que o trouxeram:

Mate shibashi!
Yamato zakura no
Kaeri-zaki!

A traducção é como segue:

Em breve irei ter comvosco
O' camaradas! Paciencia.
No Japão, as cerejeiras
Repetem a florescencia!

A marujada tem phrases de motejo, commentando as manobras da esquadra russa, ao abrigo de Porto-Arthur. Escreve um:

Chikayoreba,
Awate mo ni iru
Kawazu kana!

Traduzindo:

Quando á frota inimiga
Nos chegamos, a matreira
Esconde-se na verdura,
Como as rãs n'uma ribeira!...

Uma senhora de Tôkyô envia a seu marido, official em campanha, um fato de militar, feito por suas mãos. Escreve estes adoraveis versos, que não carecem de commento:

Yurushimase;
Eri ni kakareru
Shini no ato
Omoi-midareshi
Namida narikeri.

Eis a traducção indigena:

Desculpa—aquelle uniforme,
Que ultimamente mandei,
Leva uma noda na gola,
Das lagrimas que chorei.

E elle responde:

Hadae sasu
Samusa mo, ikade
Tôru beki,
Kimi ga nasake no
Atakaki kinu.

Que póde traduzir-se:

Neva, e o frio é tremendo!
Mas, de tamanho rigor,
Resguarda-me este uniforme,
Aquecido ao teu amor!...

Acreditamos que aquelle precioso uniforme resguardava o official dos rigores da invernia, aquecendo-lhe o corpo e ainda mais a alma. Mas não o guardou da morte, porque o desgraçado cahiu no campo da batalha, varado por uma bala...

Prometti não ser longo. Eis uma ultima estrophe, esta votada aos russos, proclamando a fraternidade perante a dôr:

Chi ni somishi
Ada no shikabane,
Oya ari to
O moeba, aware!
Ada no shikabane!

A traducção é como segue:

Cadav'res dos inimigos,
Todos em sangue ensopados...
E vossos paes, vossas mães?...
Quando em tal penso... coitados,
Cadav'res dos inimigos!...

XVI

2 de março de 1910

Proposta que passou á historia; a antipathia dos americanos para os japonezes; annuncios de guerra; a preoccupação japoneza sobre a defeza do paiz — O assassino do principe Ito — A invasão do Thibet pelos chinezes — A' roda do *hibachí;* o que este vem a ser; divagação curiosa — O cruzador *S. Gabriel;* a proposito de alguns dados sobre os subditos portuguezes residentes no Japão.

A proposta do governo americano, apresentada ás grandes potencias, para a neutralisação dos caminhos de ferro da Manchuria, á qual me referi na correspondencia anterior, passou á historia, sem possivel realisação. A grande republica americana, nas suas largas vistas, que muito parecem exceder a famosa *doutrina de Monroe,* soffreu mais este desapontamento.

No entretanto, pelo que respeita ás poucas simpathias dos americanos pelos progressos japonezes, vai-se observando com interesse um notavel fermento de opiniões, que quasi se póde chamar aggressão, circumstancia que póde levar a politica mundial a gravissimos resultados.

Ainda ha poucos dias, o telegrapho nos informava que o general em chefe do exercito dos Estados Unidos alludira, n'um discurso, a que o seu paiz se verá em breve obrigado a entrar em guerra no Extremo-Oriente, sendo

por isto necessario que se cuide de completar o seu armamento. Poderia citar outros exemplos.

Quanto ao Japão, dizia-me ha pouco um estrangeiro residente, de espirito irritado, que as auctoridades locaes dos grandes centros em nada se occupam do conforto publico, deixando as cidades mal illuminadas, as ruas miseraveis, a hygiene ao abandono; sendo a unica preoccupação japoneza o cuidar de engrandecer o exercito e a marinha, que vão absorvendo a melhor parte das receitas nacionaes. Ha muita verdade em taes queixumes; mas resta averiguar se as circumstancias não justificam plenamente o afan d'este povo essencialmente patriotico em querer desenvolver, a todo o custo, os meios de defeza do paiz...

—No tribunal de Porto-Arthur, o assassino do principe Ito, An Iun-Kon, acaba de ser condemnado á pena ultima; um dos seus cumplices foi condemnado a tres annos de prisão e dois outros a dezoito mezes. A opinião publica, incluindo a estrangeira, presta os maiores elogios á dignifica imparcialidade com que os juizes japonezes dirigiram o processo e julgamento.

—Mencionemos de passagem a noticia que nos chega da invasão do Thibet por tropas chinezas.

A China começa a manifestar-se conquistadora; o facto tem importancia immediata, claramente para o Thibet, que vivia n'uma quasi independencia, obedecendo ao seu soberano e chefe religioso, e tambem para a Inglaterra, cuja vastissima colonia das Indias confina com a região invadida. Mas faz adivinhar emprehendimentos futuros de ainda muito maior alcance, por parte do Dragão que acorda, após longos seculos de lethargia.

— O *Japan Magazine,* publicação mensal japoneza, encetou, com o seu apparecimento, uma interessante secção litteraria, á qual chamou «A' roda do *hibachi*».

Alli se propõe ir relatando pequeninas historias da lenda e pequeninas historias modernas, inspirando-se na tagarelice desartificiosa que sahe espontanea dos labios dos velhos e dos novos, no seio do lar, nas longas palestras quotidianas.

O titulo é, seguramente, bem escolhido. Assim como, nas nossas sociedades occidentaes, é em redor do fogão ou da lareira, durante os curtos dias e as longas noites de inverno, na intimidade familial, que as impressões mais intensamente se expandem e as ideias mais se trocam, assim, no Japão, é em torno do brazeiro, do *hibachi,* que a familia inteira se reune e as palestras serenamente se prolongam.

O assumpto merece algumas considerações, ligeiras muito embora.

O *hibachi* (pronuncia-se — *hibatchi)* é um amplo recipiente de loiça ou de metal, ou uma grande caixa de madeira forrada de cobre — então um verdadeiro movel, com gavetas e escaninhos — que se enche de cinzas, sobre que poisam as brazas de carvão ou os chamados *tadon,* que são bolas de cisco, identicas ás de que nós, na nossa terra, nos servimos.

O *hibachi* assenta directamente sobre a esteira do aposento. Como indispensaveis accessorios, mencionemos os *hisbahi,* que são duas varetas de metal, com que as mãos, com uma destreza admiravel, filha da prática, conchegam o fogo, alisam as cinzas, suprem novos carvões, tirados do cestinho proximo. Meia enterrada nas cinzas, encontra-se geralmente uma trempe de ferro, ou de barro, sobre que descansa a chaleira, onde a agua fervilha.

O logar junto do *hibachi* é, por assim dizer, o throno domestico, onde a dona da casa passa longas horas do dia, de joelhos sobre uma fôfa almofada. Alli beberrica golinhos de agua quente, fuma no seu cachimbinho, recebe visitas, offerece-lhes chá, lê o jornal, costura, dá ordens ás criaditas, que véem de quando em quando tambem ajoelhar-se, mas dispensando as almofadas, curvando as frontes sobre a esteira, em signal de humildade e assentimento.

Durante o verão, a vida passa-se de preferencia ao ar, na varanda, no jardim, nas ruas e nos campos. Mas, no inverno, quando a neve, a saraiva e as brisas cortantes não são raras, a visinhança do *hibachi* appetece. E' junto d'elle que, naturalmente, as refeições téem logar, amorosamente prolongadas. E é tambem junto d'elle, pela tarde e pela noite, que a familia inteira se reune, sorrindo, palestrando.

Como os japonezes e as japonezas casam cedo, e como é dever imprescindivel dos filhos assistirem carinhosamente aos velhos paes, acontece que em quasi todas as familias ha pelo menos um velho ou uma velha, ou mesmo um velho e uma velha. São estes que occupam o logar de honra, que offerece maior conforto, junto do *hibachi;* seguindo-se-lhes os filhos, os netos, acaso os bisnetos e, finalmente, as criaditas.

Bebe-se agua quente, bebe-se chá. Fuma-se; o cachimbinho passa de mão em mão, ferindo repetidamente a borda do *hibachi,* para desembaraçar-se dos residuos. O japonez tem principalmente frio nas mãos; não nos pés, embora nús, ou quando muito protegidos pela peuga, mas abrigados pelo corpo quando se encontra de joelhos; estendem-se, pois, as mãos sobre o *hibachi,* as mãos descarnadas e trémulas dos velhos, as mãos ro-

bustas dos novos, as mãositas papudas das creanças, as mãos brancas, primorosas, das raparigas, em cujos finos dedos, acaso, corisca o diamante.

Assim conchegados todos os membros da familia, n'uma paz patriarchal que lembra um grupo de abelhas no mysterio do cortiço, conversa-se, como a melhor maneira de empregar o tempo. Os velhos recordam historias de ha cincoenta annos, ou contam historias da carochinha que a lenda perpetúa. Os novos commentam as ultimas novidades e as noticias dos jornaes. As creanças interrogam, reclamam a explicação das coisas, com essa curiosidade infatigavel, propria da idade, que tem pressa em conhecer a vida.

Na escola, o joven nipponico adquire a instrucção, mas não a educação, não, sobretudo, a cultura sentimental de que carece, para sentir palpitar em si a alma nacional, tão caracteristica n'este povo e tão indispensavel para a realisação dos seus intuitos. Póde dizer-se que é principalmente á roda do *hibachi* que a alma japoneza se fórma, nos cerebrosinhos impressionaveis das creanças, que alli vão bebendo dos paes e dos avós, no contínuo palestrar de cada dia, de cada noite, as multiplices noções das coisas, o crédo da familia, a feição psychica da raça.

Esse quadro essencialmente typico e enternecedor da familia japoneza, na dôce intimidade domestica, em torno do *hibachi,* escapa ao estranho, ao europeu, que só por méro acaso o poderá relancear furtivamente. Houve tempo, não mui distante, em que elle era expulso, escorraçado do santuario do lar nipponico, como o insecto intruso é expulso e escorraçado pelas abelhas obreiras, quando intente intrometter-se no mysterio do cortiço. A tendencia da época presente permittirá hoje ao estrangeiro,

embora por excepção, o ir beber um gole de chá sobre a esteira do aposento, ao lado da familia japoneza, em torno do brazeiro. Mas então uma mascara de simples cortezia descerá a encobrir-lhe dos olhos a franqueza de expressão de cada um d'aquelles rostos, a conversa entrará no campo frio das banalidades corriqueiras, o estrangeiro sentir-se-ha estranho no meio, mesmo na hypothese muito excepcional, nas familias hybridas, de ser elle um dos membros da familia, o dono da casa por exemplo; e a cada minuto experimentará a noção nitida de que os seus *olhos de peixe* e os seus *cabellos encarnados* constituem barreiras prohibitivas, que impedem qualquer communicação do pensamento, qualquer intimidade affectuosa.

Lafcadio Hearn, o genial chronista de coisas do Nippon e um dos modernos estrangeiros que mais viveu a vida japoneza, refere, n'uma pagina de um dos seus livros, a dôce impressão de quentura que um dia experimentou, ao ajoelhar sobre a esteira, no sitio onde uma criadita estivera ajoelhada; creio eu que essa caricia casual, do calor de um corpo transmittido a outro corpo indirectamente pela esteira, é, no tocante a amenidades de convivio, o mais que um estranho póde esperar da familia japoneza . . .

Mas deixemos tão altas transcendencias, descendo ao campo prático das coisas. Quanto ao que diz respeito á secção "A' roda do *hibachi*„, da publicação japoneza a que alludi, eu lhes prometto que, se alguma historieta me parecer digna de interesse para leitores occidentaes, aqui lhe darei cabida, embora a traços resumidos.

— Espera-se que o cruzador *S. Gabriel,* agora na sua grande viagem de circumnavegação, chegue ao Japão

em fins de maio ou principios de junho. A noticia, chegada pelos jornaes, foi agradavelmente recebida pelos portuguezes residentes no imperio, o qual não é visitado por nenhum navio portuguez, ha cerca de doze annos.

E' sabido que residem no Japão bastantes portuguezes, nascidos em Macau ou seus descendentes. Encontram-se estabelecidos em Yokohama, em Kobe (talvez em maior numero) e mui poucos em Nagasaki.

Vem a proposito dizer que, no dia 10 do mez passado, os subditos portuguezes residentes em Kobe e devidamente registrados eram 86, dos quaes 56 do sexo masculino e 30 do sexo feminino, incluindo 49 de maior idade e 37 de menor idade. D'estes 86 individuos, 55 eram solteiros (incluindo 39 do sexo masculino e 16 do sexo feminino), 24 casados (incluindo 13 do sexo masculino e 11 do sexo feminino) e 7 viuvos (incluindo 4 do sexo masculino e 3 do sexo feminino). Dos individuos varões com occupações, 24 eram empregados do commercio, oito empregados em casas bancarias, um jornalista e um consul.

Os 86 subditos portuguezes citados residiam todos na cidade de Kobe e em seus immediatos suburbios, divididos em 28 familias e occupando 28 habitações distinctas. Com respeito á terra de naturalidade, 20 eram nascidos em Macau, 11 em Hong-Kong, 6 em Shanghai, 1 em Amoy, 47 no Japão e 1 em Lisboa. Cinco mulheres casadas e duas viuvas eram primitivamente de nacionalidade japoneza, havendo adquirido a nacionalidade portugueza por effeito de matrimonio, casando com subditos portuguezes.

Convém ainda accrescentar que os subditos portuguezes do sexo masculino, residentes em Kobe, como em

todo o Japão, possuem, em regra, bastante conhecimento da lingua ingleza, o que os habilita a encontrarem emprego e a prestarem bom serviço nas casas de commercio e bancarias. Os seus salarios mensaes variam geralmente entre 100 yens (dez libras) e 250 yens.

XVII

18 de março de 1910

O actor Kawakami; a demolição da arte scenica japoneza; uma lenda interessante — O salteador mais famoso do Japão; os seus crimes; a poesia que elle proferiu á hora da morte — A crença no Japão de que os mortos não morrem; as variadas surprezas que d'ahi resultam; correspondencias curiosas.

O actor Kawakami, bem conhecido em Portugal, conseguiu construir um theatro em Osaka, Teikoku-za (o theatro imperial), debaixo de plano seu e inteiramente em estylo europeu, que acaba de abrir ao publico e onde, com sua esposa Sada Yacco e o concurso de outros actores, inaugurou as suas representações com um quadro mythologico do Japão e uma comedia ingleza qualquer, adaptada ao meio indigena.

A feição artistica de Kawakami está-se hoje definindo perfeitamente. Elle que, com Sada Yacco, deslumbrou as plateias europeias, mercê do indiscutivel talento dos dois, exhibindo impressivas scenas do antigo Nippon, é principalmente um grande demolidor do velho theatro japonez, cuidando porfiosamente de incutir nos seus compatriotas o gôsto pelos processos scenicos e dramaticos do Occidente, estranhos a este meio.

Sob este aspecto, Kawakami não passa, pois, de um simples destruidor da bella arte indigena, dos delicados

sentimentos estheticos nacionaes; obreiro de demolição, como muitos outros, da deliciosa originalidade do paiz do Sol Nascente.

No entretanto, como o Japão tem fatalmente de transformar-se e de fazer-se á nossa moda, não condemnemos mais o actor Kawakami do que os seus muitos compatricios que implantam a nossa moda de trajar em substituição do gracioso *kimono,* que adoptam a nossa architectura nas suas casas e até os nossos deuses nos seus templos. *Le monde marche*... e o Japão marcha ainda mais apressadamente do que o mundo...

Quanto aos espectadores do Teikoku-za, deixemos sem commentario a comedia ingleza, transportada ao meio nipponico. Quanto ao quadro mythologico, que dizem deslumbrante e parece ter entrada por um resto de concessão á velha sentimentalidade japoneza, julgo valer a pena desfiar aqui a interessante lenda.

A deusa Amaterasu, da qual descende a dynastia imperial e consequentemente o soberano actual, é a maior divindade do Japão, reverenciada nos famosos templos de Isé, onde os devotos acodem annualmente por milhões.

O casal divino de Izanaghi e de Izanami havia dado nascença ás ilhas do Japão, após aos deuses do mar, das montanhas, dos rios, dos prados, do fogo, das arvores, dos metaes, da terra e outros muitos. Izanami morreu de parto, finalmente; mas Izanaghi, o deus varão, continuou a procrear; do seu olho esquerdo, nasce Amaterasu, a deusa da luz do sol; do seu olho direito, nasce Tsukiyomi, a deusa do luar; do seu nariz, nasce Susano-ó, o deus impetuoso...

Amaterasu votou-se activamente a governar os seus Estados e a tornar felizes os seus subditos, ensinando-

lhes a cultura do arroz, a creação dos bichos de sêda, as artes de tecelagem. Susano-ó, pelo contrario, pouco fazia, arrebatado e imprevidente.

Em certa occasião, Susano-ó, visitando sua irmã Amaterasu, taes intolerancias lhe infligiu, que a deusa, ferida em seus justos melindres e assustada, recolheu-se a uma caverna, *ama no iwaya* (a gruta do céu), fechando a entrada com um pedaço de rochedo; e protestou não mais sahir d'aquelle sitio.

Por este simples facto, o mundo ficou em trévas, privado da luz do sol. Era a calamidade immensa, a vegetação extincta, a vida incompativel, a suppressão de todos e de tudo. Então, os oito milhões de deuses, reunidos em conselho para deliberarem sobre tamanha inconveniencia, chegaram a uma decisão, que deu maravilhoso effeito. Alguns d'elles foram buscar á proxima montanha ramos da arvore *sakaki* (que desde então até hoje ficou tida por sagrada), enfeitando-os com um espelho e outros adornos preciosos e indo collocal-os em frente da caverna. Para alli levaram gallos, que instigaram a cantar, como se a aurora já raiasse. Os deuses, por seu lado, recitaram em côro as orações da madrugada. A deusa Ama no Uzumé, junto de uma fogueira, pôz-se a dansar; e com tão grande habilidade, que mereceu o caloroso applauso dos assistentes.

No entretanto, Amaterasu, no fundo da sua caverna, começou a sentir curiosidade — propria do sexo... — por aquella insolita algazarra; a tal ponto que, não resistindo ao desejo de saber o que era aquillo, arredou um pouco o pedregulho da entrada para um lado, estendendo para fóra a cabecita...

Era o momento azado!... O robusto deus Tajikara-ó estende os braços, afasta mais o pedregulho e arranca

da caverna a augusta prisioneira; Futotama, um outro deus, atravessa uma corda de palha á entrada da gruta (desde então, até hoje, a corda de palha é um emblema da religião dos japonezes). A luz do sol illumina de novo o imperio. Os deuses supplicam a Amaterasu para nunca mais se dedicar á reclusão; em homenagem aos seus aggravos, condemnam Susano-ó a grandes penas e ao desterro...

Pois é este commovente trecho biblico do Japão, do qual derivam todos os ritos da religião de Shintô, que o actor Kawakami agora representa no seu theatro de Osaka. Sada Yacco, interpretando Amaterasu, a deusa do sol e da luz, é, segundo asseguram os que a viram, uma deliciosa divindade, arrebanhando crentes pelos espectadores japonezes e, o que é mais estranho e bastantemente sacrilego, pelos não raros loiros que assistem á representação... Eu não; ainda não vi nem conto vêr Sada Yacco, no seu novo theatro de Osaka... o que me salva de apostasia.

— E' coisa bem sabida, não admittindo duvidas, que os tribunaes de todos os paizes vão condemnando a longos annos de prisão e a pena ultima os grandes criminosos, sem que se consiga acabar com os crimes; antes, parece, mais augmentam com o avançar dos tempos. A semente do crime, digamos assim, não se extingue.

Vem isto a proposito do que proferiu, em verso, Ishikawa Goemon, o mais famoso, de triste fama, salteador japonez, o qual viveu pelo seculo XVI da nossa éra.

Este Ishikawa Goemon pertencia a uma familia de humildes servidores dos nobres Miyoshi. Cedo mostrou astucia para o mal. Conta-se que, mui pequenito, se obtinha algum cobre, ia logo comprar um bolo ao visinho

confeiteiro, tendo artes, porém, de roubar-lhe dois ou tres pela mesma occasião. Conta-se mais que, tendo-lhe a mãe vestido um fato novo, branco — por ser menos custoso, — o patife entrou em casa de um tintureiro conhecido, fingiu que tropeçava, cahindo dentro de uma enorme celha a trasbordar de tinta azul; e por este modo, salvo do banho, ficou com o *kimono* colorido ao seu agrado.

Aos dezeseis annos, commetteu um roubo em casa de seu amo; quando quizeram prendel-o, matou tres homens, fugiu, vivendo desde então uma existencia de bandido.

Por 1595, Hideyoshi, o grande general, enviou soldados contra elle. Agarrado, os juizes crueis d'aquelles tempos condemnaram-no a ser lançado n'uma caldeira cheia de azeite, em ebulição; um seu filhito, Ichiró, soffreu a mesma pena.

A sentença foi cumprida no leito, sêcco, do Kamogawa, rio que atravessa a cidade de Kyôto. Mergulhando já no liquido fervente, com o filhito nos braços — n'um instincto paternal de querer salvar do horror da punição a pobre creancinha, — o condemnado proferiu serenamente esta poesia:

Ishihawa ya
Hama no masago wa,
Tsukiru to mo.
Yo ni nusubito no
Tané wa tsukimaji!...

Eis a traducção approximada: — "Acaba Ishikawa; as pedras dos leitos dos rios e as areias das praias do oceano tambem poderão acabar... Mas a semente do crime, em toda a parte, nunca acabará!..." — E assim acontece...

—E' notorio que, no Japão pelo menos, os mortos não morrem, passam a viver outras vidas. Por seu lado, os deuses immortaes nunca se esquecem dos seus protegidos mais devotos. Resulta d'isto uma larga extensão nas relações sociaes do japonez, que aos vivos do seu conhecimento tem de juntar os mortos e os deuses do seu conhecimento; podendo afoitamente assegurar-se que o nipponico prodigalisa a maior parte dos seus carinhos e attenções a espiritos invisiveis, pairando no azul do espaço ou em regiões ignotas...

D'esta interessante circumstancia, resultam surprezas variadas e tambem contratempos, sendo um d'elles uma complicada accumulação de correspondencia nos correios imperiaes, á qual é impossivel dar destino.

Effectivamente, segundo conta certo correspondente—sem duvida um empregado de correios,—n'um jornal local, grande é o numero de cartas e bilhetes postaes, durante cada anno, dirigidos, convenientemente estampilhados, aos deuses, a grandes vultos da historia, a tumulos, a imagens de santos, etc.

Com referencia ao anno passado, o correspondente cita, como amostras, dois bilhetes postaes, encontrados n'uma estação de correios. Um é dirigido ao deus Konnyaku Fudô, venerado na aldeia de Koishikawa, e contém approximadamente estes dizeres:—"Cumpria-me vir, hoje, fazer pessoalmente as minhas orações; mas está cahindo muita neve e eu sinto-me indisposta; por este motivo, vos envio estas palavras de escusa e de respeito.„ No outro bilhete postal, encontra-se o endereço de um tumulo no cemiterio de Aoyama; alguem informa não poder, por contrariedades domesticas, enviar flôres, no dia do anniversario do fallecimento do ente querido; e pede desculpa ao espirito do morto por aquella falta involuntaria.

O correspondente citado observa ainda que missivas amorosas do mais incongruente estylo, onde debalde se procura adivinhar os nomes dos remettentes e os nomes e endereços dos destinatarios, véem frequentemente parar ás repartições postaes, complicando o expediente.

O mesmo articulista, com a caracteristica frieza profissional que nós estamos acostumados a encontrar, por exemplo nos medicos, nos advogados, nos juizes nos agentes de enterros, e que devemos estender tambem até aos empregados dos correios, commenta os factos com ares de querer d'elles mofar. Faz mal. A ingenuidade humana, quando assim tão sentidamente expressa, não merece mofa, não merece risos; sorrisos sim, sorrisos de piedade e de sympathia...

XVIII

20 de abril de 1910

O enforcamento do assassino do principe Ito — Excursionistas americanos; considerações a este respeito — Kioto e Osaka; historia picaresca de duas rãs; illação tirada d'esta historia — As agglomerações de povo no Occidente; 100:000 excursionistas a contemplarem as flôres das cerejeiras.

An Iu-kon, o assassino do principe Ito, foi enforcado no dia 26 de março, em Porto-Arthur, exactamente cinco mezes depois de haver perpetrado o crime. Foi assim cumprida a lei, deu-se o epilogo da tragedia, esperado, e não serão as nações do Occidente, pelo menos aquellas onde a pena de morte, punitiva dos grandes crimes, ainda vigora — quasi todas, — que poderão reprovar a justiça japoneza.

Os jornaes nipponicos deram conta do facto, sem grandes commentarios, e já hoje ninguem d'elle se occupa; quasi passou despercebido, ou antes se quiz dar-lhe esta apparencia, por motivos varios, faceis de imaginar.

No entretanto, povo algum melhor do que o povo japonez poderia comprehender a intenção patriotica, á moda asiatica, á moda japoneza, de que An Iu-kon deu provas evidentes. A historia do Japão commemora muitos lances d'esta ordem, de exaltada dedicação, em que um

individuo, para vingar uma affronta feita á patria, ou ao senhor feudal, ou a sua familia, ergue resoluto o braço homicida, sacrificando tudo, sacrificando a propria vida.

An Iu-kon derrubou um dos vultos mais distinctos, mais gloriosos da historia moderna do Japão. Registra-se n'este momento, todavia, que o assassino, filho d'essa Coréa cahida na desordem e na ignominia, incapaz mesmo de manter a sua independencia, mostrou ao mundo que ainda havia um coreano para chorar as miserias da sua patria. No entretanto, chorou matando, como asiatico que era...

Devia-se aqui esta especie de tributo á memoria do enforcado...

— Em um dos primeiros dias do anno corrente, chegou a este Japão um bando de *touristes* americanos, demorando-se aqui pouco mais de uma semana, occupados em devassarem os recantos mais famosos do paiz; correndo após, a bordo do seu paquete, para outras paragens interessantes.

Ha poucas semanas, o mesmo paquete, o *Cleveland,* voltou ao Japão com nova fornada de *touristes* da mesma procedencia, uns 760 em numero, com identico intuito meritorio.

Ora, eu tive a curiosidade de ir vêr estes ultimos *touristes,* no derradeiro momento, quando, em Kobe, se agglomeravam no caes de embarque, promptos para seguirem em lanchas para bordo do vapor, que fumegava já, prestes a suspender e a proseguir na sua viagem vagabunda.

Fiquei pasmado!... Pasmado da lorpa fealdade, estampada nos rostos do maior numero d'aquelles bravos viajantes, de ambos os sexos, do feminino — e velhas —

na sua grande maioria... Que horror de velhas, santo Deus!...

Já repararam os senhores que a nossa raça branca, especialisando talvez a variedade loira das regiões do norte, é a mais rica em exemplares burlescos da caricatura humana?...

Quem haja viajado um pouco pelos paizes exoticos sabe bem como o arabe se apresenta sempre digno e magestoso, mesmo nos seus andrajos, mesmo na sua miseria, mesmo na sua abjecção. O mesmo se poderá quasi dizer do indio. O negro, o homem de bronze, surge-nos sempre esculptural no quadro imponente do sertão. A face amarella do chinez, mysteriosamente circumspecta, inspira-nos mais respeito do que outra coisa. O rosto do japonez é por vezes simiesco, mas está longe do ridiculo. E se acaso relanceamos as grandes disformidades, como o africano inchado pela elephantiase ou o asiatico roido pela lepra, é então o horror que nos domina, que nos produz vertigens, que nos obriga a fechar os olhos, como se nos encontrassemos em frente de um abysmo...

Mas a caricatura facial, supinamente grotesca e alvar, é exclusivamente um producto da nossa raça branca, embora nos pese confessal-o. Militam por certo em favor d'este triste privilegio os profusos cruzamentos obtidos por uniões disparatadas, os requintes da civilisação, os vicios inherentes — dando o primeiro logar ao alcoolismo — a degenerescencia physica dos intellectuaes e mil e mil taras, adquiridas directamente ou por herança.

No entretanto, e felizmente, predominam ainda nas nações do Occidente os typos modestamente triviaes, não dignos de reparo; respigando-sa aqui ou alli uma figura de belleza.

Para explicar agora o estranho caso de uma collecção

de gente feia, muito feia, que o *Cleveland* nos offereceu em terras do Japão, basta levar em conta a circumstancia de que é, em regra, a gente feia que viaja. A viagem, não como uma necessidade profissional, mas como méro passatempo, implica a ideia de um certo desconforto no lar, na vida intima; pois, sem tal desconforto, a gente deixa-se ficar em casa, gozando do convivio da familia e dos amigos. Ora, por motivos obvios, são os feios, os muito feios, que mais commummente soffrem dos males do isolamento ou da pouca estima dos parentes; a viagem, o aprazimento vagabundo, impõem-se-lhes consequentemente, quando as bolsas permittem este luxo. E eis aqui está porque o *Cleveland* despejava ha pouco no Nippon uma collecção de faces caricaturaes, que me assombraram!... Tambem assombraram os japonezes presentes, a julgar pelo risinho amarello, subtilmente satyrico, que lhes crispava os labios, ao contemplarem no caes onde eu me achava, o bando dos 760 hospedes americanos!...

— Quando, em viagem de Kobe para Kyôto, o comboio, onde vou, passa pela aldeia de Yamazaki, nunca deixo de relembrar-me do historia picaresca que se deu, em tempos passados, com duas rãs amigas de aventuras, que por aquelle sitio se encontraram. Eu vou contar-lhes esta historia; antes, porém, convém dizer alguma coisa de Kiôto e de Osaka.

Kiôto era, de longa tradição, a residencia do Mikado, a cidade santa, célebre pelos seus templos magnificos; célebre tambem pelas suas collinas deliciosas, vestidas de pinheiros, e pelos seus soberbos bosques de bambús; famosa pelos seus palacios, pelos seus jardins, pelos seus parques, pelas suas bellas florescencias de *sakura,* a cerejeira; igualmente famosa pelos requintes da sua arte,

pelo brilhantismo das suas festas, pela gentileza das suas mulheres.

Osaka era, tambem de longa tradição, a cidade envolvida por frescas varzeas e viçosos arrozaes a perderem-se de vista; plana como a palma da mão, sulcada por cem canaes e atravessada por mil pontes; o grande centro agricola e industrial do imperio inteiro; nucleo de um enorme formigueiro humano, activo, irrequieto, dada a toda a especie de misteres e de invenções.

Ora, em certa occasião, duas rãs encontraram-se por acaso sobre o monte Tennozan, cerca da florescente aldeia do Yamazaki, a qual fica proximamente a meia distancia entre a cidade de Osaka e a cidade de Kiôto. Uma das rãs vinha de Osaka e jornadeava para Kyôto, desejosa de admirar as maravilhas que lhe diziam de Kiôto; a outra rã vinha de Kiôto e jornadeava para Osaka, no proposito de vêr pelos seus olhos as maravilhas que lhe contavam de Osaka. A caminhada através campos, ribanceiras, penedias, fôra já para ambas bem penosa e não safa de perigos, sentindo-se esfalfadas, derreadas e com as patinhas doloridas; a curiosidade, porém, commum aos homens e aos bichos, dava-lhes forças para avançarem.

Naturalmente, travaram entre si conhecimento e trocaram impressões; concordando as duas em deter-se sobre o monte por algum tempo, sendo certo que bem careciam de descanso.

Uma então disse á outra que o monte Tennozan era afamado pelos vastos horisontes que d'alli se disfructavam; alongando a vista para norte, apparecia-lhes Kiôto, nos seus contornos imponentes; alongando a vista para o sul, apparecia-lhes Osaka, cruzada pela sua rêde de canaes; circumstancia que lhes permittia antegozar, de relance, os dois aspectos que constituiam os dois termos

oppostos das suas excursões. Eis, pois, que trepam o mais elevado pincaro da serra, erguem-se nas pontas das patinhas, a rã de Osaka volta-se de frente para Kiôto, a rã de Kiôto volta-se de frente para Osaka, e põem-se ambas a contemplar attentamente a paizagem.

Após minucioso exame, eis que exclama a rã de Osaka: — «Enganaram-me! Disseram-me tantas coisas de Kiôto, e vejo agora que em nada differe da minha terra...» — E berra a rã de Kiôto: — «Sou da sua opinião! Osaka apresenta-se-me em tudo igual a Kiôto...» — Ora como o intento das duas viajantes era o de irem vêr scenas differentes, receberem impressões novas, e como as duas cidades se offereciam á vista similhantes, seria tempo perdido o continuarem jornadeando e multiplicando perigos e fadigas. As duas rãs olharam-se sorrindo, mas francamente desapontadas; em seguida, coaxaram cumprimentos, curvaram-se em mesuras, déram as costas uma á outra e cada qual seguiu para a sua terra, dando a excursão por concluida.

Para comprehender o fim da historia, convém ter bem presente que a rã, na sua postura habitual, rasteja humildemente pelo chão. Falsa humildade, todavia; arrasta-se pela terra, mas os seus olhos, collocados no alto da cabeça, olham para cima, olham para o céu. De sorte que, quando as nossas duas rãs se ergueram nas pontas das patinhas para relancear o panorama, ficaram olhando para traz, sem que do engano déssem fé; a rã de Osaka olhava para Osaka, julgando olhar para Kiôto; a rã de Kyôto olhava para Kyôto, julgando olhar para Osaka...

Prova isto que as rãs — como muita gente — procederiam bem melhor, se não erguessem para tão alto as suas vistas e prestassem mais attenção ao que se lhes avisinha. Quem olha muito para cima, arrisca-se a ficar

olhando para traz; o que póde induzir a inconveniencias graves, como no caso referido.

—Estão em moda, no Occidente, as grandes agglomerações de povo, em pleno ar livre, na praça publica; seja, como em Londres, que uma dama se lembre de advogar, em altos berros, o direito da mulher ao voto eleitoral, seja que um cavalheiro qualquer, dado á eloquencia, discurse sobre as miserias d'este mundo.

No Japão, tambem occorrem similhantes agglomerações de povo, mas geralmente para outros fins. Imaginem os senhores que no ultimo domingo, 17 de abril, quando as cerejeiras de Kyôto se encontravam no melhor da sua florescencia, cem mil excursionistas invadiram a cidade, vindos das cidades e aldeias proximas, para irem contemplar as bellas flôres!... Foi uma balburdia incrivel, as ruas arrebentavam de gente, faltando comida, faltando bebida para tantas barrigas nipponicas, ás quaes a excursão déra appetite... Acceitaram-se, porém, com resignação todas as contrariedades, visto que os olhos se recreavam no espectaculo glorioso da paizagem...

XIX

14 de maio de 1910

Os nomes proprios dos japonezes; minucias interessantes sobre este assumpto; citação de appellidos igualmente japonezes; a proposito, falla-se nos appelidos do Occidente. — Os actos de coragem e heroismo dos nipponicos; divagações a tal respeito. — O cruzador *Rainha D. Amelia* em Yokohama.

N'UMA das minhas correspondencias, publicadas n'este logar ha longos mezes, apresentei algumas referencias com respeito aos nomes proprios das filhas do Nippon.

Disse então que os nomes das japonezas são muitas vezes escolhidos de entre as denominações das flôres, ou das arvores; não que haja a intenção pretenciosa de comparar encantos physicos; accusa-se antes um intuito moral, em relação com as virtudes que essas flôres, que essas arvores, symbolicamente representam. Assim, Umé (flôr de cerejeira), é um nome vulgar de mulher, tido em estima, porque esta flôr, pela alvura das suas pétalas, é no japão o symbolo da pureza. Outro nome vulgar é Matsu (pinheiro), symbolo de constancia, mercê da folhagem persistente d'esta arvore. Outras vezes, dão-se ás mulheres, por nomes proprios, nomes de coisas prestadias, como Yoné (bago do arroz), Ito (fio, linha). Em linguagem cortez, os nomes femininos de uma ou duas

syllabas, que são os mais frequentes, costumam ser precedidos de *O',* particula honorifica, correspondendo ao nosso *Dona;* assim, diremos O'-Matsu-San (Senhora Dona Pinheiro); mas diremos simplesmente Kagami-San (Senhora Espelho).

Vou hoje alongar este estudo um pouco mais, referindo-me aos nomes proprios *(namas)* e appellidos de familia *(myôji),* em ambos os sexos. O assumpto offerece-nos minucias interessantes; e vem por si exemplificar, como muitos outros factos, a curiosa circumstancia de que o individuo, no Japão, pouco conta como parcella social, sendo a familia que mais conta.

O individuo vale tão pouco, que o seu nome, o seu distinctivo por excellencia, é muitas vezes substituido por outro nome qualquer, a capricho de outro individuo, seu superior em hierarchia. Dá-se o caso, por exemplo, com as criadas de servir; geralmente, a patroa, para evitar fadigas de memoria, vai dando a todas as criadas o mesmo nome proprio; se a primeira ao seu serviço foi Umé, todas as que lhe forem succedendo serão Umé tambem. Quanto ás *gheishas* (dansarinas) e outras moças de condição ainda mais infima, perdem ellas, durante os annos votados ao officio (bem arduo muitas vezes), os seus nomes proprios, passando a serem conhecidas por outros a que quasi poderemos chamar *nomes de guerra,* mais agradaveis ao ouvido, promettedores de afagos, despertadores de desejos. Menciono alguns: Wakayakko (a joven escrava), Fukuyen (o jardim da felicidade), Chiyegiku (o chrysanthemo da intelligencia). A famosa actriz, vossa conhecida, Sada Yacco (mais correctamente Sadayakko), teve o bom gosto de conservar, para o publico, o seu lindo nome de *gheisha,* profissão com que encetou a vida artistica; Sadayakko quer dizer:—a escrava casta,

No sexo masculino, os nomes proprios são escolhidos, algumas vezes, de entre simples nomes de coisas, como Katsuó (nome de um peixe), Tetsu (ferro). Mais commummente, o nome é terminado por uma das particulas *émon, suké, nôjó, bei, kichi,* o que tem a sua origem n'uma antiga classificação de profissões; assim, diz-se *kanékichi,* de *kané* (metal). Ainda mais vulgarmente, o nome proprio é formado por um termo, representando uma coisa ou uma ideia, junto a uma das particulas *ichirô* ou *tarô* (1.º rapaz), *jirô* (2.º rapaz), *saburô* (3.º rapaz), etc. Dou exemplos: Yoskitarô (o bom 1.º rapaz), Otojirô (o joven 2.º rapaz), Takesaburô (bambu, o 3.º rapaz). Ainda com mais frequencia, supprime-se o qualificativo, ficando o nome constituido só pelo termo numeral, como Gorô (o 5.º rapaz); n'este ultimo caso, o nome é apenas uma méra expressão chronologica, como o numero que um soldado occupa no regimento; desapparece o individuo, para só ficar lembrado um incidente familiar, o nascimento de um filho, o 5.º no exemplo que expuz.

Os nomes das *musumés* são tambem por vezes, como os nomes dos rapazes, essencialmente numeraes. Eu conheço uma rapariga que tem por nome Isó (cincoenta). Não queiramos deduzir, d'esta denominação, que a dama assim chamada fôra a 50.ª creança nascida de um casal — seria querer levar mui longe os dotes proliferos da familia . . . A intenção visa a idade do pai — cincoenta annos — commemorando, em jubilo, que os deuses concederam a esse pai a graça de uma primeira creancinha, quando já as esperanças de prole lhe iam fenecendo.

Em antigos tempos, os Japonezes tinham por costume mudar frequentemente, ao minimo pretexto, os seus nomes; isso passou de moda. Actualmente, apenas os artistas, os actores, os escriptores, costumam adoptar nomes

artisticos, profissionaes, pelos quaes o publico os distingue. Mas quando o japonez morre, mas quando a japoneza morre, o seu nome desapparece, como elle proprio, ou ella propria, desappareceu dos vivos; um bonzo confere-lhe um nome posthumo *(kaimyô)*, pelo qual o defunto fica sendo conhecido. Estes nomes dos mortos offerecem-se-nos embebidos de transcendencias de budhismo, repassados de mysticas imagens. Cito um exemplo: a Lafcadio Hearn, o delicadissimo escriptor, fallecido em Tôkyô ha cerca de cinco annos, conferiu-se, por seu expresso desejo, um funeral buddhistico; foi-lhe dado o nome posthumo de Jô-ghe Hachi-un Koji (Homem Crente Similhante á Pura Flôr Desabrochando como Oito Nuvens Subindo no horisonte).

Quanto aos appellidos de familia, téem elles, no Japão, uma significação e um emprego identicos aos appellidos no Occidente. A mulher, pelo matrimonio, perde o proprio appellido e adopta o appellido do marido; os filhos adoptam o appellido de seus paes. Succede, porém, aqui o caso, pouco frequente, de ser o marido que perde o proprio appellido, adoptando para si e para seus filhos o appellido da mulher; dá-se isto quando o marido não é filho primogenito, mas é a esposa filha primogenita, sem irmãos varões, cabendo-lhe então, por lei, a representação da familia de seus paes.

Cito em seguida alguns appellidos japonezes: — Yamamoto (abaixo da montanha), Umeda (o campo de ameixoeiras), Ikeda (tanques e campos), Wakamatsu (o joven pinheiro), Aoyama (a montanha verde), Kojima (a ilha pequena), Asada (o campo de linho), Kitashima (a ilha do norte), Koyama (a pequena montanha), Terakawa (o rio do templo), Yamada (o campo da montanha), Furukawa (o rio antigo), Kawatani (o valle do rio), Tsuru-

kawa (o rio das cegonhas), Nishimura (a aldeia de oéste), Takashima (a ilha alta), Takimoto (em baixo da cascata), Nakata (o campo do meio), Tanaka (o meio do campo).

Muitos dos appellidos japonezes, formados de ordinario pela agglutinação de duas palavras, correspondem a nomes de cidades, de aldeias do paiz. Em todo o caso, são, em geral, o que podemos chamar termos essencialmente pittorescos, topographicos, indicadores de um logar; tão pittorescos, por vezes, que chegam a encantar-nos, como essas paizagemsinhas japonezas, rabiscadas sobre um pedacito de sêda, em dois traços de pincel.

Tambem no Occidente, como por exemplo entre nós, os appellidos são frequentemente pittorescos, topographicos, indicadores de um logar, posto que não de uma maneira tão frisante como se dá n'este Japão. De tal observação, nasce-nos a ideia de devermos admittir, para o Japão como para as nações occidentaes, que a remota origem dos appellidos de familia vem, em grande numero de casos, das terras, das localidades, onde residiam os individuos ou d'onde eram naturaes. Os nomes proprios originaram-se pela constituição da familia, servindo para distinguir os membros entre si. Os appellidos, de mais recente origem, terão sido creados nas sociedades já constituidas por familias, estabelecidas em aldeias e em cidades; e essas familias ter-se-hão distinguido umas das outras por locuções similhantes ás seguintes: — os da serra, os da ponte, os dos campos, os do Porto, os de Lisboa, — d'onde vieram os appellidos Serra, Ponte, Campos, Porto, Lisboa.

Uma ultima observação. Os japonezes antepõem ao nome proprio o appellido de familia; dizem, por exemplo: — Tsurukawa Jirô, — sendo Tsurukawa o appellido e Jirô o nome proprio. Este modo de construcção

encontra similhanças em algumas nações occidentaes, como na França e na Italia, na maneira de citar os individuos em documentos officiaes; mas só em casos taes. Digamos desde já que a construcção japoneza é a mais logica. Nós, portuguezes, dizemos — José Fernandes; — melhor diriamos — Fernandes José (dos Fernandes o José) — o individuo é, geralmente, conhecido mais pelos seus que por si proprio; dar preferencia a si, é orgulho, é desrespeito pelos paes, pelos avós. Assim pensaria o japonez e assim pensa o europeu *japonisado*, que agora vos escreve. No entretanto não queiramos dar mais importancia ao facto de que a realmente merecida. Cada terra com seu uso. Sirvam apenas estas linhas como elementos de estudo da indole e dos costumes do povo japonez, que me propuz ir tornando conhecido dos meus compatriotas.

— A historia do Japão — antiga, moderna, contemporanea — commemora de sobra, nas suas paginas, actos de subida coragem, de sublime heroismo dos filhos do Nippon. A coragem individual, o heroismo individual, não são, claro está, qualidades exclusivas dos japonezes; todos os povos contam os seus heroes e commemoram bellos feitos. Mas acontece que estas virtudes civicas se manifestam nos nipponicos, por vezes, com caracteristicas differentes das que se revelam nos outros povos. Mais nobilitantes? Menos nobilitantes? Não sei; registro a dessimilhança apenas. Sei simplesmente que, em certos casos, estes nipponicos nos assombram, nos deixam pasmados como em presença de um abysmo; levando-nos os factos ao convencimento de que a alma japoneza, pelas suas manifestações ethicas, de algum modo se differencía da ideia que temos vindo fazendo

da alma humana. Se ha, pois, um não sei quê, uma feição psychica, que distingue estes asiaticos de todos os outros povos, bem poderá isto servir a explicar a estranha evolução de que o imperio do Sol Nascente nos dá exemplo unico; bastando-nos para motivos de espanto o que elle conseguiu e como elle se transformou nos ultimos cincoenta annos.

Sem irmos longe pela Historia, o recente conflicto russo-japonez offerece-nos abundancia de exemplos do enygma sentimental dos filhos do Nippon. Mas deixemos de parte este conflicto. As ligeiras considerações que apresentei são-me inspiradas pelo sinistro maritimo em que tragicamente figurou o submarino japonez n.º 6, quando se achava em exercicios na bahia de Hiroshima; isto em 15 do mez passado.

Occupado em manobras, o submarino n.º 6 submergira-se. Por um defeito qualquer do machinismo, a agua invadiu então parte do barco, afundando-o, inutilisando os geradores electricos, tornando impossivel a ascensão. Outros barcos acudiram; o submarino n.º 6 foi, a muito custo, suspendido; mas já então a sua inteira guarnição, composta do tenente Sakuma, commandante, de mais outro official, de dois engenheiros e de onze marinheiros, havia perecido, suffocada pelos vapores da gazolina.

O drama horrivel, passado no fundo do Oceano, a dez braças da superficie das aguas, póde de certo modo imaginar-se. Aquelles quinze homens terão luctado ardentemente, a principio, pela propria salvação. Perdida de todo a esperança, começando os pulmões a sentirem-se opprimidos, terão passado allucinações medonhas por aquelles quinze cerebros. A ancia instinctiva de viver a todo o custo terá animado toda a gente n'uma dansa diabolica, pulando, berrando, jogando murros ao

aço das paredes; até que a morte prostrou aquelles desgraçados, immobilisando os esgares, os tragicos gestos de agonia . . .

Não se passaram, porém, assim as coisas.

Quando se conseguiu trazer o barco á fluctuação e se praticaram aberturas, a gente de soccorro encontrou todos os mortos jazendo serenamente nos seus postos, junto dos engenhos que em vida lhes competia dirigir. O commandante Sakuma deixava escripto um relatorio, por onde se conheceu que, logo após o incidente e seguindo as peripécias da catastrophe, se foi dando á tarefa de commentar todos os factos. Em primeiro logar, como primeira auctoridade responsavel, penitencia-se da perda de um barco da marinha imperial e das vidas da equipagem; d'esta, elogía o procedimento, em momentos tão solemnes. Pede que o triste caso não leve ao desanimo os competentes na materia; antes deseja que se multipliquem os esforços no sentido de melhorar a construcção dos submarinos e o seu bom funccionamento; sobre o assumpto, faz algumas considerações com respeito á escolha da equipagem. Explica a causa do sinistro e dá conta dos esforços empregados. Registra que o barco se afundou ás dez horas da manhã, em dez braças de fundo, descendo com uma inclinação de treze graus. Supplíca a protecção do soberano para as familias dos malfadados tripulantes. Envia cumprimentos a alguns officiaes da marinha imperial. Por ultimo, marcando a hora (meio dia e quarenta minutos), menciona sentir-se subjugado pelos vapores da gazolina . . .

Podem os senhores fazer uma pequena ideia do que ha de medonhamente grandioso, extra-humano, n'este drama passado no fundo do Oceano, durante cerca de tres horas, em que quinze homens esperam a morte, nos

seus postos, e em que um commandante escreve placidamente o seu relatorio de viagem... a viagem para o *outro mundo?*... Eu não posso; véem-me assomos de vertigem...

—No dia 2 do corrente chegou a Yokohama o nosso cruzador *Rainha D. Amelia,* vindo de Hong Kong, em cruzeiro. Em 7 largou para Kobe, onde chegou no dia seguinte; partindo d'este porto para Hong Kong no dia 12, com escalas por Nagasaki e Shangai.

Commanda o cruzador o snr. capitão de fragata José da Cunha Lima, conhecido ha trinta e tantos annos nas escolas (na marinha toda a gente tem alcunhas) pelo *Lima do Porto,* pelo *Lima inglez;* inglez pelo typo bem aprumado, pelos olhos azues e pelo bigodito loiro que então lhe começava a assomar; mas portuguez, bem portuguez pela alma, pelos seus nobres estimulos patrioticos; vindo depois a ser, como hoje é, um dos mais distinctos vultos da sua corporação. O commandante Lima vem, felizmente, acompanhado por um brilhante grupo de jovens officiaes, o que dá gosto vêr-se.

Havia 12 annos que o porto de Kobe não era visitado por nenhum navio de guerra portuguez e ha mais tempo ainda o porto de Yokohama. O apparecimento do nosso cruzador n'estas paragens causou muito boa impressão; as relações trocadas com as auctoridades locaes foram de muita cordealidade; os residentes portuguezes viram com jubilo a bandeira nacional.

Pena foi que o cruzador se demorasse tão poucos dias nos portos. Esperamos agora a vinda do *S. Gabriel.* Oxalá se repitam visitas similhantes, cujas vantagens, sob muitos pontos de vista, não carecem de demonstração.

XX

4 de junho de 1910

O medo ao cometa de Halley não exclue as preoccupações interesseiras — Aphorismo japonez e sentimentalidade nipponica — A correspondencia dirigida aos tripulantes do cruzador *S. Gabriel;* curiosidade que offerecem os respectivos endereços — Movimento litterario do Japão.

ERA no dia 19 ou 20 do mez passado, que o mundo deveria ter acabado para nós todos, miseros habitantes da terra, quando a cauda do cometa de Halley houvesse envolvido a mesma terra...

Não acabou, porém, como se sabe, nem do caso resultou o minimo incidente; o que, em desprestigio dos phenomenos celestes e para nosso pleno gaudio, nos leva a conferir á cauda de um cometa importancia inferior á cauda de um vestido...

E' facto que, mezes antes, a predicção do acontecimento alvoroçou muita gente na Europa, morrendo mesmo de susto algumas pessoas mais sensiveis. Na China, na Coréa, no Japão e provavelmente em todo o Extremo-Oriente, tambem os espiritos se impressionaram com o assumpto.

No Japão, fez o povo algumas peregrinações aos templos, no intuito de apiedar os deuses e de salvar o Daí-

Nippon da derrocada. Uma japoneza dirigiu-me a seguinte interrogação: — «Se se acabasse o mundo, se morresse toda a gente, quem haveria de tomar conta de todo o dinheiro que ficasse?...» — Não encontrei resposta para dar-lhe...

Mas não, não se acabou o mundo!... Iremos morrendo lentamente, hoje um, ámanhã outro, á formiga... Mas livrámo-nos de sermos espectadores da apotheotica destruição de nós mesmos e de toda a scena em torno...

Safa!...

— Ha um aphorismo japonez, inspirado na doutrina buddhista, que resa assim:

Oyakó wa, issé;
Fûfu wa, nisé;
Shujû wa, sanzé.

Quer isto dizer: — «As relações entre paes e filhos duram uma existencia; entre marido e mulher duram duas; entre amo e servidor duram tres». — Curiosissimo preceito, este, que põe acima de todas as intensidades affectivas os deveres de auctoridade e de obediencia que unem entre si o senhor e o seu vassallo, tornando estes deveres persistentes durante tres existencias successivas!... porque, como é notorio, o buddhismo admitte — pelo menos o buddhismo popular — que o individuo morre, mas que a alma transita de corpo para corpo...

Note-se ainda que o dogma citado não tem, no Japão, uma significação puramente especulativa; encarregando-se a vida social, de certo modo, de lhe dar uma pratica sancção. Assim, os vassallos exerciam fidelidade, durante successivas gerações, aos seus senhores; os criados,

os filhos dos criados, os netos dos criados, serviam, na época feudal, a familia do amo primitivo. Os deveres de auctoridade e os deveres de obediencia tornaram-se, por esta fórma, hereditarios; dando razão ao aphorismo, mostrando-se, pelo menos em duração, mas muitas vezes em dedicação superiores aos sentimentos de familia.

A sentimentalidade nipponica fez assim do respeito hierarchico uma religião, que se resume no sacerdocio de mandar e no dever de obedecer. O mysticismo occidental adora os santos; o mysticismo japonez adora os homens; um é contemplativo e ideal, outro é positivo e prático. Mal podemos nós imaginar, na sua intensiva essencia, os laços de cohesão que prenderam e ainda prendem, n'este paiz, o criado ao amo, o vassallo ao senhor, o discipulo ao mestre, n'uma palavra, o humilde ao poderoso; mas podemos, pelo menos, conceber que no mysterio emotivo da obediencia reside o germen do inteiro systema social do povo japonez e da sua evolução na successão dos tempos.

Seguem, escolhidos ao acaso, dois interessantes exemplos do sentimento de obediencia pelo chefe.

Certo *daimyô* (senhor feudal) teve um dia a lembrança, por méro desenfado, de experimentar até que ponto ia a obediencia de um servo, em assumpto de impossivel solução. Como se achasse repousando junto de um largo biombo, onde havia um tigre pintado, mandou chamar o servo e ordenou-lhe que fosse buscar cordas, amarrasse o tigre e o levasse para longe, pois se sentia farto da visinhança do animal. O servo, sem murmurar — nem se admitte a hypothese de um murmurio! — correu veloz, trouxe cordas e dispôz-se a cumprir as ordens recebidas. Antes, porém, ajoelhando a distancia com toda a humil-

dade, ponderou que, encontrando-se o tigre tão proximo do augusto vulto do seu amo, elle, infimo escravo, jámais ousaria approximar-se; implorava, pois, que, de um gesto da sua nobre mão, affastasse um pouco o tigre para o lado, e então as suas ordens seriam pontualmente satisfeitas. Esta prova de respeito, onde levemente transparecia a deliciosa nota ironica, agradou ao *daimyô*, que se dignou sorrir, benevolente... e consentiu que o tigre alli ficasse...

O segundo exemplo é mais ingenuo, mas por certo não menos suggestivo. Quando um joven noviço do convento acabava de varrer escrupulosamente as trilhas do jardim, o bonzo superior mandou chamar outro joven noviço do convento, dando-lhe ordens terminantes para que varresse sem demora as trilhas do jardim. A creança empunhou logo a vassoura e dispôz-se a obedecer; mas notou de relance que o jardim fôra varrido n'aquella occasião, pois que nem uma flôr murcha nem uma folha morta maculava a rigorosa limpeza em que tudo se encontrava. Correu então aos troncos dos arbustos e das arvores, sacudiu-os com toda a energia dos seus bracitos delicados; e após, como muitas folhas cahissem e se espalhassem pelo chão, começou a varrer o jardim da bonzaria...

— Como prenuncio da proxima chegada, ao Japão, do cruzador *S. Gabriel*, começa — caso virgem — a agglomerar-se nos correios locaes e nas chancellarias dos diversos consulados portuguezes um grande numero de cartas, de bilhetes postaes, de impressos, vindos de Portugal e destinados á guarnição d'aquelle vaso de guerra portuguez.

Algumas das missivas téem-me passado pelas mãos;

devendo a esta circumstancia o ter travado conhecimento com os bilhetes postaes do genero amoroso, que eu não conhecia, garridamente illustrados com damas e cavalheiros em academicas posições de grande suggestão, acompanhados de versos sentidos, d'aquelles que no meu tempo constituiam a litteratura exclusiva da praça da Figueira.

Abundam nos pacotes de correspondencia, naturalmente, os endereços escriptos de mão trémula, indecisa, caracterisados pelas disformidades do cursivo e pelos erros de grammatica, dirigidos ao snr. cosinheiro *Fulano* ou ao snr. grumete *n.º tantos*.

Estava eu já de todo deshabituado d'esta caligraphia dos quasi analphabetos, dos ignorantes; pois, sabeis por certo, as pessoas que me escrevem primam todas pela alta cultura do seu espirito, pelo brilhantismo dos seus dotes. E, vai então, puz-me quasi a chorar, ao contemplar aquellas garatujas, traçadas pelas mãos do povo portuguez, — mãos dos paes, das mães, das esposas, das noivas, dos irmãos, dos filhos, dos amigos, — escrevendo aos marinheiros do *S. Gabriel*...

Em algumas cartas, li, com viva surpreza, a mysteriosa phrase — *Via Silveria*, — traçada no alto do endereço. *Via Silveria?* Quererá isto dizer *Via Siberia?* Ou trata-se de alguma dama affeiçoada aos marinheiros, uma *Silveria* qualquer, que se encarrega de expedir ao seu destino as cartas que aos seus carinhos se confiam? Seja como fôr, os endereços não deixavam nada a desejar, visto que as cartas cá chegaram. E viva a *Silveria!*

— Póde fazer-se uma ideia do movimento litterario do Japão pelos seguintes dados, de origem official.

Publicam-se actualmente no imperio 600 jornaes dia-

rios. Juntando-lhes os *magazines* e as informações das agencias noticiosas, o numero total das publicações periodicas monta a 2.800. A média diaria de livros novos está calculada em 100 por dia.

A população total do Japão é actualmente de cerca de cincoenta e meio milhões de individuos.

XXI

16 de julho de 1910

A viagem do *S. Gabriel* á roda do mundo; outros navios de guerra portuguezes; varios pormenores; o *S. Gabriel* em Yokohama; as demonstrações festivas em sua honra; um banquete japonez; os nossos officiaes em peugas e de joelhos em almofadas de sêda, fazendo honra ao jantar; a gentileza das *gheishas* para com os nossos officiaes; observaçõesinhas ligeiras dedicadas ás mamãs, ás esposas e ás namoradas.

O nosso cruzador *S. Gabriel,* proseguindo na sua esplendida viagem á roda do mundo, acaba de visitar, como é sabido, alguns portos do Japão.

Ainda recentemente, em principios do mez de maio, um outro nosso cruzador, o *Rainha D. Amelia,* vindo de Hong-Kong, tambem esteve no Japão. E ainda mais recentemente, ha apenas poucas semanas, o *Vasco da Gama* appareceu em Nagasaki, seguindo d'alli em cruzeiro para Dairen e Porto-Arthur.

A proposito das visitas, aos portos do Nippon, dos navios de guerra portuguezes, um jornal de Macau recordava, ha pouco, como taes visitas eram raras. Em 1870, accrescentava, esteve a *Sá de Bandeira* no Japão, em Yokohama e em Nagasaki, dando-se, por signal, n'este ultimo porto o triste incidente de um official do navio ser mordido por um insecto, do que falleceu, dias depois.

Em 1880, veio ao Japão a *Mandovy*. Em 1898, veio a *Diu*.

A noticia do jornal macaense é incompleta. As canhoneiras *Rio Lima* e *Tejo* visitaram este imperio, alguns annos depois da *Mandovy;* e em 1898 a canhoneira *Liberal* esteve em Kobe e em Nagasaki.

Depois da vinda da canhoneira *Liberal* é que se passaram doze annos sem que um só navio de guerra portuguez houvesse visitado este Japão; até que, finalmente, o *Rainha D. Amelia* fez a sua apparição nas aguas de Yokohama; seguiu-se-lhe, a curtos intervallos, o *S. Gabriel,* tambem em Yokohama, e o *Vasco da Gama* em Nagasaki. Affirma-se mais uma vez a boa logica de um velho dictado portuguez—não ha miseria que não dê em fartura:—antes assim.

Não devemos esperar que, de ora ávante, os nossos navios de guerra comecem sendo assiduos frequentadores dos portos do Japão; mas esperemos, ao menos, que as recentes visitas dos tres cruzadores que referi representem o inicio de uma attenção mais cuidada para este imperio, de que resulte vir de quando em quando visital-o algum dos vasos de guerra portuguezes, commissionados em Macau.

Portugal deve esta attenção ao imperio dos Mikados. Não se trata de sentimentalidades platonicas (não estamos no tempo d'ellas . . .), invocando os factos historicos que fizeram dos nossos navegantes os descobridores do Japão para o mundo occidental. Mas este imperio salienta-se tão notavelmente, no momento historico actual, são tão extraordinarias as caracteristicas dos aspectos do seu sólo e do seu povo, que conhecel-as de perto é um dever. Além d'isto, as visitas dos navios de guerra cimentam relações de estima, que se traduzem tambem em relações

de commercio, as quaes, mantidas, nos serão porventura proveitosas n'um futuro mais ou menos proximo.

Voltemos ao cruzador *S. Gabriel.* Chegou no dia 19 de junho a Yokohama, onde se demorou por mais de duas semanas, a fim de proceder a uma minuciosa limpeza das caldeiras. O commandante e os officiaes foram recebidos aqui e em Tôkyô com mui carinhoso acolhimento, sendo-lhes offerecidos banquetes pelo ministro da marinha, ministro portuguez, embaixador italiano e outros altos funccionarios.

O cruzador largou de Yokohama para Kobe a 4 d'este mez, chegando na tarde de 5 a este ultimo porto, havendo annunciado galhardamente a sua apparição, oito horas antes, por meio de um radiotelegramma.

Em Kobe demorou-se o *S. Gabriel* apenas cinco dias; mas — manda a verdade que se diga — foi alvo aqui das demonstrações mais jubilosas.

Na madrugada de 11, o cruzador largou para Kure e ilhas proximas, onde vai visitar o grande arsenal de Kure, a escola naval de Etajima e Miyajima, a formosa ilha sagrada. Depois seguirá para Negasaki, de onde dará o ultimo adeus ao Japão, seguindo para a China e outros portos de escala da sua magnifica derrota.

— Procurando dar uma ideia, muito rapida embora, das demonstrações festivas, tributadas em Kobe ao commandante e aos officiaes do cruzador *S. Gabriel,* mencionarei em primeiro logar que, no dia 7, houve uma recepção no consulado portuguez, sendo o commandante recebido ao som do hymno nacional, por um grande numero de subditos portuguezes, residentes em Kobe, incluindo algumas damas. Discursou-se, trocaram-se brindes affectuosos. Por esta occasião, tive eu ensejo de offe-

recer – modestissimo offerecimento – um bilhete postal, illustrado, a cada individuo da guarnição do cruzador, desde o commandante até ao ultimo grumete.

No dia 8 houve um banquete japonez, offerecido pelo consul a toda a officialidade do cruzador, com a comparencia de varios consules estrangeiros e de um grande numero de altos funccionarios japonezes de Kobe e de Osaka; trinta e nove convivas ao todo.

Tokiwa Kuwadan, o famoso restaurante, foi escolhido para o caso. O commandante e os officiaes, em bellos uniformes brancos, chegaram pela tarde, em massa, ao estabelecimento que citei, descalçando dos pés os sapatos com notavel arreganho, entrando em peugas – como de estylo – no vasto edificio, de pura architectura nipponica, e cujas esteiras, fofas como tapetes, deslumbravam pelo asseio.

Não lhes conto miudamente os detalhes d'esta festa, que teve o condão de enfeitiçar, pelo exotismo, os officiaes da nossa armada. Basta que lhes diga que, de joelhos, sobre almofadas de sêda, todos fizeram honra ao jantar, empunhando os pausinhos que substituem garfo e faca, saboreando o peixe crú, a sôpa de kagado e outras iguarias. O *saké,* o vinho indigena, era bebido com aprêço. Mais de vinte *gheishas,* as mais gentis de Kobe, acercavam-se dos officiaes, procuravam inicial-os nos usos japonezes, riam com elles; e os moços – ai, namoradas que penaes em Portugal! . . . – por algumas horas esqueceram o vosso dôce encanto, para só se deleitarem no convivio das exoticas companheiras do acaso. Exhibiram-se dansas do paiz; gemeram cordas de instrumentos; Uméyakko, a *gheisha* mais encantadora da cidade, representou uma scena deliciosa, *Kusá-gari,* o cortar da herva. Por ultimo, no fim da festa, o commandante

Pinto Basto foi erguido em apotheose, pairou no ar por alguns instantes, sustido por não sei quantas mãos graciosas de *musumés* . . . e não se zangou, posso affirmal-o.

No dia 10, a communidade portugueza de Kobe offereceu um jantar, o jantar de despedida, ao commandante e aos officiaes do cruzador. Este jantar foi combinado de um momento para o outro, quando um japonez aqui residente, o sr. Ilhawa, muito amigo de coisas portuguezas e conhecedor do nosso paiz, teve a ideia de formar uma associação luso-japoneza, com o fim de estreitar relações de amisade e de commercio entre Portugal e o Japão, e assim commemorar a vinda a Kobe do cruzador *S. Gabriel.*

O jantar foi excellente, reinando a mais carinhosa cordealidade; terminando por um concerto musical, de amadores, constituindo a nota predominante alguns trechos da nossa musica popular, tocada em guitarras e violas por seis marinheiros do cruzador; — melodia terna e chorosa, traduzindo, neste canto longinquo do mundo, a delicada sensibilidade da alma portugueza . . .

Resta vêr se a ideia da associação luso-japoneza vai por diante. Em todo o caso, fica mais uma vez demonstrado o excellente effeito, em coisas de ordem social, produzido pelas visitas dos navios de guerra a portos estranhos, onde se encontrem nucleos importantes de nacionaes da mesma bandeira.

Banzai, pelo cruzador *S. Gabriel!* . . .

— Por ultimo, umas observaçõesinhas ligeiras, especialmente dedicadas ás mamãs, ás esposas, ás namoradas.

A guarnição do cruzador *S. Gabriel,* incluindo o commandante, os officiaes, os sargentos e os marinheiros, apresenta actualmente um bello aspecto, caras alegres e

sadias, ligeiramente bronzeadas pelo sol e pelas brisas, e com um tiquesinho de petulancia, que lhes fica bem, natural em quem se sabe heroe de uma gloriosa empreza.

Consta que, pelos numerosos portos onde o navio tem ancorado, não teem faltado apotheoses, acompanhadas de sorrisos feiticeiros de mulheres. Aqui, n'este Japão, as *musumés* tambem acarinharam os nossos navegantes. Mas todas estas impressões esquecem, varrem-nas da mente as rajadas do Oceano; e elles voltarão jubilosamente á patria, fieis aos compromissos anteriores. Não haja mêdo!...

XXII

18 de agosto de 1910

A quadra canicular no Japão — O que mais entreteve a opinião publica nipponica nos ultimos tempos; a convenção russo-japoneza — Os boatos de annexação proxima da Coréa; as novas tarifas; o que o governo japonez quer — Eloquencia dos algarismos — Um artigo interessante do dr. Futaki; contraste entre os usos e costumes japonezes.

Vai já sendo um pouco tarde para apresentar n'este logar um resumo dos acontecimentos occorridos nas ultimas semanas, os quaes mais ou menos impressionaram a opinião publica e a imprensa, n'este paiz do Sol Nascente. Mas que querem os senhores? A quadra canicular, que atravessamos, amodorrou-me, tirou-me as forças para tudo, mesmo para rabiscar uma ligeira carta do Japão; e só agora cuido de cumprir o meu dever de chronista, a custo, todavia.

Ninguem imagina, ahi na Europa, o que é este calor em terras do Japão, em julho e agosto, sobretudo. Não é que o mercurio do thermometro se eleve mais, em regra, do que se eleva, pela mesma quadra, em muitos paizes do Occidente, por exemplo em Portugal. Mas é a humidade, que satura o ar, que torna penosissima a oppressão, que nos derrota, que nos paralysa as energias. Os japonezes encontram refrigerio nas suas casas frescas,

nos seus habitos simples, no seu kimono de algodão, unica veste que cobre, quando cobre, o corpo em lassidão; a nobre circumstancia de ser filho da Europa impõe, porém, requintes de vestuario, de usos sociaes, que transformam a existencia, no periodo que apontei, n'um verdadeiro supplicio.

Mas vamos ao assumpto. O que mais entreteve a opinião publica, nas ultimas semanas, resume-se no texto publicado da convenção russo-japoneza, nos boatos da annexação total da peninsula coreana e nos commentarios feitos ás novas tarifas aduaneiras do imperio, com execução no anno proximo. Os jornaes japonezes tambem prestaram attenção aos recentes acontecimentos na nossa colonia de Macau, quando as forças portuguezas tiveram de bater-se com uma horda de piratas; acontecimentos muito exaggerados pelo telegrapho, despidos felizmente das graves complicações politicas, que a muita gente pareciam imminentes. D'elles, os dois jornaes de Macau terão cabalmente dado conta aos leitores, em Portugal.

A convenção russo-japoneza, pelo que appareceu escripto, não passa de um laconico testemunho, entre as duas altas partes contratantes, visando a manterem amigavel cooperação no que respeita os seus interesses na Manchuria, pugnando pelo *statu quo* e pelos progressos ferro-viarios. A modesta fórma litteraria d'este accordo mal encobre, no entretanto, uma decidida acção de resistencia contra certas ambições occidentaes, umas europeias, outras, mais dignas de attenção, americanas. O Japão, que certamente provocou o accordo, encontra-se impellido, em face da politica mundial, a entrar em propositos amigaveis com os seus visinhos mais poderosos, de modo a poder proseguir nos seus intentos e ainda mais nos seus impulsos inconscientes, que tendem — de-

vemos conhecel-o — ao engrandecimento do Extremo-Oriente, da grande familia extremo-oriental, da raça asiatica, finalmente.

Quanto aos boatos da annexação proxima da Coréa pelo imperio japonez, parecem, com effeito, bem fundados. A Coréa, mercê das multiplices vicissitudes do seu povo, e das especialissimas condições geographicas do seu sólo, tem fatalmente de desapparecer como paiz independente, de transformar-se n'uma colonia japoneza. Fazem bem n'isto os japonezes? Elles o julgam. Devemos lamentar os coreanos? Certamente; a eliminação politica de uma nacionalidade é sempre um facto lamentavel, para os julgadores imparciaes. Todavia, devemos attender que a nação coreana, sujeita sempre ao jugo estranho, mais ou menos disfarçado, durante toda a sua longa existencia de muitos seculos, cahiu finalmente n'uma tão profunda decomposição, que lhe seria hoje impossivel governar-se por si propria; quando o Japão se desinteressasse d'ella, passaria logo ás mãos da China, ou da Russia, ou da Inglaterra, ou da Allemanha, ou de outro Estado poderoso. Seja, pois, do Japão.

O assumpto das novas tarifas aduaneiras do imperio, com uma feição mais proteccionista do que as actuaes, exigiria largo espaço para ser estudado com cuidado. Resumamos. Sabe-se que o Japão acaba de informar as varias potencias estrangeiras da sua intenção de cessar a execução dos tratados em vigor, negociando outros tratados para vigorarem no proximo anno, isto em harmonia com os accordos estabelecidos: e sabe-se que o principal motivo d'esta medida é a introducção de novas pautas alfandegarias, já approvadas no parlamento, decididamente proteccionistas da industria nacional. Os negociantes estrangeiros, residentes no Japão, incluindo a sua imprensa,

começaram clamando, naturalmente, contra esta resolução, encontrando amplo ecco no Occidente. Apregôam-se as vantagens do livre-cambio, ridicularizam-se as vistas retrogradas dos economistas japonezes, havendo em tudo isto, valha a verdade, menos espirito imparcial do que resentimento pelas perdas presumiveis de muitas firmas estrangeiras.

Ponhamos de parte theorias. O governo japonez quer dinheiro, e immediatamente; o que o obriga, entre outras medidas, a elevar os direitos de importação; e quer dinheiro, sobretudo, para poder desenvolver a sua marinha e o seu exercito. Encontramo-nos, pois, em face de um exemplo a mais do estupendo problema da paz armada, como elle é actualmente comprehendido. Não resta duvida de que esta febre de armamentos é uma tremenda calamidade, que está opprimindo o mundo inteiro, não se prevendo um termo conciliador a desgraça tão profunda. Mas, lembremo-nos de que, se o Japão, dando um exemplo de são criterio, resolvesse hoje limitar as suas forças defensivas, cahiam-lhe todos em cima, esmagavam-no de um gesto. Os japonezes são demasiadamente patriotas para satisfazerem por esta fórma as cobiças do Occidente.

Seguem alguns interessantes exemplos da eloquencia dos algarismos:

No dia 25 de julho ultimo, por occasião da grande festa annual de Osaka, em memoria de Tanjin-Sama, um notavel ministro de ha mil annos, venderam-se para consumo do povo, que transitava em multidão, 60:000 kins de gêlo, isto é, 36:000 kilos. Dá isto ideia do calor reinante.

Segundo estatisticas officiaes, o numero de *gheishas*

no imperio, em 1909, era de 45:618. Havia, pois, 45:618 raparigas, que viviam da arte dos seus sorrisos, dos seus encantos. O jornal d'onde copio a noticia accrescenta no mesmo artigo, irreverentemente para as *gheishas,* que, no mesmo anno, o numero de raparigas de uma classe bem mais infima na escala social era de 32:775; as criadas ao serviço das *chays* (casas de chá) eram 38:315; de sorte que, se os calculos não erram, 116:708 mulheres se empregavam na industria do prazer. Durante o anno visitaram as *chays,* 17:016:993 individuos, dispendendo o equivalente a 8:369 contos de réis.

Estes ultimos numeros são tristemente enternecedores. Nas mui recentes inundações, que molestaram o districto de Tôkyô e regiões visinhas, apontam-se já as seguintes fatalidades: 516 pessoas mortas, 86 injuriadas, 507 cujo destino se ignora, 132.055 casas inundadas, 1.671 casas demolidas, 2.101 casas levadas pela corrente, 418 pontes levadas pela corrente 534 escavações nas margens dos rios e 119 desmoronamentos de sólo. Junte-se a isto os estragos nos campos de cultura, e poderemos assim fazer uma vaga ideia das tristes condições em que agora se encontra uma parte da população do imperio japonez.

—O dr. Futaki publicou ha pouco um interessante artigo, sobre o contraste entre os usos e costumes japonezes e occidentaes, apparecido no jornal japonez *Chuô korôn,* do qual o *Japan Chronicle* offereceu um extenso extracto e eu vou aqui apresentar ligeiros traços.

O publicista citado attribue as divergencias de caracteristica dos povos que apontei ao facto dos seus antepassados terem seguido modos de vida differentes. Os japonezes, diz elle, com outras familias orientaes, des-

cendem de tribus agricolas, emquanto que os avós dos europeus viveram de cuidar de gados. Os povos que se votam á agricultura gradualmente adquirem o habito de uma residencia fixa, emquanto que os nomadas vagueiam de valle em valle. Os povos agricolas aprendem cedo a conhecer que, no primeiro anno de cultura, o trabalho é duro e a colheita magra; emquanto que, no segundo e terceiro annos, a producção é maior e a faina menos ardua, d'onde deriva a noção da estabilidade caseira e a do vantajoso concurso de todos os membros da familia. Povos nomadas, por outro lado, são compellidos a deslocarem-se de ponto para ponto, quando as pastagens minguam aos rebanhos; pai e filho reconhecem tambem a vantagem de escolherem prados distinctos para a industria a que se dão, dispersando-se assim a familia. Assim se evidencía a remota divergencia em usos e costumes de orientaes e occidentaes.

Descendo a detalhes, o dr. Futaki nota que os japonezes, em commum com outros povos do Oriente, usam de preferencia para os seus vestidos as fibras vegetaes, como o algodão e o linho (poderiamos ajuntar á lista a sêda, de origem animal, mas constituindo uma industria sedentaria); ao passo que os povos do Occidente preferem a lã e as pelliças. As longas mangas e os kimonos rojantes dos japonezes estão mais em harmonia com a existencia caseira; emquanto que a veste curta do europeu se presta mais ao trabalho energico, ás longas caminhadas. O japonez nutre-se especialmente de cereaes e de legumes, com o addicionamento de pouco peixe; o europeu farta-se em carnes, bebe leite de animaes domesticos, do qual, ainda ha pouco nenhum japonez fazia uso.

A casa nipponica, com os seus aposentos communs a

toda a gente, é tambem um indicio da existencia agricola; em quanto que os quartos isolados da habitação europeia, com serventia por um corredor, accusam mais a vida pastoral; até, no mobiliario, o docel dos leitos europeus recorda a pequena tenda nomada, sob que o occidental, pela noite, se abrigava.

O pastor arranca naturalmente dos pés, ao deitar-se sob a tenda, as suas grandes botas de caminheiro, permanecendo ainda o habito na familia occidental; o japonez descalça-se ao entrar em casa.

No Japão, paes e filhos vivem sob o mesmo tecto, votados a uma occupação unica; d'onde deriva um codigo de moral particular, baseado no respeito filial.

No Occidente, predomina a dispersão da familia; o respeito filial não alcança, conseguintemente, o mesmo grau de importancia ethica.

Um outro vestigio da differença fundamental em raciaes caracteristicas está no casamento.

No Oriente, onde o povo vive em communidades, todos os visinhos se conhecem; sendo os pais os mais competentes julgadores para escolherem noivas para seus filhos.

No Occidente, a dispersão impede que se faça um juizo prévio dos individuos; nascendo então a neceessidade do namoro, da *côrte,* cuidando noivo e noiva de directamente conhecerem-se, de estudarem-se muito tempo antes do casamento e quasi sem a interferencia de seus paes. No Occidente apenas as personagens reaes e de alta gerarchia offerecem, no casamento, um exemplo da vida commum; não se casando segundo o seu capricho, mas s im segundo as vistas da familia, como acontece para todos, no Japão.

Os differentes modos da existencia no Oriente e no

Occidente produziram tambem mentaes caracteristicas distinctas. A tranquilla occupação do agricultor levou-o a salientar-se em doutrinas ethicas e especulativas; emquanto que o pastor, atrevido por mister, se distingue pela sua educação positivista. Empenhado, a maior parte do tempo, em vencer as forças da natureza, o homem occidental avança muito em civilisação materialista e em sciencias applicadas.

Uma outra manifestação dos diversos modos de vida dos nossos respectivos avós, manifesta-se nos appellidos de familia. Como a grande maioria da gente, no antigo Nippon, se votava ao amanho da terra, não se poderiam distinguir os individuos pelas occupações que exerciam, mas sim pelos logares que occupavam; por isto os japonezes usam de appellidos, taes como: Oyama (a grande montanha), Togo (a aldeia de léste), Oki (a grande arvore), Ogawa (o grande rio), e muitos outros similhantes; emquanto que no Occidente, muitos dos appellidos derivam dos misteres. Dos misteres, diz o dr. Futaki; e eu ajuntarei que tambem das ferramentas do officio, das qualidades pessoaes, das caracteristicas physionomicas, etc.; aproveitando, com prazer, o ensejo de completar por esta fórma um ligeiro estudo sobre appellidos de familia, que apresentei n'uma das minhas ultimas correspondencias, como exemplos comprovativos da observação que fica exposta, cito alguns appellidos portuguezes: Caçador, Machado, Cunha, Prego, Lança, Pacifico, Calado, Branco, Preto, Bello, Gentil.

O dr. Futaki termina o seu artigo, digno, por certo, de ser meditado profundamente, julgando ser dever dos povos o adoptarem os meritos alheios, n'uma contínua permuta, tendente a melhorar as caracteristicas das civilisações existentes.

XXIII

20 de setembro de 1910

O desapparecimento de um imperio e a sua encorporação no Japão; os triumphos da diplomacia e das armas nipponicas; pormenores retrospectivos; considerações a proposito — Visita ao Japão do snr. Martinho Brederode, encarregado dos negocios portuguezes em Pekim; a sua entrada n'uma casa de Kobe e o seu acocoramento ahi, bem como a de outro portuguez; as lindas coisas que alli se viam; a jogatina innocente a que os dois nossos patricios se entregaram.

CONSUMOU-SE o acontecimento previsto. Um imperio (bem comica denominação, n'este caso), uma nação que se dizia independente (embora não o fosse), a Coréa, o paiz da Manhã Tranquilla, acaba de desapparecer da geographia politica dos povos, encorporando-se ao Japão, como uma das suas dependencias, como uma das suas colonias.

Factos d'esta ordem inspiram sempre tristeza ao observador imparcial. No entretanto e como aqui já por varias vezes se apontou, havia chegado o povo coreano a uma degenerescencia tão profunda, tão irremediavel, que a perda da sua independencia era phenomeno esperado, após a série de incidentes que o Extremo-Oriente tem offerecido ultimamente ao nosso exame.

Para o Japão, o acontecimento, pela subtilissima habilidade com que foi levado a effeito, representa um ver-

dadeiro triumpho diplomatico, digno da admiração do mundo inteiro. Representa tambem um verdadeiro triumpho de armas; pois, como é sabido, foi a intervenção da China nos assumptos coreanos que levou o Japão a declarar-lhe guerra, em 1894, como foi a intervenção da Russia nos mesmos assumptos coreanos que levou o Japão a declarar-lhe guerra, em 1904. Duas guerras que cobriram de fama e de gloria o imperio do Sol Nascente, encaminhando os factos até ao arrojado epilogo que agora presenceamos.

Desde épocas quasi fabulosas, germina no espirito japonez a ideia da conquista da Coréa; conquista tentada por vezes, mas sem resultados favoraveis; realizada apenas agora. Não admira. Do estreito de Shimonoseki, no sul do Japão, até á costa sul da peninsula coreana, ha apenas algumas dezenas de milhas a vencer. Separa os dois paizes apenas um estreito canal, que é a chave estrategica do mar chamado do Japão, como o estreito de Gibraltar, por exemplo, o é do mar Mediterraneo. O imperio japonez nunca poderia julgar-se perfeitamente tranquillo, emquanto não dominasse o paiz que lhe é fronteiro e tão proximo visinho; domina-o agora.

A conquista foi pacifica. A Coréa cahiu sem o mais leve indicio de violencia; mostrando-se tão fina a diplomacia japoneza, que foi o proprio imperador coreano quem propoz a cessão do seu imperio ao imperador do Japão; o imperador do Japão não fez mais do que acceitar.

Quanto ás potencias estrangeiras, acabam ellas de tomar conhecimento do facto, sem queixume. Preoccupava-as a principio, sem duvida, uma questão de dinheiro, isto é, a continuação ou cessação das actuaes pautas aduaneiras da Coréa; mas, visto que o Japão habilmente con-

sente em manter estas pautas, em beneficio de estranhos, pelo espaço de dez annos, todos se mostram quasi satisfeitos.

Pela annexação da Coréa, o imperio japonez augmenta consideravelmente, em população e em dimensões. A área total do sólo coreano é avaliada em cerca de 100:000 milhas quadradas, das quaes uma decima parte é apenas presentemente cultivada; área que corresponde a um pouco menos de metade da área total do Japão propriamente dito e da Formosa. A população da Coréa orça por 10 milhões de habitantes; devendo incluir-se uma pequena cifra de estrangeiros, contando-se 12:332 chinezes, 464 americanos (pela maior parte missionarios), 153 inglezes, 87 francezes, 33 allemães, 14 russos, 8 gregos, 7 italianos, 3 belgas, e 8 de outras nacionalidades, dos quaes, uns 2, se tanto, portuguezes.

Resta saber se o povo coreano acceitará tranquillamente o jugo estranho. Quem póde adivinhal-o? Não é licito aventurar, no momento presente, uma opinião qualquer sobre este assumpto. Provavelmente, os coreanos espalhados em outros paizes, na America e na Siberia, farão fallar de si por algum tempo, clamando contra o despotismo japonez. No seio da propria Coréa, exemplos de descontentamento,—suicidios e vinganças pessoaes,—hão-de dar-se, já se dão; mas o poderoso dominador saberá, com mão de ferro, fazer respeitar os seus dictames e evitar revoltas intestinas, que só trariam inconvenientes para os filhos da Coréa e para os filhos do Japão. Provavelmente, dentro de poucos annos, o povo coreano dotado de grandes energias physicas, mas afogado n'um mar de ignorancia e de miseria, terá subido em civilisação, em conforto e tambem em estima pela nação que lhe é tutora.

Para o pensador, porém, que crê no enorme movimento evolutivo da familia extremo-oriental e no estupendo problema asiatico que occupará as gentes do futuro, pouco importa conhecer se o Japão semeia odios, ou se semeia sympathias. O Japão accorda os asiaticos da sua modorra, por um ou por outro modo, impellindo-os a civilisarem-se, a engrandecerem-se, a pensarem nos seus direitos de homens perante a scena mundial; é o que basta saber.

N'isto se resume a missão que os destinos confiaram ao imperio japonez, abraçado n'um patriotismo racial, que a nossa alma dessorada de loiros do occidente mal póde conceber. Mas trema um dia a raça branca, que fez do dinheiro o seu idolo, do egoismo o seu crédo, arrastando-se, parece, para a mais desastrosa degenerescencia! . . .

— Encontra-se no Japão, ha alguns dias, o snr. Martinho Brederode, nosso muito distincto encarregado de negocios na côrte de Pekim. Diz-se que o illustre funccionario vem pedir ás famosas thermas de Ashinoyn alivios a um padecimento de gotta que o atormenta. No entretanto, n'estes tempos que correm, de mysteriosas complicações politicas, alastrando e agitando-se por todo o Extremo-Oriente, quem nos assegura que outra causa, uma alta questão diplomatica, por exemplo, a resolver, não seja o verdadeiro motivo da visita? . . .

O que mais póde induzir a acreditar-se n'esta ultima hypothese é o facto de ter sido visto, em Kobe, o snr. Martinho Brederode, entrando, pela noite, em uma casa japoneza, de apparencia sumptuosa; horas depois, n'um dos vastos aposentos interiores, o nosso encarregado de negocios achava-se acocorado sobre a esteira, em palmi-

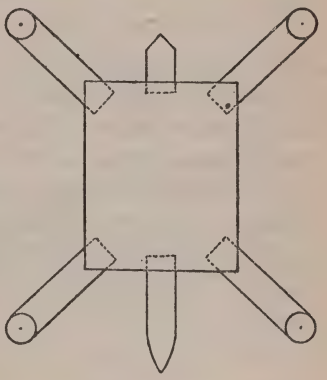
lhas de meias, conforme a etiqueta, de companhia com o consul portuguez n'aquelle porto e de numerosos individuos; todos fazendo roda, acocorados tambem, fixando os olhares attentos sobre uma folha de papel — carta geographica? repositorio de instrucções? — que se espalmava sobre a esteira... O caso, francamente, tinha apparencia de grave conferencia.

Estou auctorisado, meus senhores, a desmentir quaesquer boatos terroristas que possam correr sobre este assumpto.

A casa referida era o famoso restaurante *Tokiwa Kuwadan* (traduzi: canteiros de flôres eternas), o mais afamado restaurante da cidade de Kobe. Fixando detalhes, deparavam-se-nos pequeninas baixellas de charão e minusculas porcelanas, espalhadas pelo chão, contendo restos de *saké* (o vinho indigena), de peixe crú e de outras iguarias, fructos mordidos, indicando tudo que um modesto jantarinho á moda japoneza acabava de servir-se.

Além dos dois funccionarios portuguezes, os restantes companheiros do festim — reparai que todos do sexo feminino — eram duas criadinhas de serviço, uma *gheisha*, cuja guitarra, em que dedilhara, jazia a um lado, e duas *maiko* (dançarinas), estas ultimas, rapariguitas contando doze ou treze primaveras, chamavam-se por signal Kanoko-san (a menina Filha de Gazella) e Koyuki-san (a menina Pequenino Flocco de Neve). Ai, que deliciosas figurinhas embebidas de exotismo! e que delicia de gestos! e que delicia de sorrisos! e sobretudo que delicia de vestes — kimonos multicôres, cinturas rutilantes de setins, enfeites de cabellos, o diacho: — Saúdo as *musumés*, apparencias captivantes de enormes flôres polychromas, de uma flora nunca vista!...

Na folha de papel nada havia de escripto. Era uma simples folha em branco, de um papel sem gomma, ligeiro e flexivel, tendo collados quatro appendices, do mesmo papel, aos quatro angulos, a figurarem pernas, fixando-se pelos extremos a quatro moeditas de cobre; collava-se-lhe um outra appendice, que figurava o rabo; e por este modo o conjuncto apresentava o aspecto, embora imperfeitamente, de um kagado.



Cada um dos circumstantes munira-se de uma ventarola. A um tempo, agitavam-se as ventarolas, dôcemente, dôcemente. O kagado de papel, influenciado pela aragem, estremecia, estrebuchava, erguia-se nas pernas, balançava a cabeça, balançava o rabo, avançava, como se fosse coisa viva; dando então perfeita ideia, pelos gestos, pelos movimentos, pela marcha, do interessante reptil que nomeei; e servindo de exemplo frisante da maravilhosa habilidade caricatural d'esta gente japoneza, que de um nada, de um farrapo, de um pedaço de papel, de um gesto, tira proveito para attingir a suprema ironia, captivando as attenções.

As ventarolas continuavam a agitar-se, mais velozes, exhibindo cada um dos assistentes a sua destreza no mister; até que por fim o kagado de papel decidia-se por um lado, indo cahir sobre os joelhos de uma das pessoas que alli estavam. Essa pessoa perdia o jogo; uma outra traçava-lhe a dedo, na fronte, um signal ca-

balistico, humilhante, ao som de uma trovoada de risadinhas e na estupenda confusão das mãos que se agitavam em mimica, das longas tranças que ondulavam, das ventarolas que se partiam nos ultimos momentos da peleja! . . .

Os dois grandes funccionarios portuguezes que citei, um já com alguns cabellos brancos misturando-se aos seus cabellos loiros, outro ainda com alguns cabellos loiros misturando-se aos seus cabellos brancos, não conspiravam como se está vendo; bem pelo contrario, sob a influencia do meio, n'este paiz de graciosas puerilidades, juntavam-se ás *musumés*, riam innocentemente com ellas, defendiam-se dos assaltos de um kagado de papel! . . . Só o Japão é capaz de offerecer scenas d'esta ordem.

XXIV

18 de outubro de 1910

O inicio da administração nipponica na Coréa; considerações ligeiras — Uma historia triste de ha 700 annos; o sacrificio tragico de uma filha e esposa dedicada; assumpto que offerece motivo á arte e á poesia — Um mollusco singular; cavaco entre este, um pargo e uma tainha; triste desillusão do mollusco — O *jujutsu* e o seu equivalente *judô;* a historia de um dos primitivos mestres do *judô,* Shirabsi Akiyama; vê-se que o *jujutsu*, sendo uma arte japoneza, antes de tudo é uma arte da natureza.

NADA de importante se me offerece a registrar.

Os japonezes encetam a sua administração na peninsula coreana com mão de mestre, não constando que se tenham dado quaesquer disturbios, após a annexação. Assim continuarão as coisas, deve esperar-se.

Resta vêr se as novas condições em que se encontra o imperio concorrerão efficazmente para a sua felicidade.

Effectivamente, as responsabilidades do Japão, na vida mundial, cresceram muito agora. Até hoje paiz insular, defendido por uma fronteira natural, a maritima, a posse da Coréa dá-lhe uma fronteira continental, que multiplica naturalmente os cuidados e os deveres.

Cita-se com frequencia a similhança relativa do imperio japonez com o archipelago britannico, o qual, no

periodo distante em que cuidou de estender os seus dominios pelo continente fronteiro, não lhe sorriu a sorte.

Seja como fôr, devemos esperar que uma longa época de expansão e de desenvolvimento nacional está reservada ao imperio dos Mikados.

— A triste historia que vou contar passou-se na cidade de Kyôto, ha cerca de 700 annos.

Um *samurai,* Endô Moritô, enamorou-se de sua prima Kesa Gozen, uma das mais célebres bellezas de Kyôto, casada com um outro *samurai,* Minamoto Wataru.

O casal vivia uma existencia venturosa e Kesa Gozen era honestissima. Resistiu ella quanto pôde ás criminosas insistencias do parente; até que este, porfiando em perfidia, declarou que lhe assassinaria a mãe, se Kesa Gozen continuasse a desprezal-o.

Ora, a pobre rapariga bem sabia, por conhecer os impetos de caracter de que Endô Moritô era capaz, que á ameaça succederia em breve o crime. Que fazer? O amor filial, que tanto impera na sentimentalidade japoneza, impunha-lhe uma resolução immediata e toda a especie de sacrificio. Chamou então Endô Maritô e disse-lhe que seria sua, mas com a condição de que elle a desembaraçaria do marido. Assim foi combinado e escolhida a noite em que, substituindo um crime por outro crime, uma victima por outra victima, Endô Moritô ia realisar os seus anhelos.

N'aquella noite, o perverso *samurai* dirigiu-se a casa de Wataru, penetrou facilmente nos aposentos interiores e, ás apalpadelas, alcançou o sitio onde sabia que o marido descuidado se achava repousando. Alguns minutos decorridos, em gestos cautelosos, as mãos do intruso alcançaram a cabeça adormecida; não havia um instante

á perder; agarrou-a com ancia, ergueu o sabre nú, decepando-a, de um golpe, do corpo, que estremeceu apenas...

E, agora, o assassino cuida lepido de fugir d'aquelle sitio, sobraçando o triste trophéu da sua audacia, jubilando da façanha; e eil-o correndo, pelas ruas solitarias da cidade, até alcançar poiso seguro...

Rompia então a lua no horisonte. Endô Moritô pára um instante. Por um requinte de maldade, acode-lhe a lembrança de contemplar alli, á luz do luar, as feições contrahidas d'aquelle a quem roubára a esposa, a quem roubára a vida. Malvado, deshumano!... Mas recebia logo o tremendo castigo do seu feito:—a cabeça ensanguentada não era a do *samurai* Minamotu Wataru, mas sim de sua esposa, da bella Kesa Gozen!...—Esta, fixando a noite para o attentado, tivera a precaução de offerecer ao marido, horas antes, sob qualquer pretexto, um banquetesinho intimo; o marido abusára do vinho e quedára-se para alli adormecido, estirado junto das porcelanas, com restos de comida e das garrafas esvasiadas; indo Kesa Gozen substituil-o na cama e substituil-o na morte, sacrificando assim a propria vida pela vida da mãe e pela vida do esposo e salvando do opprobrio o nome da familia...

Endô Moritô tambem soffreu, então; soffreu a dôr cruciante das grandes catastrophes, sem remedio, ferido na sua paixão desordenada. Louco de pena e de remorso correu a casa de Wataru, confessou-lhe tudo, offereceu-lhe a cabeça da victima, supplicando a immediata punição do seu horrivel crime, implorando que o matasse. Punição? Wataru não comprehendia tal desforço, em tão angustiosa conjunctura. Matar, para quê? Que lucrava em punir? A elle, que adorava a esposa, perdida

agora, só acudia o expediente de recolher-se sem demora a qualquer convento do paiz, votando-se inteiramente á prece, votando-se inteiramente ao culto fervoroso do Buddhismo, que ensina que as almas dos mortos renascem n'outros corpos, para continuarem amando-se como em existencias anteriores. Fez-se bonzo. Endô Moritô fez-se bonzo tambem, tomando o nome de Mongaku-Shônin, conhecido na historia do Japão pelas influencias politicas que exerceu.

Quanto a Kesa Gozen, o seu nome ficou perpetuado na alma sensivel do povo japonez, como exemplo enternecedor de filha dedicada, de esposa dedicada. Ainda hoje se invoca com ternura. O assumpto ainda offerece motivo á arte, á poesia. E não raras vezes, pelas noites calmosas, quando as cantadoras ambulantes vagueiam pelas ruas, descantando e pedindo sapecas á turba, que faz roda, solta-se-lhes da voz dolente o nome de Kesa Gozen, ao passo que o *shamisen*, a guitarra indigena, soluça o acompanhamento em notas doloridas...

—A alta confiança nos meritos de si proprio acarreta, por vezes, á gente—e até aos brutos—desillusões pungentes. Este conceito, facilmente comprehensivel para todos, póde aqui exemplificar-se por uma interessante historieta.

Ha uns molluscos no Japão, comestiveis, notaveis pela espessa concha que os reveste, pelo forte operculo que possuem. O operculo, como se sabe, é, como quem diz, uma porta, ou uma tampa, a qual, quando o bicho se encontra recolhido, fecha hermeticamente a unica abertura vulneravel. Ora, se estas creaturas desconfiam de algum perigo, cuidam logo de encolher-se, fecham a porta sem demora; e, assim, incommunicaveis e ao abrigo da

couraça, consideram-se salvas de qualquer calamidade eventual.

Acontece que um pargo e uma tainha, exaltando tão proficuo systema de defeza, disséram a um individuo da especie de molluscos a que me venho referindo:

— Que invencivel castello é o seu, senhor mollusco!... Quando vossa senhoria se recolhe e fecha a porta, ninguem póde sequer tocar-lhe com um dedo...

Ouvindo estas palavras, o mollusco replicou, lembrando-se do orgulho:

— Com effeito, meus amigos, posso assegurar-lhes sem basofia que, dentro da minha casca e aferrolhando-me, poucos receios me atormentam.

Ainda mal não tinha acabado de fallar, eis que um inaudito reboliço agitou a agua em torno. O patusco coseu-se logo contra a concha e fechou a sua porta, divagando-lhe após o pensamento em conjecturas. Que seria? que não seria? Acudiram-lhe receios benevolentes, altruistas, com respeito ao pargo e á tainha, pobres desprotegidos, sem meios de defeza contra as calamidades casuaes. Horas depois, como reinasse tranquillidade em torno, entreabriu um pouco o seu operculo, deitou prudentemente metade da cabeça para fóra e espreitou com um olho só; e viu então, com grande pasmo, que se achava collocado sobre a mesa de uma venda de peixe, em pleno mercado, tendo junto de si o seguinte letreiro: — *Seis sapecas.*

— Até ha poucos annos, o antigo termo japonez *jujutsu* e o seu equivalente *judô* eram desconhecidos por completo no Occidente. Hoje, não acontece assim; não só os dois termos são bem conhecidos nos grandes centros europeus e americanos, mas até o que elles repre-

sentam, isto é, uma arte de lucta, defensiva e offensiva, praticada no Japão, encontra nos mesmos centros quem a estude.

Já n'este logar, ha algum tempo, fiz referencias ao *jujutsu*. Não volto ao assumpto. Relembro-o agora, apenas para citar o que se conta de Shirabei Akiyama, de Nagasaki, um dos primitivos mestres de *judô*.

Desgostoso dos poucos progressos que a sua arte ia fazendo, Shirabei Akiyama decidiu recolher-se ao templo de Temmangû, durante um periodo de 100 dias, no intuito de implorar a protecção os deuses.

Quando em meditação, succedeu que uma grande nevada cahiu cerca do seu poiso; os ramos das arvores, ainda os mais robustos, partiam ao peso da neve accumulada; só resistiam os debeis ramos dos salgueiros, dos chorões, cedendo ao peso, curvando-se, mas sem soffrerem damno algum.

Os deuses apiedavam-se do artista, offerecendo a seus olhos um grande exemplo das resistencias naturaes; impressionado com o phenomeno e applicando o principio á sua arte, poude notavelmente melhoral-a.

Effectivamente, o *jujutsu* é a arte de defeza e de ataque do fraco, do desarmado, contra o forte, contra o poderoso. O fraco inclina-se, curva-se ao peso do forte; mas sabe fugir-lhe das mãos, como a eiroz sabe escapar-se das mãos sofregas que a apertam, como o tronco de salgueiro se escapa da neve que lhe pesa; e é o inimigo que se estatela e se desfaz... Tambem a vespa, a abelha, pela ferroada, luctam vantajosamente com o homem. E não é o corpo humano constantemente flagellado por uma legião de infimos sêres, que vivem do seu sangue?... O *jujutsu* é uma arte japoneza, mas é, antes de tudo e principalmente, uma arte da natureza.

E notemos o seguinte facto caracteristico: — emquanto que a brutalidade occidental inventa a espingarda, a pistola, o revólver, como instrumentos de ataque e de defeza, a graciosidade nipponica inventa o methodo de derrubar o inimigo a fazer-lhe cócegas, inutilisando-o depois com um belliscão; — artistas sempre, estes sujeitos, mesmo na sua crueldade!...

XXV

7 de novembro de 1910

A proposito da morte do rei de Siam; as suas coisas sumptuosas; o seu reino — O «kaori» de uma visinha; referencia sobre um grande artista japonez canhoto; a sua curiosa historia — O canto do gallo; divagações sentimentaes a seu respeito.

Os jornaes japonezes annunciavam, ha pouco, a morte do rei de Siam, S. M. Somdetch Phra Paramindra Maha Chulalonkorn.

Soberano relativamente feliz, o rei Chulalonkorn falleceu com 57 annos de idade, de um ataque de uremia e após poucos dias de soffrimento, na sua capital de Bangkok, rodeado de sua familia, dos intimos e da côrte. Passando por ser o mais bello homem do seu reino, intelligente, illustrado, o rei Chulalonkorn era conhecido e estimado em varios Estados europeus, incluindo o nosso, os quaes por varias vezes visitára.

Vai longe o tempo em que os caprichos da bohemia da vida me levaram á cidade de Bangkok, onde permaneci por alguns dias. Não vi o soberano, estava ausente, viajando. Mas visitei o seu sumptuoso palacio, os seus bellos jardins; lembro-me de que, sobre o taboleiro de relva de um parque, brincava então um grupo de creancinhas, que eram os principes e as princezas reaes, sendo

provavelmente um d'elles quem, herdando a corôa, é hoje o monarcha de Siam.

Visitei tambem os famosos templos buddhistas; vi passarem, em lento passeio, os elephantes brancos, sagrados. Recordo-me dos aspectos geraes da paizagem, ornamentada de farta vegetação, que a alta temperatura reinante e a humidade conservam sempre em viço; recordo-me do enxame humano, ambreado, em grupos indolentes pelas ruas, e da estranha vida que se alastra sobre o rio, que tem o bonito nome de Menan (A Mãe das Aguas).

O reino de Siam conta uma população mesclada (nativos proprios, malaios, chinezes, annamitas, burmezes, etc.) de cerca de 6.300:000 habitantes, sem incluir protectorados. O paiz é rico em minas, o sólo é fertilissimo, reclamando pouco amanho; entre outros productos, abunda o arroz, que n'uma certa região, diz-se, nasce espontaneo. O nativo é indolente; nos grandes centros, é a actividade commercial do chinez que sobresahe.

O estudo comparativo entre Siam e o Japão offerece curioso ensinamento. O povo siamez foi bravo, guerreiro, activo, emprehendedor. Dos seus feitos, das guerras que provocou, da expansão a que se deu, resam largamente os chronistas portuguezes, por exemplo Mendes Pinto.

No entretanto, a expansão europeia levou os occidentaes a approximarem-se das fronteiras siamezas, creando interesses proprios nas regiões visinhas. Outros mesmo, abordando as costas e encontrando uma população amavel, assentaram arraiaes no seio do reino de Siam, occupando alguns postos importantes na administração do Estado. Como consequencia natural, a população indigena foi diminuindo de energias. Já hoje não pensa em

conquistas. Cuida apenas de defender o seu territorio das cobiças franceza e ingleza; o que mal consegue, pois de convenção em convenção, de tratado em tratado, sente a cada passo que lhe arrancam um pedaço do seu sôlo.

Para a integridade territorial e completa independencia do imperio do Japão entrou, como primeiro factor, uma circumstancia natural, a sua constituição insular, em que a fronteira é o oceano. Mas tambem figuraram preponderantemente a arrogancia de caracter do povo, o alto orgulho nacional, as multiplices caracteristicas de repulsão, emfim, que os europeus notam nos japonezes e que se aprazem em apregoar como defeitos. Effectivamente, comparando a apathia siameza com a petulancia japoneza, que differença!... Mas abençoada petulancia, que conserva, atravez dos seculos, intacto um imperio.

Offerecem, pois, interessante comparação as condições politicas e de prosperidade dos dois paizes quasi visinhos, o Siam e o Japão, salientando-se como causas dominantes das differenças observadas, a diversa estructura das suas fronteiras e a diversa indole dos seus povos.

— Uma visinha minha mostrava-me, ha dias, o seu *haori* novo, chegado da costureira, indiscutivelmente gentil.

Haori é uma veste, mais larga e mais curta do que o *kimono,* a qual se usa, no inverno, por cima d'este; poderiamos chamar-lhe um sobretudo.

O *haori* da minha visinha é de crépe de sêda preta, com os seus brazões de familia (no Japão toda a gente tem e usa brazões) tecidos sobre as mangas, sobre o peito e sobre as costas; forrado de finissima sêda branca, onde se estampa, a vivas côres, como de estylo, uma scena da legenda japoneza.

A scena estampada no forro do *haori* da minha visinha representa o famoso esculptor em madeira Hidari Jingorô (Hidari quer dizer — esquerdo, canhoto —), no momento de estremecer de espanto, ao vêr animar-se á vida uma figura de mulher que elle acabara de esculpir.

E, vai então, veio-me á ideia offerecer aqui, aos meus leitores, algumas referencias sobre este grande artista japonez.

Hidari Jingorô nasceu no anno de 1594 e falleceu em 1634; curta vida, mas aproveitou-a bem. Começou como simples carpinteiro, entregando-se por desfastio a esculpir a madeira, no que se tornou eximio. Muitos dos seus primores ainda hoje se encontram patentes á nossa admiração; taes, entre outros, o esplendido portal de entrada do templo de Nishi Honganji, em Kyôto, e diversos ornamentos da capela mortuaria do Shogun Ieyasu, em Nikko, incluindo a esculptura do gato adormecido, bem conhecida de todos os *touristes* que visitam o logar.

O povo japonez engrinaldou de lendas a carreira gloriosa de Hidari Jingorô. Tratando-se de arte, procede sempre assim. Este povo professa principalmente, como expansão do sentimento, o mysticismo artistico e o mysticismo patriotico; isto em contraste com outros povos, por exemplo os occidentaes, cujo mysticismo se accusa particularmente religioso ou amoroso. N'este facto, reside um grande ensinamento sobre os destinos mundiaes dos povos.

Mas, voltando a Hidari, convém saber que um cavallo, que elle gravou sobre um pedaço de madeira para servir de ex-voto, tão perfeito era de estructura que, pela noite, se animava, destacando-se da tábua e indo roer a herva pelos campos.

Certo dia, Hidari encontrou na rua uma formosa ra-

pariga, pela qual se apaixonou. Voltando a casa, teve a lembrança de reproduzir em madeira o vulto e as feições da sua bella; e tão bem se sahiu do intento, que a estatua se animou ao ser concluida e passou a viver como qualquer pessoa. Os dois — artista e estatua — gozaram, juntos, longos annos de ventura.

Mais consta que, por aquelles tempos de renhidas luctas partidarias, um *daimyô* (senhor feudal), vencedor, exigiu, não sei porque motivo, a cabeça da filha do *daimyô* a cujo serviço Hidari se achava. Este, sem excitação, decepou a cabeça do seu idolo e offereceu-a ao inimigo; salvando assim, com o estratagema, a vida da donzella.

E tão perfeito foi o estratagema, que um proprio irmão de armas, presente ao acto e tomando-o a sério, desembainhou o sabre e cortou a mão direita do esculptor. Este, ficando maneta, continuou a trabalhar na sua arte com a mão que lhe restava, a esquerda; e foi de então que começou a ser chamado pelo nome de Hidari — Esquerdo, Canhoto — que sempre lhe ficou.

— Perguntaram-me ha dias, em cavaco de amigos, qual era a coisa que, n'este paiz exotico, mais me acordava no espirito as recordações da patria. Respondi que o canto do gallo.

Isto requer explicações, claramente. O assumpto, confesso, não vem muito de molde para aqui. Salva-me acaso do ridiculo a declaração prévia que fiz, ha alguns annos, ao encetar estas correspondencias, annunciando então que ellas seriam principalmente trechos de palestra, apontamentos soltos de exilado, escriptos ao capricho da inspiração bohemia que os dictava. Prosigo, pois, pedindo desculpa, a quem me lêr, d'este capitulosinho intimo, pessoal.

Com effeito, paizagem, povo, aspectos sociaes, os multiplices incidentes da vida, tudo, em regra, é tão differente aqui, n'este meio nipponico, do que o que se passa no mundo occidental, por exemplo no meu patrio cantinho portuguez, que os estimulos de invocação são necessariamente escassos; vive-se aqui, por assim dizer, n'um outro planeta, arredado das coisas da terra.

No entretanto, um episodio corriqueiro da vida japoneza, o canto do gallo, traz-me a recordação da propria meninice, passada no sólo patrio; traz-me tambem a recordação de um longo periodo de existencia vagabunda, decorrida em diversos poisos africanos e a bordo dos navios.

Ora, o gallo e a gallinha, no Japão, pouco differem dos typos da especie mais conhecidos no Occidente e em todo o mundo; concedo apenas que sejam menos gordos e menos saborosos sobre o prato... E o seu canto, que em tempos lendarios serviu, parece, de primeiro relogio nipponico, guardando-se os gallos nos templos para indicarem aos sacerdotes a hora da alvorada, o seu canto em tudo se assimilha ao canto dos gallos de outras terras.

Encontro-me por aqui, em Yokoama, ou em Kobe, ou em Kyôto, ou em algum recesso do Japão rural. Quando, aos primeiros alvores da manhã, resoa, repinicado e estridulo, o grito do grande madrugador das capoeiras, para logo lhe responder o grito de outro gallo mais distante, e logo outro, e logo outro, n'essa hora dôce e mystica em que a nossa sensibilidade particularmente se emociona, é a lembrança dos gallos da minha terra e das manhãs da minha terra que véem occupar-me o pensamento. Lembro-me tambem das viagens; porque, a bordo dos navios, em pleno Oceano, sobre a immensa mono-

tonia das vagas, tambem pela madrugada o gallo canta, enternecendo-nos o seu grito. Lembro-me tambem dos quadrosinhos, que tantas vezes contemplei, rudes, seductores todavia, da paizagem africana; porque, cerca da palhota do negro, tambem o gallo, companheiro do homem em todas as latitudes, entôa o hymno da aurora.

Concordareis commigo que o canto do gallo synthetisa a ideia de uma existencia sedentaria, de paz, passada sob o tecto familial, onde se agrupam todos os pequeninos accessorios, todos os pequeninos confortos da felicidade burgueza; synthetisa o despertar honesto da vida quotidiana, o inicio do trabalho rotineiro de cada dia, na serena uniformidade das locubrações dos simples, apenas tnterrompidas por algumas horas de somno e de repouso. Por isto eu, quando ouço o canto do gallo nipponico annunciar á população amadorrada que o sol não tardará em vir alumiar a terra, estremeço de melancholica commoção, desenrolando-se-me em summula, em frente dos olhos d'alma, o longo quadro dos annos já vividos...

FIM DO 2.º VOLUME

INDICE

I

5 DE JANEIRO DE 1909

Referencia á propaganda pacifista e á febre dos armamentos; considerações sobre o assumpto — A pintura japoneza; suas feições caracteristicas; as outras artes e, em especial, a poesia; o «haikai»; divagação sobre este — Relatorio de um addido commercial inglez, em que se falla de Macau; decadencia do trafico d'essa nossa possessão — Ponto final; o anno velho e o anno novo 5

II

30 DE JANEIRO DE 1909

O problema da China; considerações sobre esta questão — A proposito da China e dos estrangeiros; o consul inglez em Yokohama; transcripção de um paragrapho que convém tornar publico — O que se passa na California; furor anti-japonez — Considerações suggestionadas pela historia de um par de ratos; conta-se essa historia..... 14

III

16 DE FEVEREIRO DE 1909

A questão anti-japoneza na America; alguns commentarios ácerca do assumpto — Conferencia sobre o opio; informações varias; falla-se a proposito de Macau — Um artigo interessante sobre os jardins das cidades; divagações suggeridas por esse artigo — Curiosas manifestações da existencia de um centro populoso..... 23

IV

2 DE MARÇO DE 1909

Um artigo de Sven Hedin; phenomeno psychologico interessante; divagação sobre o mesmo; trechos captivantes do alludido artigo — Incendio sobre as aguas do rio de Cantão; revelações curiosas a proposito d'essa catastrophe; mil victimas pela brutalidade da policia — A conferencia do opio... 33

V

21 DE ABRIL DE 1909

Visitas régias que se annunciam ao Japão; o alcance d'estas visitas — O «shinjû»; ultimos casos que se déram — Vantagens de ser velho; falsificações da arte antiga; varias considerações sobre o assumpto — Uma noticia a proposito das colonias portuguezas..... 44

VI

4 DE MAIO DE 1909

Os direitos da mulher japoneza, artigo publicado n'uma revista; alguns reparos a esse artigo sob a condição da japoneza; o casamento, o divorcio — Um tratado entre a Inglaterra e o Sião: a evolução da Asia emancipando-se pouco a pouco..... 53

VII

11 DE JUNHO DE 1909

Palavras de Roland de Marés; cita-se a proposito um problema curioso — Vocabulo japonez que se aprende depressa e a sua significação — Por se fallar d'esta, respiga-se outra palavra do Nippon; uma observação de passagem — O homem de guerra japonez do feudalismo; uma narração a respeito do assumpto..... 62

VIII

10 DE SETEMBRO DE 1909

O grande incendio de Osaka; pormenores emocionantes — Outra catastrophe; o terramoto no Japão central; seus deploraveis effeitos; disposição do territorio nipponico para os flagellos sismicos — Trovoadas frequentes; pedido aos deuses do Japão e satisfação d'esse pedido — A «nevrose canicular» — Boa colheita de arroz; o que a proposito d'este diz um europeu que viaja..... 68

IX

1 DE OUTUBRO DE 1909

Referencia de um militarista chinez sobre o exercito do Japão; presumpções ácerca de Porto-Arthur; investigações historicas, em que se recordam antigos e sombrios successos — Uma noticia commovente colhida da vida intima do povo nipponico..... 76

X

18 DE OUTUBRO DE 1909

Inauguração da ultima secção da linha ferro-viaria de Himeji a Kinosaki, passeio através do Japão; pontos principaes d'esse percurso; Kinosaki, os seus estabelecimen-

tos thermaes, bellezas naturaes; Tsuyama, resto da excursão; o deslumbramento que essa aldeia offerece com o seu sólo, as suas casas primitivas, a sua população, as suas lulas..... 86

XI

29 DE OUTUBRO DE 1909

Uma nova catastrophe no Japão, talvez a maior: o assassinato do principe Ito; o seu proeminente papel no imperio nipponico; algumas palavras com respeito ao assassino — O velho Yamazaki; o primeiro anniversario da sua morte; a pompa da commemoração do mesmo; os cuidados que se prestam aos mortos no Japão — A plena florescencia dos chrysanthemos e a faina da sua colheita. 93

XII

22 DE NOVEMBRO DE 1909

Ainda o assassinato do conde Ito; o seu funeral; considerações a proposito — O coreano assassino d'aquelle principe; a explicação do crime; divagação historica — Na côrte imperial do Japão; o seu gentil concurso do comêço de cada anno..... 101

XIII

1 DE JANEIRO DE 1910

O anno de 1909; divagações a proposito do mesmo — A industria dos bilhetes postaes; a sua influencia para o desenvolvimento do gosto artistico em todas as camadas sociaes; a mania dos postaes no Japão — O despertar da China; algumas considerações a esse respeito..... 110

XIV

24 DE JANEIRO DE 1910

A proposta para neutralisação ferro-viaria da Manchuria; recordação de factos; a moralidade do facto — Impressões

do anno novo no Japão; preparativos e festas para a sua recepção; os symbolos da longevidade; varios usos dos nipponicos 118

XV

4 DE FEVEREIRO DE 1910

O general Noghi; perito na guerra e distincto na arte da poesia — Divagações sobre a poesia japoneza..... 123

XVI

2 DE MARÇO DE 1910

Proposta que passou á historia; a antipathia dos americanos para os japonezes; annuncios de guerra; a preoccupação japoneza sobre a defeza do paiz — O assassino do principe Ito — A invasão do Thibet pelos chinezes — A' roda do *hibachí;* o que este vem a ser; divagação curiosa — O cruzador *S. Gabriel;* a proposito de alguns dados sobre os subditos portuguezes residentes no Japão..... 131

XVII

18 DE MARÇO DE 1910

O actor Kawakami; a demolição da arte scenica japoneza; uma lenda interessante — O salteador mais famoso do Japão; os seus crimes; a poesia que elle proferiu á hora da morte — A crença no Japão de que os mortos não morrem; as variadas surprezas que d'ahi resultam; correspondencias curiosas..... 139

XVIII

20 DE ABRIL DE 1910

O enforcamento do assassino do principe Ito — Excursionistas americanos; considerações a este respeito — Kioto e

Osaka; historia picaresca de duas rãs; illação tirada d'esta historia — As agglomerações de povo no Occidente; 100:000 excursionistas a contemplarem as flôres das cerejeiras 146

XIX

14 de maio de 1910

Os nomes proprios dos japonezes; minucias interessantes sobre este assumpto; citação de appellidos igualmente japonezes; a proposito, falla-se nos appelidos do Occidente. — Os actos de coragem e heroismo dos nipponicos; divagações a tal respeito. — O cruzador *Rainha D. Amelia* em Yokohama..... 153

XX

4 de junho de 1910

O medo ao cometa de Halley não exclue as preoccupações interesseiras — Aphorismo japonez e sentimentalidade nipponica — A correspondencia dirigida aos tripulantes do cruzador *S. Gabriel;* curiosidade que offerecem os respectivos endereços — Movimento litterario do Japão..... 162

XXI

16 de julho de 1910

A viagem do *S. Gabriel* á roda do mundo; outros navios de guerra portuguezes; varios pormenores; o *S. Gabriel* em Yokohama; as demonstrações festivas em sua honra; um banquete japonez; os nossos officiaes em peugas e de joelhos em almofadas de sêda, fazendo honra ao jantar; a gentileza das *ghéishas* para com os nossos officiaes; observaçõesinhas ligeiras dedicadas ás mamãs, ás esposas e ás namoradas..... 168

XXII

18 de agosto de 1910

A quadra canicular no Japão — O que mais entreteve a opinião publica nipponica nos ultimos tempos; a convenção russo-japoneza — Os boatos de annexação proxima da Coréa; as novas tarifas; o que o governo japonez quer — Eloquencia dos algarismos — Um artigo interessante do dr. Futaki; contraste entre os usos e costumes japonezes. 174

XXIII

20 de setembro de 1910

O desapparecimento de um imperio e a sua encorporação no Japão; os triumphos da diplomacia e das armas nipponicas; pormenores retrospectivos; considerações a proposito — Visita ao Japão do snr. Martinho Brederode, encarregado dos negocios portuguezes em Pekim; a sua entrada n'uma casa de Kobe e o seu acocoramento ahi, bem como o de outro portuguez; as lindas coisas que alli se viam; a jogatina innocente a que os dois nossos patricios se entregaram..... 182

XXIV

18 de outubro de 1910

O inicio da administração nipponica na Coréa; considerações ligeiras — Uma historia triste de ha 700 annos; o sacrificio tragico de uma filha e esposa dedicada; assumpto que offerece motivo á arte e á poesia — Um mollusco singular; cavaco entre este, um pargo e uma tainha; triste desillusão do mollusco — O *jujutsu* e o seu equivalente *judô;* a historia de um dos primitivos mestres do *judô,* Shirabsi Akiyama; vê-se que o *jujutsu,* sendo uma arte japoneza, antes de tudo é uma arte da natureza..... 189

XXV

7 DE NOVEMBRO DE 1907

A proposito da morte do rei de Siam; as suas coisas sumptuosas; o seu reino — O «kaori» de uma visinha; referencia sobre um grande artista japonez canhoto; a sua curiosa historia — O canto do gallo; divagações sentimentaes a seu respeito 196

PORTUGAL-BRASIL

SOCIEDADE EDITORA

Rua da Condessa, 80—LISBOA

AFFONSO LOPES VIEIRA

O Romance de Amadis (2.ª ed.) 15$00
País Lilás, desterro azul..... 7$00
Diana ..... 10$00
Auto da barca do inferno.... 4$00
Bartholomeu Marinheiro .... 10$00
Canto (O) coral..... 2$00
Gil Vicente ..... 4$00
Versos..... 15$00
Povo (O) e os poetas portugueses..... 3$00

CARLOS MALHEIRO DIAS

A esperança e a morte (2.ª ed.) 8$00
A Verdade Nua (2.ª ed.)..... 9$00
Carta aos Estudantes..... 2$00
Exortação á Mocidade..... 8$00
O «Piedoso» e o «Desejado».. 8$00
Paixão de Maria do Céu (2.ª ed.) 10$00

EDUARDO SCHWALBACH

A Historia da Carochinha... 4$00

H. LOPES DE MENDONÇA

Sangue Português (3.ª ed.)... 8$00
Gente Namorada (2.ª ed.).... 8$00
Lanças n'Africa (2.ª ed.)..... 8$00
Capa e espada (2.ª ed.) ..... 8$00
Fumos da Índia (2.ª ed.)..... 8$00
Santos de casa..... 8$00
Almas penadas..... 8$00
Argueiros e cavaleiros..... 8$00
O Crime de Arronches (teatro) 4$00
Vasco da Gama na Historia Universal..... 2$00
Epopeia de hoje..... 2$00
Lux perpetua..... 3$00
Orphãos de Calecut..... 15$00
Trovas de Portugal..... 1$00
A Morta (2.ª ed.) (teatro).... 8$00

JOÃO DE DEUS

Campo de Flores, 2 vols..... 25$00

JOÃO DO RIO

A Mulher e os Espelhos..... 8$00
Rosario da Illusão..... 8$00
Correspondencia de uma estação de cura (2.ª ed.)..... 7$00
Eva, 3 actos.. ..... 7$00
Bella Madame Vargas, 3 actos. 7$00
Que pena ser só ladrão..... 7$00
Na conferencia da paz, 2 vols. 10$00

WENCESLAU DE MORAES

Serões no Japão, 1 vol..... 12$00
Relance da alma japoneza, 1» 12$00
Edições especiaes em papel couché..... 25$00
Cartas do Japão, 3 vols..... 30$00
Ed. esp. em papel couché .. 60$00

JÚLIO DANTAS

Cartas de Londres 8
Como elas amam (3.ª ed.).... 8
Espadas e rosas (5.ª ed.)..... 8
Mulheres (6.ª ed.)..... 9
Sonetos (5.ª ed.)..... 4
Abelhas doiradas (2.ª ed.).... 8
Ao ouvido de M.me X (5.ª ed.). 9
Os galos de Apollo (2.ª ed.) . 8
Êles e Elas (4.ª ed.)..... 8
Arte de Amar (2.ª ed.)..... 8
O Heroísmo, a eleg.ª, o amor.. 6
Outros tempos (3.ª ed.)..... 8
Figuras de ontem e de hoje.. 8
Patria Portuguesa (4.ª ed.).. 10
O amor em Portugal no século XVIII (3.ª ed.)..... 12
Eva..... 10

TEATRO:

A Severa..... 8
D. João Tenorio, 6 actos..... 8
Rosas de todo o anno..... 2
1023, episodio em verso..... 2
Auto de El-Rei Seleuco..... 3
Um serão nas Laranjeiras... 8
A Castro..... 3
Sôror Mariana..... 3
D. Beltrão de Figueirôa..... 3
Primeiro beijo 2
Mater Dolorosa..... 3
D. Ramon de Capichuela.... 2
Paço de Veiros..... 4
Carlota Joaquina..... 3
Rei Lear..... 9
Santa Inquisição 6

L. A. REBELO DA SILVA

Contos e Lendas 6
Casa dos phantasmas 7
Lagrimas e thesouros..... 7
Odio velho não cansa 7
A Mocidade de D. João V (2 vols.) 15

PEDRO IVO

Sello (O) da Roda 6
Contos (no prélo)
Serões de inverno..... 6

SAMUEL MAIA

Sexo forte..... 8
Entre a vida e a morte 7
Luz Perpétua 7
Mudança d'ares..... 10
Por terras estranhas..... 4
Manual de medicina..... 15
Meu (O) menino 10

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00027413166